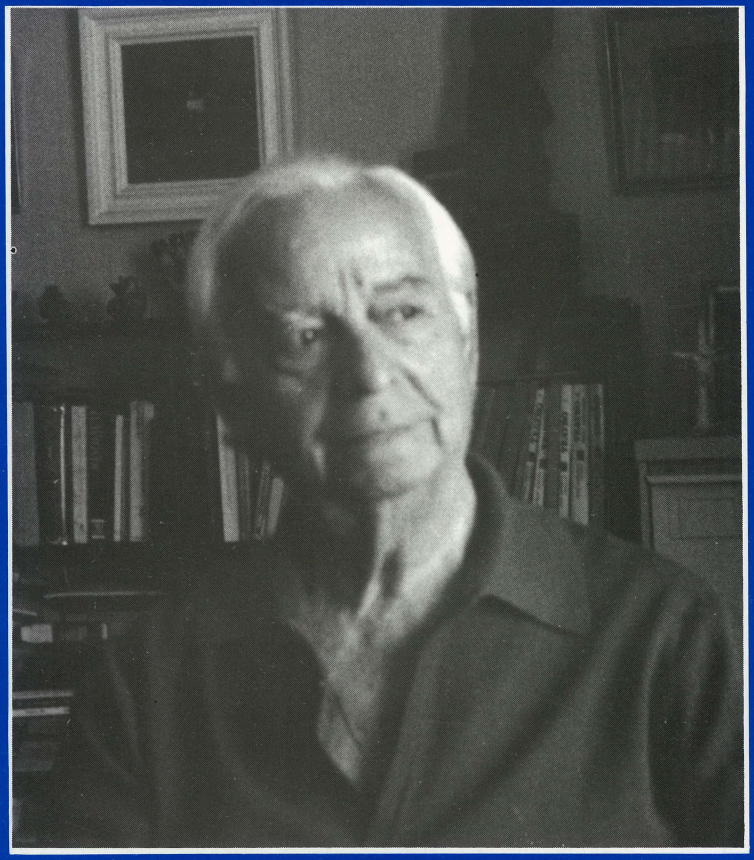
AGÁLIA

REVISTA INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA



EDUARDO BLANCO AMOR

N.º 33

PRIMAVERA 1993

DIRECÇOM:

Presidência da AGAL

CONSELHO DE REDACÇOM:

Isaac Alonso Estravis
José Ramom Chantada Acosta
Pedro Fernández-Velho
José António L. Taboada
Jenaro Marinhas del Valle
José Maria Monterroso Devesa
César Carlos Morám Fraga
Joám Carlos Rábade Castinheira
Henrique Rabunhal Corgo
José Luís Rodríguez
José António Souto Cabo
Jurjo Torres Santomé
In memoriam:
Ricardo Carvalho Calero

NOTA DA REDACÇOM

1. AGÁLIA reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.

2. A revista nom se responsabiliza da devoluçom de originais.

3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.

4. Todos os trabalhos publicados em AGÁLIA aparecerám com a normativa de carácter reintegracionista que defende AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego),* ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envio de originais por parte dos autores supom a aceitaçom desta norma.

5. Os textos assinados som da responsabilidade dos autores, nom se identificando, necessariamente, a Revista com os respectivos pontos de vista.

Imprime: VENUS artes gráficas, s, a.
Corunha - Dep. Legal: C- 250 - 1985
ISSN 1130-3557

CONSELHO ASSESSOR

GALIZA

José Agrelo Ermo
Mário Alonso Nozeda
Maria Luísa Andrade
Maria das Dores Arribe Dopico
Carlos Campoy
Denis Conles
Júlio Garcia Santiago
Alberto Garcia Vessada
Luís Gonçálex Blasco
Marcial Gondar Portasany
Ernesto Guerra da Cal
Maria do Carmo Henríquez Salido
Aracéli Herrero
Cláudio Lôpez Garrido
Aurora Marco
Higino Martínez Estêvez
Ramom Nogueira Calvo
José Posada
Domingos Prieto
Maria das Dores Rei Teixeiro
Ramom Reimunde Norenha
Manuela Rivera Cascudo
Felisindo Rodríguez
Joám Trilho Pêrez
Amália Vilhar Calvo
Xavier Vilhar Trilho

BRASIL

Leodegário A. de Azevedo Filho
Gladstone Chaves de Melo
Sílvio Elia
Reynaldo Valinho

MOÇAMBIQUE

Fátima Mendonça

PORTUGAL

Maria Luísa Baptista
José A. Fernandes Camelo
Mário Gomes dos Santos
Óscar Lopes
Albano Martins
José Luís Pires Laranjeira
In memoriam:
Manuel Rodrigues Lapa

RECEPÇOM DE ORIGINAIS: Apartado dos Correios 560. 15080-Corunha (Galiza)
Apartado dos Correios 289. 15780-Santiago de Compostela (Galiza)
ASSINATURAS: Apartado dos Correios 453. 32080-Ourense (Galiza)

AGÁLIA
Revista da Associaçom Galega da Língua

Núm. 33
Primavera 1993

SUMÁRIO

PÁGS.

Aos nossos leitores 3-4

ESTUDOS

Eduardo Blanco-Amor: Literatura e emigraçom, por Denís Conles Tizado ... 5-10

Blanco Amor e o teatro: umha relaçom permanente, por Joel R. Gómez 11-20

Blanco-Amor professor de galego e outros labores seus em Buenos Aires, por Higino Martínez Estêvez 21-28

Blanco Amor na narrativa galega, por César-Carlos Morám Fraga 29-36

NOTAS

Sempre em Áuria, por M.ª do Carmo Henriques Salido 37-46

Galiza em Portugal, por José M.ª Monterroso Devesa 47-51

ANTOLOGIA

Para sempre, por Nuno Da Pena 53-57

«Entresonho» e «Cavilação», por Ernesto Guerra da Cal 58-63

Passagem, por José Henrique Pêrez Rodriguez 64-66

A barca de pedra e *Emigração,* por Reynaldo Valinho Álvarez 67-71

Nomear Rosalia, por Luís Veiga Leitão 72

DOCUMENTAÇOM E INFORMAÇOM

Colóquio Internacional da Língua Literária Portuguesa 73-74

Docentes contra a repressom lingüística 74-75

Para o Pontífice Joám Paulo II o galego é como o português 75

Parecer da Associaçom Galega da Língua sobre o etiquetado em galego ... 77

A AGAL denuncia os comportamentos inquisitoriais da Direcçom Geral de Política Lingüística 79

Galiza acabou o ano 1992 com menos de um milhom de empregados 79-80

A Galiza, o galego e Portugal 80

Simpósio Eduardo Blanco Amor 80-89

Apresentaçom das Actas do III Congresso e o IV Congresso na cidade de Ourense 89-91

A AGAL apoia a proposiçom de Lei de mudar a vigente Lei de Normalizaçom Lingüística 93
Eleito o novo Conselho da AGAL 93-95
A AGAL dirige-se de novo à Comissom de Petiçons do Parlamento Europeu por nom ter respondido a nengumha das três demandas 96-100
Violada a liberdade de cátedra no Instituto de Bacharaleto de Chantada (Lugo). 100
Dom Ricardo Carvalho Calero, sempre em Galiza 100-102
Apresentaçom de «Poemas da luz e da loucura» 102-107
IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza-Homenagem a Ferdinand de Saussure 107-111
Memória da história 112-113

RECENSONS

Angústia ecológia e o futuro, por Joel R. Gómez 115-116
A semántica plural no poemário, por César Carlos Morám Fraga 117-121
«Mal de línguas», umha obra de denúncia e construçom, por Bernardo Penabade Rei 122-124
O cemitério de Santo Amaro, por Henrique Manuel Rabunhal Corgo 125

CORREIO 126

CAPA: Júlio Gaioso
FOTOGRAFIAS: Afonso Posada Gonçález, inéditas, realizadas na sua morada por volta de uns 15 dias antes da sua morte.

Aos nossos leitores

Palavras de Blanco Amor em conferência ditada no «Centro Gallego» de Montevideu no ano 1929: «Nuestros artistas tienen que entender que Galicia debe todavía crearse, o mejor dicho re-crearse y plasmar en todos nosotros una conciencia integral y profunda de ser gallegos». Nisso estamos, Eduardo, ou mais precissamente: nisso andamos, porque estar nom é o mesmo que andar. Estar, estám os que vendo colmadas as suas escassas ánsias de galeguidade com um som de gaita ou um «Ei carvalheira!» pensam que já todo está criado e podem seder tranquilos e satisfeitos na fonge poltrona da sinecura. Andar, andamos os que sabemos que ainda restam muitos e dificultosos passos que dar para o alcanço dessa conciência integral de ser galegos e andamos... nisso andamos, Eduardo.

A recriaçom da Galiza reclamada polo escritor que com este número Agália *se propom homenagear passa necessariamente pola reintegraçom da língua ao clam familiar em que nasceu, pola sua recuperaçom depurada dos vertidos estranhos que enturvam o seu fluir para que discorra limpo e transparente a engrossar o caudal do grande rio da cultura que frutificou nas trovas de amor e epigramas de mal dizer, quando um rei de Castela plangia em galego a morte do filho em idade agraz.*

Dizem as gentes que as palavras faladas as leva o vento. Também a palavra escrita é levada polo vento, mas com vela desfraldada e destreza de leme para arribar ao esteiro apetecido. Quem pretende governar a barca do galego a golpe de remo carece de ambiçom navigadora, nom teima chegar muito longe à descoberta de Índias. Para as dilatadas travessias oceánicas nom basta com o esforço do próprio braço, é necessário saber aproveitar a força dos ventos. O cuidado da língua escrita evita que a fala se veja dispersada polo vento e acabe por se perder como folha desprendida pola outonia.

A Associaçom Galega da Língua *inicia o número 1 de* Agália *com umha «Saudaçom» que revela este propósito e alcança agora o número 33 sem desviar-se do conteúdo de aquel editorial; mas ainda assim*

fôrom ficando para trás alguns colaboradores, assinantes e promotores de primeira hora. Se algum trascordou, lá el com o seu trascordo bem que um elemental dever de cortesia o obrigava a umha explicaçom. Os mais eludem-se por preguiza, por estimar que se outros trabalham e apoiam bem podem eles descansar. Atitude esta perigosa para o logro de qualquer empressa colectiva, nom convém deixar a obra em maos de uns poucos. Ainda se poderia admitir que se deixasse em maos de umha minoria porque se de umha minoria podem esperar-se grandes proveitos (som muitas as conquistas levadas a cabo por minorias) de uns poucos pouco se pode esperar. Umha minoria tem umha conciência comum, uns poucos podem nom ter em comum mais que o entusiasmo e o entusiasmo debilita-se e murcha face à indiferência e abúlia dos demais.

O Conselho de Redacçom mantém os mesmos objectivos do momento do seu nascimento na Primavera de 1985. Venham em boa hora minorias discrepantes às páginas da Agália *enquanto mantenham o projecto inicial que motivou a sua apariçom, seja cada número da revista umha movida sessom de congresso. Cumpra cada quem a missom que lhe dite a sua conciência a respeito da nossa língua e da nossa cultura. Tomemos o exemplo estoico, insubornável e infatigável da pedra fundamental da nossa fortaleça: Ricardo Carvalho Calero nunca reuiu o trato com nengum discrepante. Nom se deixe em maos de uns poucos um ambicioso empreendimento de todos que vem sumando logros dia a dia.*

Iniciamos um novo ano, como os anteriores em Primavera, tempo de esperança (os anos burocráticos dam começo em Janeiro mas os anos naturais nascem com a flor dos pexegueiros) e vai-se fazendo costume em tal evento dirigir-mo-nos aos leitores e assinantes que fazem possível a continuidade da revista que de nengum jeito querem ver convertida em obra de uns poucos. Ninguém o quer, por isso estas breves linhas pretendem ser como aquelas sereias de fábrica que nos alvores de cada dia soavam estrídulas chamando os operários para o trabalho.

Os ramos dos pexegueiros estám acugulados de flor, ha de vir corisco e ventos que desprendam as mais febles, ficarám as de mais forte arraigo e som as que darám os mais tamanhudos e saborosos frutos. Nom choremos pola flor caída, incapaz de resistir o mais leve sopro, e aceitemos a selecçom natural como um bem futuro.

Jenaro Marinhas del Valle

ESTUDOS

Eduardo Blanco-Amor: Literatura e emigraçom

Denís CONLES TIZADO
(Córdova, Argentina)

Quando tinha dezanove anos, Eduardo Blanco-Amor colheu o caminho de América. Quando regressou definitivamente à sua Terra, já era um homem sessentom. Entre ambos os acontecimentos rodou meio século. Meio século de emigraçom. Nesse longo e substancial período da sua vida, este homem formou-se intelectualmente e manifestou-se como homem de letras. O rapaz que deixava a sua Galiza natal para tentar a sorte em terras de além-mar, era um emigrante mais. O velho que deixava a Argentina para ir morrer onde nascera, era Blanco-Amor.

A vida de Blanco-Amor na emigraçom desenvolveu-se essencialmente na Argentina. Para sermos mais exactos, na cidade de Buenos Aires e na colectividade galega da grande urbe portenha. As suas estadias mais ou menos prolongadas no Chile, no Uruguai ou na Venezuela, e ainda as suas viagens, especialmente aquelas tam mentadas da década de 1930 que lhe deram um lugar entre a intelectualidade da Espanha republicana, nom chegam a modificar intrinsicamente a influência da formaçom argentina, isto é, argentina mais galego-portenha. Ele era perfeitamente consciente desse facto e tem-no expressamente reconhecido: «Eu tenho duas pátrias (imos-lhe chamar assim): umha real, natural, íntima e inesquecível, e outra empírica porque nela me eduquei, figem-me intelectualmente. A primeira é Galiza, e a segunda a Argentina» (1).

Podemos, pois, definir Eduardo Blanco-Amor, razoavelmente, como escritor galego da emigraçom; isto é, um escritor de origem galega, que vive fora da Galiza, num país ao que pode considerar ou nom a sua segunda pátria, preferentemente vinculado a umha comunidade de galegos emigrados, país e comunidade que contribuirom a formá-lo como homem e como escri-

(1) Víctor F. Freixanes, *Unha ducia de galegos,* Vigo, Galaxia, 1976, p. 87

tor, que escreve em galego, ou que também utiliza outras línguas mas a sua temática dominante é galega, e que, fundamentalmente, assume-se como galego.

Na formaçom e evoluçom do nosso escritor tem importância decisiva o meio social da emigraçom. O moço que desembarca no porto de Buenos Aires à volta de 1920, nom chega a umha terra verdadeiramente estranha. Um lugar-comum dizia que Buenos Aires era a cidade galega mais grande do mundo, que era a quinta província da Galiza. Seria um tópico, mas era certo. O jovem emigrante, que já vinha de andar «em tratos com livros grossos» (2), que já fora seduzido pola literatura, encontra umha cidade onde vivem arredor de meio milhom de galegos, onde existem centos de associaçons galegas, onde há festas, romarias, coros, prensa... E encontra também escritores, poetas, jornalistas, comediógrafos galegos e em galego; gentes preocupadas polos problemas e o destino da cultura galega, que se reúnem em tertúlias nos cafés e discutem de política, de artes, de ideias... Gentes que sonham com umha Galiza livre, democrática, progressista... Gentes que trabalham por Galiza, ainda quando saibam que o retorno à pátria é um sonho impossível.

Esse mocinho Blanco-Amor incorpora-se pronta e entusiastamente à vida cultural da colectividade, transita depois diversos caminhos —cada vida tem a sua própria aventura—, mas nom se afasta da comunidade dos emigrados e nunca —nunca— esquece a sua condiçom de intelectual galego. Na emigraçom inicia a sua vida literária. Esta é a verdade objectiva. As referências autobiográficas de Blanco-Amor, nesta questom e em outras, é mister tomá-las com cautela. Já sabemos que era homem dado a imaginar, a fabular, ou melhor, quiçá —como dizemos com mais indulgência os argentinos—, a *macanear.* Era um hábito assentado, possivelmente, no que o professor Carvalho Calero chama «o fundo infantil da sus mentalidade» (3). Assim, por exemplo, o nosso escritor atreve-se a afirmar com total tranqüilidade: «quando cheguei a Buenos Aires esquecim a poesia» (4), e ainda pode insistir nessa teima pouco tempo depois (5). Mas, simultaneamente, declara: «comecei a escrever os meus primeiros poemas galegos aos vinte anos» (6), o que quer dizer —e está comprovado— quando chegou a Buenos Aires e foi animado, sem dúvida, pola bulinte galeguidade da emigraçom.

O real e concreto é que foi na emigraçom onde Blanco-Amor se fijo escritor e desenvolveu a quase totalidade da sua actividade literária. Já em 1923 aparece como secretário de redacçom da revista *Terra,* que se dizia publicaçom da Irmandade Nacionalista Galega da América do Sul, repetia a forma e o espírito de *Nós,* estava escrita integramente em galego; e era dirigida por Ramiro Ilha Couto. *Terra* tem umha vida éfemera: apenas cinco números. Mas pouco depois o jovem ourensano passa a dirigir, junto com Eliseu Pul-

---

(2) Eduardo Blanco-Amor, *A esmorga,* Vigo, Galaxia, 1970, 2.ª ed., p. 10.
(3) Ricardo Carvalho Calero, *Letras Galegas,* AGAL, 1984, p. 282.
(4) Víctor F. Freixanes, ob. cit., p. 91.
(5) Carlos Casares, «Leria con Blanco-Amor», em *Grial,* 41, 1973, p. 339.
(6) Víctor F. Freixanes, ob. cit., p. 87.

peiro e Ramom Suárez Picalho, a importante revista *Céltiga*. Em 1928 publica seu primeiro livro, *Romances Galegos*. O segundo, *Poema em quatro tempos,* em 1931. E aqui interrompe-se a carreira de Blanco-Amor como escritor em galego, que se reabrirá vinte e cinco anos mais tarde quando apareçam, em 1956, os poemas de *Cancioneiro*.

Abre-se, entom, o seu período de escritor em castelhano, em que publica dous livros de poesia, *Horizonte evadido* (1936) e *En soledad amena* (1941); a sua primeira novela, *La catedral y el niño* (1948), texto fundamental no conjunto da sua obra, e algumhas peças de teatro. Já recuperado como escritor em galego, ainda aparece, tardiamente, outra novela, *Los miedos* (1963), a última em castelhano. Podemos deixar de lado, polo seu carácter mais ou menos circunstancial, os ensaios *Chile a la vista* (1951) e *Las buenas maneras* (1956). Fosse polo que fôr, a verdade é que a obra castelhana do nosso autor nom alcançou a ressonáncia que ele justificadamente esperava e que, sem dúvida, merecia. Dé regresso ao cultivo literario do galego como língua dominante, Blanco-Amor escreve os três textos mais significativos da sua obra: *A esmorga* (1959), *Os biosbardos* (1962) e *Gente ao longe* (1970), se bem esta última já nom é produto da emigraçom. Esta terceira etapa completa-se também com algumhas obras teatrais.

Como a maioria dos literatos galegos modernos, Blanco-Amor foi um escritor bilíngüe. Para Carvalho Calero —que classificou o nosso autor como novecentista em poesia e neo-realista em novela— os primeiros «fôrom desde mui cedo escritores bilíngües, nom resignados de nengum jeito à escética prática do galego» (7), e implicitamente compara Blanco-Amor com Rafael Dieste e Eugénio Montes. A comparaçom, porém, nom é válida. Dieste abandonou o cultivo do galego na mocidade, à volta de 1930, e praticamente nunca voltou a ele. Além disso, se bem o rianxeiro sempre mantivo a sua adesom ao galeguismo, nom participou, no seu longo exílio, da vida cultural, política e patriótica das colectividades de emigrantes. Pola sua parte, Montes, como se sabe, nom só abandonou o galego senom que apostatou do galeguismo. Nada disso aconteceu com Blanco-Amor, quem, apesar dos vaivéns da sua psicologia, sempre foi fiel e activamente galeguista. No caso do nosso escritor nom deve esquecer-se o factor formativo da emigraçom, pois ele, que nem sequer fora falante infantil do galego (8), apodera-se do galego como língua de cultura na Argentina, tratando de cingir-se ao que se falava entre os galegos de Buenos Aires (9), espécie de coiné de dialectos comarcais de toda a Galiza, embora a sua língua literária fosse, como em todo grande escritor, umha criaçom própria. A vida e, principalmente, o seu trabalho intelectual —jornalista, professor, assessor literário— num meio e país de fala castelhana impedia, como força da realidade, que se pudesse circunscrever ao uso exclusivo do galego.

---

(7) Ricardo Carvalho Calero, ob. cit., p. 280.
(8) Eduardo Blanco-Amor, *Xente ao lonxe,* Vigo, Galaxia, 1970, p. 22.
(9) Eduardo Blanco-Amor, ob. cit., p. 22.

Se Blanco-Amor nom se limitou a escrever em galego, também é certo que nunca deixou de utilizá-lo. No seu labor poético e novelístico podemos observar as três etapas que se assinalarom (predomínio do galego, do castelhano e novamente do galego), mas nos outros aspectos do seu trabalho intelectual sempre foi simultaneamente bilíngüe (jornalismo, conferências, liçons, teatro, etc.). Quanto a tentaçom de converter-se em poeta e novelista em castelhano, é lógico pensar que influirom razons poderosas e compreensíveis, como, por exemplo, o bom acolhimento que lhe concederom as figuras relevantes do exílio espanhol de 1939; as suas relaçons com a intelectualidade argentina, especialmente a partir do seu trabalho na editorial Emecé, e entre a qual —é fácil percebê-lo— queria ser reconhecido e aceitado. Mas parece que umha espécie de meigalho perseguisse a sua obra em castelhano (10). Quiçá os deuses intervinhérom para evitar que se desviasse da sua obriga moral como escritor galego, pois a volta a sua língua nacional foi, como se sabe, exitosa.

Outro assunto interessante de observar em Blanco-Amor é o da sua temática. Quem ler a sua obra poética e novelística sem conhecer a sua biografia, nom advertirá que foi um escritor da emigraçom. Esta circunstância, que era o drama de milhares de galegos, para nada figura como matéria da sua lírica nem da sua narrativa. A sua tetralogia de Auria —*La catedral y el niño, A esmorga, Os biosbardos* e *Los miedos*— todas obras escritas na emigraçom, constituem umha longa memória infantil do seu Ourense natal. Mas isto nom é umha particularidade do nosso autor, senom umha marca característica do escritor galego da emigraçom, que amostra sempre a sua preferência pola lembrança idealizada da pátria perdida. O tema da emigraçom nom aparece quase nunca. Umha espécie de complexo de Édipo intelectual impede-lhe contar, compreender, analisar, estudar um dos processos mais dramáticos e traumáticos da história galega, do que ele, curiosamente, é protagonista e testemunha privilegiada. O escritor da emigraçom, como qualquer outro emigrante, nom quer saber nem ver a emigraçom. Por isso nom existem novelas, contos, poemas que relatem a vida da emigraçom, e nem sequer existem diários nem memórias. Podemos exceptuar poucos nomes: José Neira Vilas, Luís Seoane, Mousés da Presa e algum outro. A emigraçom para América foi umha das mais grandes e polifacéticas aventuras do povo galego. A historiografia nunca chegará a olhar nem compreender a imensa variedade de situaçons e de matices humanos que integram essa gesta. Seria necessário o concurso da novelística para explicar e entender essa história. Mas o escritor da emigraçom nom soubo assumir esse dever, que ele só estava em condiçons de cumplir. Já se perdeu a memória de muitas épocas e sucessos, e o pouco que ainda se lembra há-se de perder também.

O mais grave é que, havendo desertado da sua obriga como rapsoda do seu povo emigrado, o escritor da emigraçom caiu com excessiva freqüência na difamaçom dos seus compatriotas, porque estes nom se comportavam de acordo com as normas que aquele elaborava na torre de marfim. Por isso Cas-

(10) Basilio Losada Castro, «Os biosbardos», em *Grial*, 33, 1971, p. 370.

telao, que se sentia cómodo entre os emigrados, chamava-lhes a muitos desses intelectuais, com a sua habitual ironia, «os mártires do Tortoni» (11).

Também Blanco-Amor caiu algumhas vezes na crítica malévola e injustificada da colectividade emigrada e tem-se queixado amargamente da sua ingratitude, o que nom se ajusta à realidade pois ele sempre foi reconhecido e respeitado. Se tivo umha opiniom pessimista sobre a sua vida na emigraçom —«um jeito de perder o tempo como outro qualquer» (12)— a culpa nom foi da emigraçom, senom da sua incapacidade para compreendê-la. É lamentável, porque ele chegou a vislumbrar qual era a obra que devera ter feito — «pero nom escrevim em cámbio a novela que devim fazer, umha novela sobre Buenos Aires que me anda agora na cabeça» (13). Se houvesse sabido ver com olhos limpos aos seus irmaos emigrados, sentir a sua saudade, chorar os seus infortúnios, expliçar as suas crises de identidade, acompanhá-los no difícil caminho do desterro, possivelmente teria um conceito melhor da sua própria vida. Quiçá o drama intelectual de Blanco-Amor tenha consistido na dicotomia existencial dos escritores da emigraçom: terem sido fiéis à Terra e infiéis a sua gente, os emigrantes galegos.

---

(11) Famoso café de Buenos Aires, na Avenida de Mayo, freqüentado por intelectuais, no que também se reuniam alguns exilados galegos.
(12) Eduardo Blanco-Amor, ob. cit., p. 22.
(13) Carlos Casares, ob. cit., p. 342.

Blanco Amor e o teatro: umha relaçom permanente

Joel R. GOMEZ

I. INTRODUÇOM

Eduardo Blanco Amor é umha das figuras mais complexas, e completas, da nossa cultura. Durante os seus 82 anos de vida, este criador e intelectual mergulhou em quase todos os campos: poesia, novela, teatro, ensaio, crítica, oratória, crónicas de viagens... Para além de todo isto, exerceu de jornalista, de catedrático de Declamaçom, de professor de galego, de promotor de publicaçons, de fundador de grupos dramáticos, de tradutor, de corrector de estilo, de dirigente de entidades como a Associaçom Galega de Universitários Escritores e Artistas na emigraçom... Foi umha personalidade polémica em muitos aspectos, polémica por vezes buscada por ele próprio. Umha personalidade, enfim, perante a qual resulta dificil a indiferença.

Possuidor de muitos saberes, conhecedor do instante em que aparecer, e como, para atingir a efectividade dos seus propósitos, com umha ironia e intençom sempre presentes no seu modo de ser e escrever, com umha delicada cortesia e comportamento, como corresponde a quem foi autor de um manual de urbanidad intitulado *Las buenas maneras* (1), este autor é hoje, com toda justiça, um dos mais egrégios e sobranceiros nomes da nossa literatura.

Também no teatro a sua representatividade é para ter mui em consideraçom. Porque foi quase todo na arte de Talia: desde autor a director; mesmo podemos considerá-lo actor se atendemos à sua teoria de que «el intelectual representa su propio ser, se delega a sí mismo, es actor único de la tragedia o de la comedia, o de la tragicomedia, en que su existir consiste» que deve «representarse en la convivencia» (2).

Neste trabalho que me encomenda a Associaçom Galega da Língua vou fixar a minha atençom em aspectos relacionados com Blanco Amor, desde

(1) Obra reeditada em Vigo, em 1983, por «Edicións Xerais de Galicia».
(2) «La chispa», in «Hoja del Lunes», Ourense, 25-IX-1967.

a focagem da pesquisa jornalística. Parece-me impróprio que, compartilhando esta mesa redonda com figuras como Manuel Vidal e Maximino Queizán, muito mais conhecedores (como tantas outras pessoas na Galiza) da significaçom blanco-amoriana nas nossas letras e na nossa dramaturgia, queira arvorar-me em intérprete do que estes admirados directores controlam e estudárom bem melhor do que eu e com mais conhecimento de causa.

II. INÍCIOS E EMIGRAÇOM

Ainda nom contava Eduardo os dez anos quando pisou um teatro por vez primeira. Aconteceu «pongamos 1905 ó 1906», no Principal de Ourense. Aquele dia (3) actuava a tuna de Compostela e foi também a primeira vez que viu Afonso Daniel Rodríguez Castelao, quem intervinha como um tuno mais. «Por aquel tiempo —escreve, ao rememorar o instante— el espectáculo teatral imponía la dignidad del atuendo, y, además de las palabras y los ademanes. La gallofa, a veces muy agresiva, tenía el gallinero para sus desahogos. Ahora todo va siendo gallinero; con los despechugamientos, los gritos y las patazas en el respaldo de la butaca de enfrente. En aquella ocasión llenaban el teatro los grandes apellidos orensanos, las autoridades y fuerzas vivas, los nuevos linajes maragatos y quizá algún 'chueta' occidental, y rezador insigne, de las viejas juderías gallegas de este obispado y provincia».

Emigra a Buenos Aires em 1919. Em 1933, num dos seus «regressos», contacta com «La Barraca» de Federico García Lorca (4). Com tal ensejo conheceu a companhia de Margarita Xirgu, que com parte dela fundaria na capital argentina, na década de 40, o Teatro Español de Cámara «El Tinglado». Com este grupo «móveo un propósito de acción cultural: actualizá-lo teatro clásico español con obras menores, cheas de fresco humor (sainetes de R. de la Cruz, entremeses de Calderón, Lope de Rueda, Cervantes, A. Casona e estampas románticas como El y Ella de A. de las Casas). El mesmo escribe, a mediados dos cincuenta, a obra inédita 'Opera en tres actos', na que dá vida ós personaxes do famoso libro do Arcipreste de Hita. Tamén sería profesor da Comedia Nacional de Buenos Aires» (5).

Em Julho de 1957, também em Buenos Aires, constitui-se o «Teatro Popular Gallego», igualmente sob a direcçom deste ourensano. Na sua *Xustificación,* assinala-se (6): «Entre as aitividades culturaes de Galicia, o teatro ten sido a menos siñificativa. Ainda nos instantes de mais punxente renacencia, esta laboura fundamental nas xeiras de afirmación espiritoal dos povos en precura da sua eispresión, non ten acadado, na nosa terra, importanza que

---

(3) Rememora este facto em «La Región», os dias 22, 23, 24 de Janeiro e 17 de Fevereiro de 1970.

(4) Entre os vários testemunhos que existem deste instante, veja-se a entrevista que concedeu a Moisés Pérez Coterillo, no número 73 da revista *Reseña* (Madrid, Março 1974).

(5) Pérez, Luis: prólogo a *Proceso en Jacobusland* de Eduardo Blanco Amor. Ed. Sotelo Blanco, Biblioteca do Arlequín, Santiago, 1990, pgs. 12-13. Tanto aquí, como nos restantes casos em que neste trabalho se reproducem textos em galego, respeita-se a grafia do lugar onde som tirados.

(6) Texto reproducido em *Los gallegos en la Argentina,* de Alberto Vilanova Rodríguez; Ed. Galicia, do Centro Galego de Buenos Aires, 1966, no tomo II, pp. 1016-17.

se poda situar a rentes das outras disciplinas literarias: poesía, ensaio, novela, etc. Polas razós devanditas, e a carón do feito de que a cibdade de Buenos Aires configura a meirande forma de convivencia en que se axuntan as xentes da nossa caste, uns cantos galegos animosos pómonos dende eiquí, a tarefa de orgaizar un instrumento de eispresión escénica galega que, agás a sua modestia, arela nivelar tan magoante déficit na aición da nosa cultura. Para asegurarnos a continuidade indispensábel que afirme as nosa primeiras pasadas, a nosa aitividade nace xunguida a un criterio realista na consideración das posibilidás ambentaes em que temos que aituar; a un criterio inicial posibilista que enxergue as condiciós maioritarias do púbrico diante do que imos a traballar. Non se trata de escoller a liña do minor esforzo, senón de encetar a nosa laboura asegurándolle unha continuidade que consinta o comenzo dunha tarefa evolutiva até cobizas de maior pulo e calidade. Pra iso, o que primeiro precisamos é non botar o púbrico con intentos prematuros, senón axeitarnos ó estado aitual da sua sensibilidade e das suas preferenzas tradicionaes pra ir criando níl degoiros de mais outa xerarquía. Esto non quer decir que nos vaiamos a conformar coas vellas choqueiradas do 'costumbrismo' de geada e castrapos falsamente enxebres. Dentro das limitacións que, de comenzo, nos fixamos, temos en conta a dinidade do idioma, a decencia dos temas escénicos e a ouxetividade da tipoloxía, sin deformaciós caricaturescas pro tamén sin estilización valeiras e innecesarias. Na *Escola do Teatro Galego* que temos mentes básicas que os vaian preparando para dar complimento ás exigencias que o noso propio crecimento espritoal e do noso púbrico ha de irlles demandando. Si o intento se mágoa, culpa será doutros faitores non apuñibres ó noso entusiasmo e a nosa capacidade de traballo a prol do esprito da Nosa Terra».

Este grupo tem enorme interesse, dentro do panorama do teatro galego na emigraçom. Citando, de novo, a Luís Pérez (7) «o teatro galego destes anos en Bos Aires ten que axeitarse para un público de emigrantes e segue unha liña popular na que se valora o teatro de costumes, defensor dos valores morais dun pobo e que actúa na sentimentalidade dos emigrantes. Será a partir da representación de *Os Vellos...,* de Castelao, e o teatro de Blanco Amor, L. Seoane, R. Dieste, I. Díaz Pardo, Valenzuela, cando se procure unha concepción técnica que supere o elemento folclórico». Em opiniom do grande actor Tacholas (8), esta companhia dirixida por Eduardo «foi o derradeiro esforzo teatral galego en Bos Aires».

Na sua etapa de emigrante, Blanco Amor viu publicadas duas ediçons das suas *Farsas para títeres,* em 1953 na Argentina e nove anos depois no México. Segundo explica no prólogo da posterior ediçom galega (9) escreveu um total de 18 farsas durante a guerra, concebidas «pra monifates polémicos e

---

(7) Pérez Rodríguez, Luis: «Breve Historia do teatro galego na Arxentina». *Cadernos da Escola Dramática Galega,* número 89; Corunha, Março 1991.

(8) Citado por Luís Pérez nas duas obras anteriores (5) e (7).

(9) Blanco Amor, Eduardo: *Farsas para títeres.* Em Ed. do Castro, Corunha, 1973. (Volume reeditado em 19917.

vindicativos, casi todas foron argalladas entre 1937 e 1943». Também foi um grande espectador «largamente abonado a una localidad del 'gallinero' (10)».

III. REGRESSO A GALIZA

Naquela altura, na Galiza, nom se pensava ainda no teatro. Como explica Manuel Lourenzo (11), «en los años cincuenta, cuando surge la primera editorial gallega de posguerra, Galaxia, el teatro todavía es utopía».

Em 1964 regressa Eduardo definitivamente da Argentina. O seu contacto com a realidade do país nom resulta grata e a adaptaçom revela-se-lhe difícil. Em 1971 (12), confessa num artigo como «yo, que no soy más que un emigrante, me siento una especie de exiliado de regreso, de 'tolerado' como dice de las películas cierta crítica de sacristía; de tipo entrometido y que resulta incómodo».

Interessa-se polo teatro que se podia ver naquela altura. Em 1968 (13), num comentário crítico sobre umha encenaçom de «Cara de Plata», de Valle Inclán, escreve: «Galicia carece de elementos —directores, actores, escenógrafos, figurinistas, músicos, iluminadores— capaces de ensamblar al creador, ya indiscutido, de una rama del teatro del mundo en lengua castellana, en el modo universal del teatro sin perder sus esencias gallegas». Isso deve-se «en primer lugar al proceso degenerativo de la conciencia cultural gallega, al hecho innominable de haber cambiado nuestro país los ojos de su autenticidad por el rabo de una visión cursi, foránea, minusculera, comarcal y sin perspectiva». Neste mesmo artigo amostra o seu respeito para com o trabalho do director ourensano Segundo Alvarado «más a pesar de todo —matiza— siempre pesarán sobre su fervorosa andadura circunstancias tam limitadoras como su pobreza de medios económicos y técnicos y de sus actores estupendos pero adolescentes por reglamentación».

Blanco Amor tenciona ligar-se ao mundo da farándula. Em 1971 (14), durante umha das suas viagens a Barcelona, comenta como «me llamó Ricard Salvat para colaborar en el arreglo del texto y 'puesta en voz' de una obra de Lope de Vega (El Caballero de Olmedo) para el Teatro Nacional que él dirige y que luego irá por España adelante». Neste mesmo trabalho anuncia que «algún teatro experimental matina tener mis farsas en escena mientras nuestra merítisima y brillante agrupación teatral orensana lo está pensando va para tres años».

No ano 1973 editam-se na Galiza as suas *Farsas para títeres.* Coincide com um instante importante do nosso teatro, pois na altura começava a «Mostra de Ribadávia», em cuja primeira ediçom, entre os sete espectáculos representados, figurava *Romance de Micomicón e Adhelala,* de Eduardo, polo grupo

---

(10) Assim o revela em «Pequeña memoria con Falla y García Lorca», in «La Voz de Galicia», Corunha, 9-9-1977.
(11) In *Camp de l'arpa,* no número 75, de Maio de 1980, num monográfico sobre literatura galega, sob o título «¿El teatro? Está servido».
(12) «Carta», in «La Región», Ourense, 12-II-1971.
(13) «Valle Inclán en 'Trasacordo'», in «Hoja del Lunes», Ourense, 8-IV-1968.
(14) «Carta», op. cit.

compostelano «Rosalia de Castro». As suas *Farsas...,* como aconteceria posteriormente com *Teatro pra a Xente* (15) contariam com sucessivas representaçons nos anos seguintes, e até hoje.

No ano 1973 escreve *Proceso em Jacobusland,* que sofreu a censura no seu primeiro intento de publicaçom três anos depois. Com este som catorze os textos concebidos para teatro que até hoje se podem achar, editados na Galiza, da sua autoria. No prólogo da ediçom galega (5) Luís Pérez relata como o autor era consciente de que a obra nom ia superar as exigências da censura «pero el non 'maquillou' o texto; impedíallo a súa dignidade persoal». Pérez assinala como Blanco Amor estava «ilusionado en crear unha conciencia popular galega, na que tiña un papel fundamental o teatro» e leu esta peça a começos de 1974 na casa de Montserrat Modia e Manuel Lourenzo, em companhia de Francisco Pillado, M. Pérez Romero, A. Vega Fernández, Joám Guisám e Manuela Vega Vega.

Sobre isto, o próprio autor relata (16) como «De la edición de *'Farsas y autos para títeres',* en la Colección de Teatro para el Diálogo (1976) fue arrancada de los ejemplares ya impresos y encuadernados una pieza inédita, *'Proceso en Jacobusland',* traducida del gallego, 'cazada' a nivel del registro de propiedad, que asumió en el breve plazo de la dictablanda los poderes discrecionales e inquisitoriales de la censura presuntamente abolida...». Já antes (17), noutro trabalho jornalístico anunciava como projecto «un libro, *'Teatro prá Xente',* de inmediata aparición 'si el tiempo no lo impide...'», palavras que podem interpretar-se talvez como problemas com a censura.

Luís Alvarez Pousa (18) informa que em 1974 existiam «quince grupos de teatro experimental que hoy recorren las ciudades y pueblos de Galicia». E acrescenta: «Actualmente es tal vez Eduardo Blanco-Amor el único autor que está en la onda. Una de sus piezas, *Romance...* está siendo representada dentro y fuera de Galicia con gran éxito popular».

Como prova do seu entusiasmo com o mundo teatral galego da altura pode verse a sua crónica da «Mostra de Teatro de Ribadavia» do ano 1974 (19).

IV. A CRITICA

Comentava ao início deste breve trabalho que Eduardo foi umha figura polémica. Isto também aconteceu com o seu teatro. Ricardo Carvalho Calero, na sua imprescindível *Historia da Literatura Galega Contemporánea* (20) sustém que «Unha serie de *Farsas para títeres,* que o noso escritor compuxo en castelán, seguindo en xeral unha liña de estridencia esperpéntica, e que el mesmo traduciu ao galego, non poden ser ouxeto de consideración nesta His-

---

(15) Blanco Amor, Eduardo: *Teatro pra a xente.* Ed. Galaxia, Vigo, 1974.
(16) «Uno y lo otro», in «La Voz de Galicia», Corunha, 9-IX-1977.
(17) «La pequeña grande historia», in «La Voz de Galicia», Corunha, 28-X-1973.
(18) «Cultura Gallega», in «Reseña», número 73, de Março-1974.
(19) «Xornadas exemprares», in «La Voz de Galicia», Corunha, 30-VI-1974.
(20) A citaçom é da terceira ediçom, Ed. Galaxia, Vigo, 1981; p. 719.

toria, fora da noticia bibliográfica, por estar concebidas e executadas sobre supostos alleos á literatura galega, na que só poden estimarse integradas polo feito material da versión».

O próprio Blanco Amor reconhece na *Xustificación pra os lectores galegos* que precede a ediçom das *Farsas...* tal circunstância e indica «non ten porque me agradecer o telas escrito, prégolle ao lector galego que me compadeza por o traballo de telas traducido coa mínima perda posible na trasega» (21).

No entanto, outras vozes si considerárom que nessas obras se reflecte Galiza. Pilar Rus Gascón (22) interpreta que em *Estoraque* «a oposición entre unha sociedade arcaica e estática, a sociedade galega da infancia de Eduardo, frente da apertura que supuxo para tantos emigrantes desta terra o Novo Continente, amósanos unha clara simpatía cara os indianos na personaxe de Pancha».

As peças deste autor fam alvo no mundo teatral galego. Miguel Pérez Romero (23) destaca que «os diferentes espectáculos que se montaron sobre un mesmo texto viñeron demostrar a riqueza de interpretacións que permiten» e propom «replantexar a 'relectura' duns textos e dun autor teatral que teñen actualidade».

Maximino Queyzán (24), quem montou vários espectáculos baseados em textos deste autor, indica que Eduardo «é un home de teatro, coñecedor da problemática escénica» e califica a produçom blanco-amoriana como «un teatro que parece fácil, asequíbel, lixeiro, porque é ameno e divertido. Paradóxicamente resulta difícil a sua posta en escena, xa que unha visión mais fonda no-lo presenta elaborado e maduro» porque há que respeitar a sua «riqueza de matices sen terxiversar a súa intencionalidade e a súa magnífica proposta de expresión plástica ao mesmo tempo». Queyzán sustém que estava a tratar com Eduardo sobre a estreia de *Anxélica...* no Outono de 1979, pouco antes da sua morte. E opina a respeito desta farsa que «a fina ironía do seu diálogo e, mais que nada, o gracioso equilibrio, son cualidades que fan dela unha das mellores obras do teatro galego».

Manuel Lourenzo e Francisco Pillado (25) valoram que «Hai sempre neste teatro un trasfondo de tema popular sobreactuado pola filigrina verbalista do autor».

V. PREOCUPAÇONS E CONTEÚDOS

As preocupaçons deste polígrafo ourensano sobre o teatro forom mui diversas. Um seu artigo de 1971 (26) criticava como o conservatório de Ourense

---

(21) No prólogo de *Farsas...*, Ed. do Castro, 1991; p. 19.

(22) Rus Gascón, Pilar: «Conflito ou integración nas farsas de Eduardo Blanco Amor (Unha réplica feminina a esta problemática)», in *Cadernos da Escola Dramática Galega,* número 77, Corunha, Maio 1989.

(23) Pérez Romero, Miguel: «Actualidade do teatro de Eduardo Blanco Amor», in Revista *Don Saturio,* número 2; Ferrol, Janeiro-Fevereiro 1981.

(24) «Teatro Popular Queyzán: Homaxe a Blanco Amor», in *Don Saturio,* número 2, op. cit.

(25) In *Antoloxia do Teatro Galego,* pgs. 367-368, Ed. do Castro, Corunha, 1982. Estes dous investigadores fam um mais amplo estudo do teatro de Blanco Amor em *O teatro galego,* Ed. do Castro, 1979; pp. 107-109.

(26) «La mala suerte (y5)» in «La Región», Ourense, 12-VII-1971.

«creado para más altos fines, diluye su tarea en una docencia apenas infantil y carece, según creo, de cátedras vocales y de escuela de teatro». No final da década de 60, desde as páginas do jornal ourensano «La Región», promoveu umha intensa campanha em prol de umha Casa de Cultura para a cidade, pois naquele momento carecia dela. Seguramente entre as suas ideias estava a utilizaçom para o teatro de semelhante equipamento cultural.

Polo que se refere ao conteúdo das suas obras, há que ter em conta que para este autor as «gracias del alma» som «inteligencia, bondad, solidaridad» (27). Opina, aliás, que o galego é um ser «escéptico de nación y humorista de vocación». Para além disso, «los claroscuros, el tremolo íntimo, la perplejidad 'de fondo' a través de la 'aparente' convicción exterior, son matices expresantes y 'sine qua non' del alma gallega» (28). Porque «Galicia no es un pueblo de filósofos maniáticos ni de afirmadores fanáticos —total, ¿para qué?—, si no de vacilantes fecundos, de poetas vitales y de humoristas más bien melancólicos pero de ningún modo tristes» (29).

Noutra ocasiom (30) escreve: «El gallego, sea porque lo pensó o porque se lo dijeron tanto que acabó por creerlo, es el único capaz de generalizarse mediante 'virtudes' negativas no sólo respecto a su representatividad, visto desde fuera, sino respecto a su tierra y a su amor por ella, que no hay que confundir con la 'arroutada', forma, a su vez, sustitutiva de la normal dosis de agresividad inherente a la vida en común».

Todo isto está nos seus textos dramáticos, nos quais se reflectem as vicissitudes de um povo postrado que se resiste a perder a sua identidade, mas que anda desnorteado. Um povo que, como as personagens de *Os baralláns,* tem palavras de mais para questons que nom transformam o seu dia-a-dia; cauto, como a «Curuxa primeira» de *Fas e Nefas,* quando adverte à sua companheira que cumpre andar com tino antes de serem «desenmeigadas» porque «nós non somos curuxas sinón faisáns enfeitizados, i en canto nos desenfeiten imos parar á pota ou ao espeto...»; solidários, como Fas a respeito de Nefas, que sabe desemascarar as trampas para ajudar o companheiro; personalidades, enfim, humildes, que diferenciam bem quando os querem chatear, como lhe acontece a Lameiro a respeito do moço fidalgo Miranda, a quem dá o seu merecido seguindo-lhe o jogo, em *A carauta;* que se rebelam contra o poder da Igreja, como as personagens de *O cantar dos cantares* ou a *Tía Lambida;* que, como Raposo, pleiteam «non polas cousas, pleitéase pola razón» e adverte a Adulia que «na miña casa aos xantares de romaria non se lles daba tanto aprecio polo que se comía sinón polo que sobraba...».

A realidade do castrapo imperante na altura —ainda hoje!— em que forom escritas as suas obras, a também realidade de personagens que nom entendem bem o espanhol («e do inquérito que se fixo por toda a parroquia,

---

(27) Blanco Amor, Eduardo: *Volviendo a Ortega y Gasset,* Ourense, 1970, p. 7.
(28) «Valle Inclán en 'Trasacordo'», op. cit.
(29) Blanco Amor, Eduardo: *El Padre Feijoo, tema con variaciones,* Vigo, 1966, pp. XLIII-XLIV.
(30) «Lo real, lo virtual», in «La Voz de Galicia», Corunha, 12-XI-1972.

resultou que somentes o crego, o mestre, o sarxente e un que estivera en Puerto Rico, saían que é subversivo; e iso con moitas difrencias nos detalles», argumenta o «Defensoiro» perante o «Presidencio» en *Proceso...)* ou que utilizam umha linguagem de duplo sentido nom isenta de retranca (como em *A medosa Blandina),* nom faltam nas suas propostas. A respeito da língua, no entanto, e como bem dirám outros participantes neste simpósio, eu creio que, considerado no contexto do seu tempo, foi um dos autores que mais claro enxergou o reintegracionismo (31), e acham-se com facilidade amostras nos seus textos. Como as referências à emigraçom, à guerra de 1936; a personagens que como Fas ou Raposo chegam a duvidar da própria identidade perante umha realidade enganosa.

Porque, como assinala o «Defensoiro» em *Proceso...,* os vizinhos desse povo «son, cando moito, súbditos que quer decir sometidos» a quem, como afirma o «Paisán», lhes dói «a vida». Este «Proceso...» é umha peça em que Eduardo carrega as suas iras contra o papel representado pola Justiça (como acontece noutras amostras da sua produçom literária), cuja imagem descreve nesta obra «co ollo esquerdo vendado de roxo e mordaza azul na boca» e cujo «Presidêncio» do «Tribunal de Inxusticia en Jacobusland» responde a tal «Paisán» que «os presuntos sodes cen, mil, un millón, trinta millóns. Todo-diós é presunto mentres non amose o contrario».

VI. ALGUMHAS IDEIAS FINAIS

E acabo. Seguro que os dous directores de teatro que me acompanham neste prestigioso foro poderám fornecer-nos avondosos dados sobre a dramaturgia blanco-amoriana, um autor de permanente relaçom como o mundo do teatro, até a sua morte. Porque tanto Manuel Vidal como Maximino Queyzán conhecérom e tratárom estreitamente Eduardo, para além de terem estreado várias das suas obras.

Talvez mesmamente estes dous trabalhadores das nossas tábuas, amigos do autor aqui homenajeado hoje, e estudiosos das suas propostas cénicas e personagens, nos saibam também responder a aquelas perguntas que Eduardo pom no prólogo de *Los miedos* (32): «¿En cuál de sus personajes está él? ¿En cuántas de estas vidas se fragmenta su ser auténtico, su ser rechazado o su ser idealizado?».

Porque duas cousas estám claras: na década de 90 Blanco Amor continúa a ser um autor de moda nos cenários do país. Se tomamos como referência o inventário de teatro galego publicado em 1991 (33), esse ano havia 13

---

(31) Veja-se, por exemplo, a hipótese que pom em «Una posición personal», in «La Voz de Galicia» de 15-XI-1978, com umha visom histórica sobre a sorte do nosso idioma e as possibilidades de ter mudado «si Felipe II se hubiese decidido por establecer la corte en Lisboa y dar comienzo a una política de alta arboladura atlántica...». Blanco Amor conhecia bem a História de Portugal, e noutro dos seus trabalhos, «Para una ética de conjunto», publicado no jornal «La Voz de Galicia» de 22-XI-1978, ele já falava do «sentido integracionista de Oliveira Martins». E som estas só duas amostras.

(32) Blanco Amor, Eduardo: *Los miedos,* Ed. Destino, Barcelona 1963, p. 14.

(33) In *Información Teatral,* revista galega de teatro, número 7; Vigo, Primavera/Verán 1991, p. 53-74.

grupos, desde profissionais a escolares, que tinham espectáculos baseados em textos deste ourensano; grupos de localidades bem diferentes como Santiago, Vigo, Ourense, Ribadeu, Salvaterra, A Estrada, A Canhiça, Carvalhinho ou Salzeda de Caselas (com quatro montagens de *A tia lambida,* três de *O cantar dos cantares,* duas de *Juan el pantera,* e outras de *Micomicón, Estoraque, Os baralláns, Un refaixo, Fas e Nefas* e *A medosa Blandina.* Sem dúbida, dos autores mais representados); e, para rematar como comecei, Eduardo ainda é bastante desconhecido, como corresponde a umha figura que, para além da sua intensa actividade intelectual e ourensanismo indissimulável, assegura que «yo también llevé melenas, fui buen nadador y me interesé por las glorias del deporte orensano hasta el extremo —siendo vicepresidente del Victoria C. F. con Zenitran como presidente— de haber organizado los primeros Juegos Olímpicos orensanos con galardón principal del rey Alfonso XIII» (34).

Oxalá, neste 1993, estas e outras facetas de variado tipo de Eduardo sejam melhor conhecidas, polo bem da nossa cultura e do nosso país. Entre essas cousas, também seria bom pescudar sobre «O Barallete», um texto por ele anunciado (35) de que, ao menos até hoje, nom tenho notícia da sua prublicaçom.

Há que reconhecer o acerto, nesta ocasiom, da Real Academia Galega ao eleger este criador para as Letras Galegas, assim como o da AGAL ao ser a primeira entidade que se soma à efeméride. Esta minha intervençom pretende ser umha homenagem desde o jornalismo a umha figura, tam respeitada e admirada, cuja amizade nos instantes finais do seu existir constitui para mim umha verdadeira honra.

Milhadoiro, Janeiro de 1993

(34) «Lo local, lo cultural», in «La Región», Ourense, 20-V-1968.

(35) Fala dele em «Una posición personal» (op. cit.). Neste artigo, ao relatar a sua producçom literária em galego assinala ter duas obras inéditas: *Proceso en Xacobusland* e *O barallete,* ambas «de próxima aparición» segundo consta no citado texto.

Blanco-Amor professor de galego e outros labores seus em Buenos Aires

Higino MARTÍNEZ ESTÊVEZ
(Buenos Aires)

O meu contributo para a biografia de Eduardo Blanco-Amor é parvo, mas original e congruente com o que nos motiva e congrega: o nosso idioma e o seu ensino. Ele foi o meu primeiro professor sistemático de galego e um dos mais férteis havidos tanto na Galiza quanto na diáspora. Também é certo que esse foi o único contacto pessoal que com ele tivem. Dessa experiência falarei adiante. Mas, antes disso, quijera registar alguns outros dados que cheguei a recolher sobre trabalhos remunerados que desempenhou em Buenos Aires, nos longos anos que aqui permaneceu.

Blanco-Amor bancário.

Inda que nom estou absolutamente certo da ordem seqüencial, cuido que, se nom o primeiro, um dos primeiros trabalhos que realizou foi no extinto *Banco Español del Río de la Plata,* instituiçom quase mítica que entre 1890 e 1914 fora a entidade financeira mais forte do mundo de fala castelhana. A crise do 30 estalou tarde nele no 35. Nesse ano sucedeu-no outro banco de igual nome, mas já nom potência financeira internacional como aquele, que fora símbolo da Argentina exportadora de trigo e carne que enviava milionários a Paris. De passagem, dessa explosom emergeria também o Banco Central de Madrid, hoje integrado no Banco Central Hispano, cujo principal edifício madrilense fora dantes o da sucursal espanhola «central» daquele. O acaso fijo que eu também trabalhasse, muitos anos depois dele, no segundo Banco Espanhol, hoje também liquidado. Seria por 1965: Na Secretaria Geral redigíamos a correspondência de toda a casa matriz. Alguém, sabedor de que eu fora o seu aluno, mostrou-me umha sua missiva ao banco relativa a umha pensom que este lhe transferia. Nela, em escrita gostosa, rodeava umha solicitude com comentos que incluíam a notícia de ele ter sido também agente do banco, o que me orgulhou profundamente.

Nom estou en condições de precisar os anos desse labor, mas suponho terem sido antes do 35. Anos depois, nos últimos oitenta, sendo eu secretário do banco, no crepúsculo deste, soubem que esse cargo fora desempenhado nas épocas floridas por um logronhês chamado Florentino Monasterio, que nos seus anos moços fora companheiro de trabalho e amigo entranhável de Blanco-Amor. Também soubem que dele conservava memória admirada e fazia defesa acesa quando quadrava. Quando isto soubem, já estava retirado. Este senhor, viúvo sem filhos mas com muitos sobrinhos, é nonagenário e ainda vive, bem afastado. Um par de vezes foi consultado por historiadores vindos da Galiza na procura de dados de Blanco-Amor. Sei-no bem porque fum eu quem os orientou par ele. Também sei que se fechou, hipersensível a todo o que lhe suscita a mágoa do tempo perdido. Se é que as pessoas, como di Borges, reflectem os caracteres dos seus circunstantes luminosos, talvez quadre acrescentar que o senhor Monasterio tinha forte personalidade, estilo barroco exasperado, um cúmulo de leituras e umha credulidade pasmosa. Solteirom, casara tardamente com umha senhora italiana que nom lhe deu filhos e cuja morte o afectou fundamente. O caso é que o homem cria cegamente e confessava com sigilo e íntimo orgulho a sua mulher ter sido filha secreta de Gabriele D'Annunzio e a Eleonora Duse. A fantasia de ser filho de reis —D'Annunzio e a Duse foram os verdadeiros reis da Itália— fora soborosamente aproveitada para seduzir. O que para um italiano seria ocasiom de súbita gargalhada, para ele no seu candor constituía um segredo próprio de Alexandre Dumas. Ou nom?

Ora bem, segundo testemunho de António Pérez Prado, que lho escuitou, Blanco-Amor daquela época só ementava a memória do «pobre Vicente», um seu companheiro de labor bancária, prematuramente morto de tise. Bom seria achar a ficha de pessoal no arquivo do banco, se é que ainda existe.

Blanco-Amor vendedor de móveis.

Por Pérez Prado sei que trabalhou de vendedor em *Nordiska Kompaniet,* que foi por décadas umha das lojas de móveis finos mais elegantes de Buenos Aires, na Praça San Martín, diante do *Plaza Hotel.* Dalila Saslavsky, esplêndida octogenária, irmá do director de cinema Luís Saslavsky, sempre morou nas imediações e Blanco-Amor fijo-se amigo da casa. Contodo, certo mistério devia de rodeá-lo para que Dalila se perguntasse «de qué vivía, siempre tan vestido?».

Blanco-Amor viajante da Editora EMECÉ.

Seica foi viajante da importante editora argentina. Diz-que nom lhe pagavam. Fosse por isso ou por outras circunstâncias, o amor aos livros nom era avondo para vendê-los e o episódio nom deixou amossa funda.

Blanco-Amor vendedor de seguros.

Ainda mais leve é a notícia que o mostra vendendo seguros. Nem conheço datas nem companhias. A sua palavra fácil e eloqüente e a parvidade dos dados convergem na verossimilhança do labor episódico.

Blanco-Amor director da revista «Galicia».

Na época imediatamente anterior à sua partida para a Galiza, Blanco-Amor dirigia a revista «Galicia» do Centro Galego de Buenos Aires. Veo ser este praticamente o único vínculo orgânico com a colectividade galega. Pérez Prado testemunha umha certa marginalidade de Blanco-Amor a respeito das instituições galegas, o que foi em definitiva o que facilitou a mocidade da Associaçom Argentina de Filhos de Galegos achegar-se-lhe, num ambiente em que a idade pesava demais. Essa relativa marginaçom e outras circunstâncias coincidem com a reconduçom geral de Blanco-Amor para a identidade e idioma galegos, que por esses anos se precipita.

Mas nom nos precipitemos nós. Antes quadra assinalar alguns labores, reais ou fantásticos, ementados polo próprio Blanco-Amor em diversas ocasiões. Também aqui transcrevemos dados amavelmente comunicados por António Pérez Prado. Teria actuado como «corrector de dicçom» na Comédia Argentina, corpo dramático oficial com sede no Teatro Nacional Cervantes, edificado por María Guerrero. Alfredo Alcón teria sido um dos actores com os que trabalhara. Outrossim teria dado lições particulares de oratória, precedido do prestígio da sua facúndia, sonora voz e sotaque espanhol, num meio que odeia e ama essas notas. Suponho que os leccionandos pertenceriam provavelmente ao mundo dos negócios antes que a outras esferas. Inda que cumpre aplicar certa crítica mesmo às notícias procedentes de Blanco-Amor, por certa qualidade cunqueirana da sua fértil imaginaçom, a congruência delas é grande, e cresce muito ao sabermos, por Pérez Prado, que no seu domícilio da rua Junín poucos livros se viam —antes homem de falas vivas que de leituras longas— e que por isso mesmo salientava mais ali umha ediçom castelhana das *Instituições de Oratória* de Marco Fábio Quintiliano.

Blanco-Amor professor de galego.

A última etapa portenha de Blanco-Amor estivo marcada pola presença quase sobreprotectora de três mulheres moças: Pilar Jeremias «Pirucha», que o conhecera na sua família desde pequeninha; Clotilde Iglésias «Clóti», a filha do actor galego Fernando Iglésias «Tacholas»; e Elsina Fernândez, que o chamava «Papito Piernaslargas», empregada do Centro Galego que lhe passava a máquina inúmeros fólios e que depois pujera a livraria «Folhas Novas», que importava e vendia livros galegos. A sua morte, precisamente nos anos dos cursos, comoveu-nos fundamente. Inexplicável mesmo para os médicos, seica foi um caso agudo de anorexia nervosa. Esta magríssima mulher bem mereceria que se lhe dedicasse umha lembrança que a resgate do olvido,

por vários motivos. Algo curioso para mim foi escuitar falar os seus pais, velhinhos já, que se mal nom lembro eram de Verim. Foi a primeira vez que ouvim, com surpresa, um galego com sibilantes sonoras. A oraçom fúnebre de Blanco-Amor no seu enterro —que foi gravada— seria um dos últimos actos deste em Buenos Aires. Foi Elsa Fernández quem apresentou Pérez Prado a Blanco-Amor. A ideia do curso terá surgido a partir desse encontro. Pérez Prado era o presidente da ementada Associaçom de Filhos de Galegos. Em 1960, a convergência das circunstâncias fijo que aqueles moços viram Blanco-Amor como o professor ideal para o curso de galego que imaginaram, mas nom se aproximarom dele sem rodeios. Era fama que cobrava o seu labor, pois que disso vivia. A encarregada de tenteá-lo foi *Pirucha,* pola confiança que com ele tinha. É bem significativo, e cumpre salientá-lo cuidadosamente, que Pilar Jeremias retornasse alvoroçada com a notícia de que «dixera que sim» e «grátis!». A voragem que absorvia vertiginosamente Blanco-Amor para a língua e identidade galegas, desde o seu original casticismo castelhano, era tam precipitada como inconsciente e arrastava-o inexoravelmente dum jeito tam soberano como ninguém teria podido imaginar poucos anos atrás.

Blanco-Amor foi o professor do primeiro curso de galego a que assistim: polo rádio soubem que se ditaria no Centro Lucense (hoje Centro Galicia), na Avenida Belgrano, e alá fum imediatamente. As aulas davam-se na biblioteca, no primeiro andar (para quem nom o saiba cumpre ementar que esse edifício fora antes sede de várias radioemissoras, nomeadamente de Rádio Belgrano —falamos dos anos dourados do rádio, nos trinta e quarenta—, e que nele tinha trabalhado em rádionovelas, antes do seu destino, Eva Duarte, a futura Eva Perón. O actual salom de actos era o auditório. Pola casa andou há pouco Oliver Stone na procura de cenários para o seu frustrado filme «Evita»). Ao primeiro andar acede-se directamente da rua por umha escada. Depois vem um vestíbulo com estátuas de Castelao, Bóveda, quadros e chaminé, e no fundo as portas duplas da biblioteca. No centro desta a longa e grossa mesa de leitura —tipo directório—, disposta longitudinalmente, permitia que assentassem arredor uns vinte alunos. Quando o número excedia, acrescentava-se umha segunda linha e também havia cadeiras para espectadores passivos nas paredes ao lado da entrada. Na cabeceira do fundo assentava Blanco-Amor. Um quadro negro no lado esquerdo, segundo se entra, punha Blanco-Amor em pé com certa freqüência, inda que predominasse a conversa sentada, sempre a girar num texto. O primeiro foi «Merlim e Família» de Cunqueiro, do que ainda levo o saibo. De passagem, digamos a queixa de Blanco-Amor com Cunqueiro. Blanco-Amor sempre lhe remitia os seus livros e Cunqueiro nom correspondia.

A idade madura de Blanco-Amor ainda nom lhe acusara os rasgos aquilinos da face. Umha pátina dourada da tez e cabelo caracterizava a sua imagem e convergia com umha sua louvança freqüente da loira rubidez das suas irmás. Manejava com mestria os ritmos da palavra e era verdadeiramente grato escuitá-lo. O método consistia em ler por turno arredor da mesa, acotando e explicando quando cumpria. Lembro com orgulho ter-me ele perguntado, depois de eu ter lido por vez primeira, se era galego nativo. A gramática sur-

gia da leitura. Inda que de facto fosse mais filológico do que prático, e apesar do prazer de escuitá-lo falar, o curso era muito participativo.

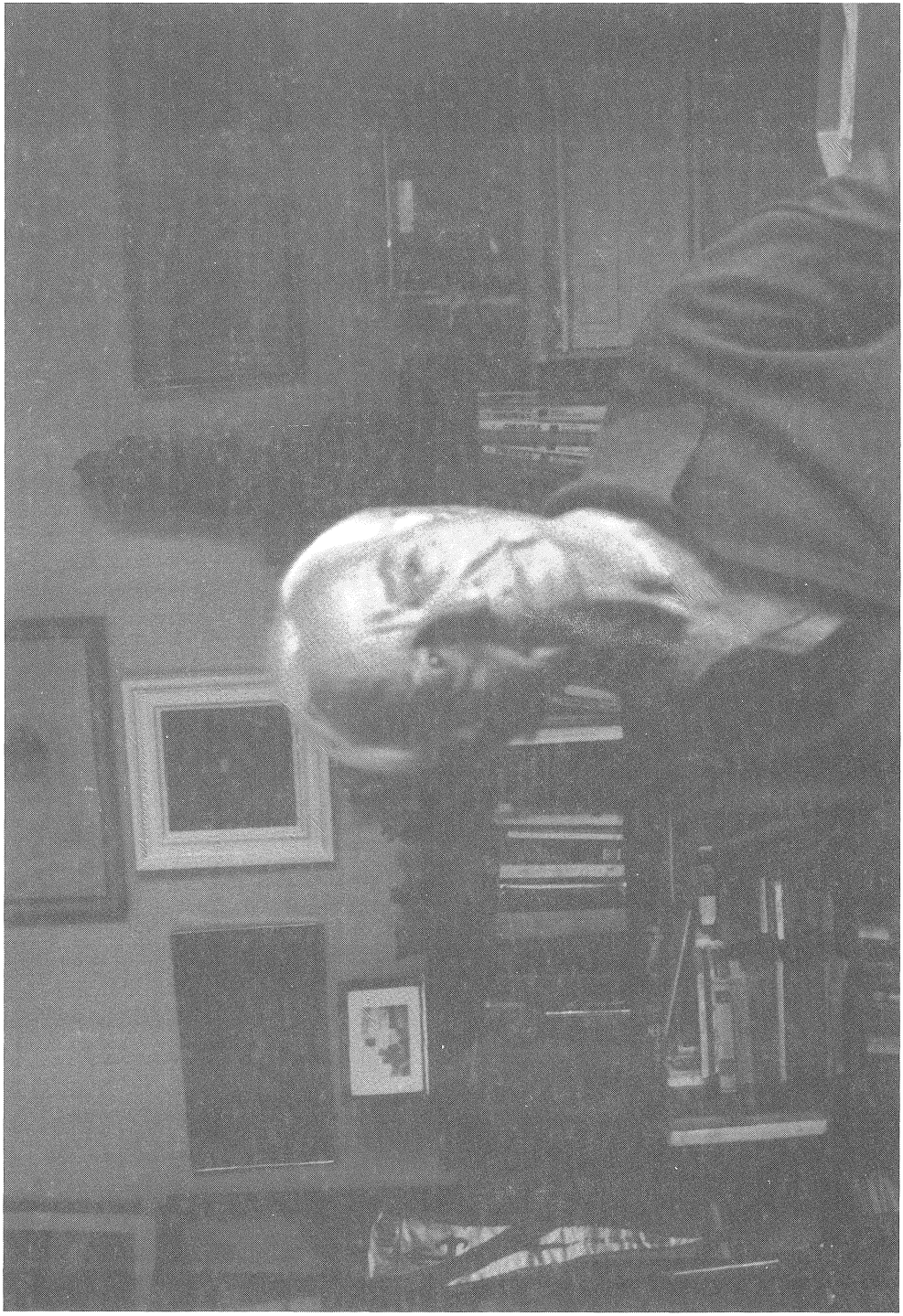
Como nos cursos actuais em Buenos Aires, a concorrência era variegada em idades —apesar de ser de moços a associaçom convocante— e em origens étnicas. Na Buenos Aires cosmopolita o galego é para todos os portenhos um eco fantasmal e curioso proveniente da infância. Há trinta ou quarenta anos era umha das muitas línguas da rua. Todos, crioulos, italianos, judeus, árabes, suíços, etc., percebiam-na familiarmente. De repente, foi o silêncio. Tam forte era a presença das línguas estrangeiras que os italianos —que tinham um Estado— chegarom a sonhar com a supervivência da sua língua além-mar, e disso há abundantes testemunhos escritos. A diferença com o galego é que a igual presença social nom se correspondia similar consciência nos próprios utentes. Os outros si percebiam o galego; os galegos nom. Objectivamente mesmo houvo vantagem para o galego pois os mais dos italianos na verdade falavam napolitano, genovês, veneziano ou siciliano; a defesa do toscano daquela vinha tingida do descrédito do feixismo. Peró, hoje, perdida essa presença social viva, o italiano na Argentina é a «Dante Alighieri», poderosa instituiçom com múltiplas filiais e abundantes recursos; o galego, umha curiosidade estranhada e umha memória da infância cada vez mais esvaída. Memória afectuosa, às vezes mais afectuosa para os outros do que para os próprios.

Blanco-Amor reinava soberanamente com brilho. Nom havia nele nem rasto de autoritarismo. O que si às vezes aparecia era umha dureza pagana quando emergia um assunto erótico. Tenho memória dum caso em que apouvigou umha rapariga, talvez patologicamente tímida, fazendo algo agressivamente a defesa-louvança do amor-paixom a propósito dum texto teatral seu sobre o Cântico dos Cânticos. Nom lembro exactamente as palavras, mas o tom violento da situaçom. É como se ele estivesse naquel momento possuído dum nume vindicativo. Suponho que na sua altura levava razom, mas eu só via a rapaza esmagada polos raios de Zeus. Nom sei porque sempre lembro o caso; a moça nom deixou de concorrer. O prazer de ouvi-lo era decisivo. Aludo ao caso por fidelidade e como confissom e prova de que as árvores nom deixam ver o bosque. O importante era o que acontecia em nós com o idioma. Neste sentido outra memória interessa mais. Era umha das primeiras aulas do ano 60 e fazíamos um exercício escrito, cuido que de traduçom. Polo castelhano *decir* pujem *dicer.* Daquela ainda nom estudara filologia, mas sabia que o latim *dicere* continuava em português como *dizer.* Nom sonhava com reformas ortográficas, mas nom me entrava na cabeça que o tema *dic-* devesse alterar-se no infinitivo por submissom ao castelhano. Corrigiu-mo no escrito e contestei-lho a sós com os argumentos assinalados. Devo dizer que, alá na altura, escuitou e calou. Entom nom estimei na sua medida o significado dessa atitude subtil. Estava ele num período de rápida mutaçom, muito mais veloz do que fora de esperar, dada a sua idade e ponto de partida. O pormenor parece parvo mas atesouro intimamente a memória da atençom que a minha ingenuidade lhe produzira. Que eu, logo do seu condicionamento, perguntasse ingenuamente era natural. Que ele, com a carga da história, dos

anos e da fama, descesse a escuitar e guardar umha voz dissonante vinda de abaixo e de fora fala muito em favor da sua disposiçom a respeito da Galiza.

O prazer de escuitá-lo prolongava-se no café «Ebro», a poucos passos do Centro Lucense, mas eu daquela nom dispunha livremente do meu tempo para faltar às comidas familiares e poucas vezes assistim à tertúlia. António Pérez Prado, Perfeito López Romero, Ricardo Palmás (que o sucedeu na cátedra após a sua partida), a filha de Tacholas (o própio Tacholas concorria) e outros deveriam testemunhar disso. Sei que também às vezes a reuniom se fazia no seu domicílio da rua Junín. Até o Julho de 1961.

As lembranças vâm-se esbagoando ininterrompidamente e talvez outras venham à mente quando deixe a folha. Vejo a cara de Tacholas, de Suárez Picalho, que também vinha algumhas vezes, de muitas pessoas que depois volvim a ver e de outras que perdim. Mas, apesar dessa aparência fantasmal, devo dizer que aquilo nom foi tempo perdido, inda que às vezes a nostalgia melancólica procure esse arremedo: foi semente poderosa que nom deixou de crescer. Estou certo de que Blanco-Amor, na sua longa odisseia, foi afinal feliz porque a vida lhe deparou a inopinada fortuna, a inefável graça de enlear com Galiza quando todo indicava que a perdera para sempre. Foi feliz ao salvar-se e fijo feliz à mai Galiza com a obra que inesperadamente lhe tributou.



Blanco-Amor na narrativa galega

César-Carlos MORÁM FRAGA

1. No panorama da narrativa galega da após-guerra, e trás o silêncio editorial que segue à guerra civil espanhola de 1936, é totalmente significativa a produçom de quatro ou cinco escritores nom exactamente da mesma geraçom, mas sim de geraçons próximas: Ánxel Fole, Rafael Dieste, Álvaro Cunqueiro, Ricardo Carvalho Calero e Eduardo Blanco-Amor, sem infravalorizar achegas de outros autores mais esporádicas ou de menor transcendência, e sem incluir escritores mais novos cuja madurez literária se manifesta nos nossos dias (1).

Dentro dos narradores citados, conjugando altura estética e quantia produtiva, emergem Cunqueiro e Blanco-Amor como os dous máximos representantes do género ré-iniciado nos anos cinqüenta e cujas obras devem ser hoje consideradas clássicas, e como tais insuperáveis, ainda que podam ser transcendidas (2).

De diferente proceder técnico, de diferente trajectória biográfica, espacial, ideológica e temática, ambos constituem a renovaçom da prosa narrativa com respeito à de pré-guerra, ambos —de diferentes modos— tomam como ponto de partida o espaço real imediato, ambos construem um mundo litérario próprio e também ambos, por caminhos diferentes, produzen textos definidos por umha indiscutível modernidade.

Blanco-Amor pertence, por geraçom, à chamada de 1925 (Ferrín) ou dos Novecentistas (Carvalho Calero), cujo nascimento coincide mais ou menos com o início do século: é a geraçom de Bouza Brei, Filgueira Valverde, Manuel António, Amado Carballo, Rafael Dieste, Luís Pimentel..., alguns dos quais —ligados ao Seminário de Estudos Galegos— destacam na pré-guerra em labores de investigaçom (Bouza, Filgueira...) ou na criaçom poética (Manuel António, Amado Carballo..., o próprio Blanco-Amor...).

---

(1) Ferrín, Casares, o mesmo Neira Vilas, M.ª Xosé Queixán, etc.

(2) É esse um traço definitório dos **clássicos**. Em todo o caso, penso que algumhas obras actuais podem ser muito diferentes, mas nunca superiores.

2. Mas a prosa narrativa na pré-guerra é um terreno da Geraçom Nós. Se Rafael Dieste, como excepçom que confirma a norma, publica a primeira ediçom do seu magistral *Dos arquivos do trasno* em 1926, Blanco-Amor apenas ensaiará o género com o esboço de novela *A escadeira de Jacob* (3), e será depois, no contexto da América Latina, quando escreva em espanhol o romance *La catedral y el niño* (1952) e se consagre como narrador. Esta condiçom permitirá-lhe entrar na história da narrativa galega com *A esmorga* em 1959 (4).

3. Será a década de 50 a que suponha a «continuidade» [?] narrativa «consolidada» na ante-guerra polo Grupo **Nós**, iniciada agora por Carvalho Calero *(A gente da barreira,* 1950) e representada fundamentalmente por Fole *(Á lus do candil...),* Cunqueiro *(Merlín e familia,* 1955, e *As crónicas do sochantre,* 1956), Rafael Dieste (2.ª ediçom acrescentada de *Dos arquivos do trasno)* e Blanco-Amor *(A esmorga,* 1959).

4. Retomando o fio inicial, podería-se perguntar o «porquê» da singularidade de Blanco-Amor, ao par de Cunqueiro, no contexto da narrativa galega.

a) Ninguém esquece que o século XIX nom se caracterizou pola prosa em galego, e menos ainda a narrativa. No entanto, o labor deu começo desde o primeiro romance *(Majina ou a filla espúrua,* 1880), e novos passos ficaram dados para o novo século.

b) Trás a tarefa inicial das Irmandades, a Geraçom **Nós** consolida a prosa galega, e de um modo admirável, tam admirável quiçá quanto excessivamente complexo nalguns casos:

—Levam o idioma a todos os terrenos da escrita e criam umha narrativa sólida e consistente.

—A influência simbolista e o conhecimento precoz das inovaçons do momento (Joyce) fam que as suas obras nom estejam isentas de modernidade *(O porco de pé, Arredor de sí,...).*

—Mas o afám enciclopédico, a preocupaçom didáctica, a necessidade que sentem de serem polifacéticos e trabalharem simultaneamente em várias frentes (História, Geografia, Etnografia, Filosofia, Política...) desluze por vezes a obra artística por causa de excessivas pretensons totalizadoras (é o caso de *Os camiños da vida).*

c) Cunqueiro e Blanco-Amor, neste sentido, som os primeiros em comportar-se estritamente como escritores, como artistas da linguagem literária, sem que passem a ocupar o primeiro plano outras preocupaçons científicas,

---

(3) Quando estas linhas se disponhem para a imprensa aparece publicada *A escadeira de Jacob,* Galáxia, Vigo 1993, com ediçom, estudo e notas de Anxo Tarrío Varela e revisom lingüística de Blanca-Ana Roig Rechou. Tais autores, segundo se expom no início, realizam «unha proposta de lectura e ordenación textual da novela a partir dos manuscritos do autor conservados na Biblioteca Blanco-Amor da Deputación de Ourense».

(4) Posterior a *A esmorga* será o romance em espanhol *Los miedos,* o livro de relatos *Os biosbardos* e já nos setenta o romance *Xente ao lonxe.*

políticas, culturais, etc., por muita importância que estas podam ter no homem escritor e por muita incidência e presença que tiverem no espaço do texto.

No nosso caso, o que hoje aqui nos convoca, podemos dizer que Blanco-Amor escreve as suas obras desde o seu plantejamento prévio como objectos artísticos, e isto fica bem patente no prólogo de *Xente ao lonxe,* onde se é certo que por um lado declara ter realizado o romance como um exercício de linguagem, assume a seguir a frase aristotélica: «que nom se che vejam os artifícios», com que revela aberta e teoricamente o seu ofício de escritor.

Tal prólogo nom deve portanto ser lido demasiado ao pé da letra, senom como texto inicial em que já se exercita a brincadeira da ficçom, texto lúdico —dentro da seriedade— onde o jogo se establece entre a ficçom estética e a realidade do entorno, entre o emisor e o receptor da mensagem.

5. Se em toda obra narrativa som fundamentais o **espaço** e o **tempo**, na de Blanco-Amor a dimensom espacial atinge umha significaçom nuclear, olhada desde a distância temporal.

Desde umha perspectiva distanciada e evocadora, som bem perceptíveis o espaço **geográfico**, o espaço **social**, o espaço **psicológico**, o espaço **da memória**, e isto desde *A esmorga* (5) a *Xente ao lonxe,* passando por esse maravilhoso conjunto de relatos intitulado *Os biosbardos.*

Falar de Blanco-Amor em Ourense é algo de que especialmente gosto, porque em toda a sua produçom narrativa Ourense é o espaço evocado. É o paraíso perdido e a referência constante. Som os ámbitos urbanos, rurais e semi-rurais do contorno que aparecem recriados e transmutados na ficçom, mas também a própria cidade, amada e odiada como o Dublin de Joyce, é tam protagonista nos relatos como as personagens de carne e ósso que vivem e sofrem os primeiros anos do século XX.

Tem dito Méndez Ferrin nom há muito, no prefácio a um valioso poemário, que Ourense é a única cidade da Galiza verdadeiramente transmutada em literatura. Relacionando **emisor da ficçom** e **autor real** (extra-literário), podemos entender a causa primeira de que Ourense seja mundo mítico referencial na obra total de Blanco-Amor. Qualquer pessoa, objecto ou lugar convertem-se en **mito** —ou podem converter-se em mito— quando som evocados pola **palavra.** (Neste sentido é que Roland Barthes define o mito como umha **fala).** Para que isto aconteça devem cumprir-se alguns requisitos, que se podem resumir na existência de umha mínima **distáncia** (espacial, temporal ou ambas) entre a palavra (acto da evocaçom) e o objecto evocado. Esta distáncia existe no caso de um Blanco-Amor emigrado em América desde onde possui o suficiente distanciamiento espácio-temporal para converter em mito o seu Ourense da infáncia e da mocidade.

Por outra parte, a presença do espaço real de Ourense na realidade interna do texto responde a um plantejamento teórico pré-determinado. Dous som os modos de presença:

---

(5) Por nom nos referir à anterior narrativa em castelhano.

—De umha parte, a incontestável captaçom de caracteres definitórios da cidade (ambientes, costumes, lugares, distáncia entre eles, idiossincrasia...), evidente para qualquer leitor que conheça tal espaço.

—De outra, a nomenclatura. Neste ponto o autor nomea sem disfarce as ruas e as praças, as igrejas e os bairros (a Praça do Trigo, a ponte da Burga, a rua da Paz, a rua das Tendas, a Praça Maior, Santa Eufémia, Santa Maria la Madre...), mas emprega outros recursos para o nome concreto da cidade, operando-se assim a transmutaçom da realidade extra-literária ao plano da ficçom estética:

a) Em *A esmorga* recorre à etimologia, resultando a forma «**Auria**» a marca textual da transmutaçom, identificadora de «Ourense» para os leitores que se encontrarem dentro ou próximos do contexto, mas também cumprindo outra funçom: a de contribuir à universalizaçom da obra, ao nom se mencionar expresamente o nome extra-literário, e deixando assim a porta aberta para umha amplificaçom do significado: que a tragédia acontecida em **Áuria** (nom em «Ourense») pode ser lida como tragédia potencialmente desenvolvida em qualquer lugar do universo dadas as mesmas circunstáncias. Acentua-se portanto o carácter **aberto** e universal da obra, sobre o fechado e particular.

b) Nos contos de *Os biosbardos,* livro posterior a *A esmorga,* mesmo ao romance em espanhol *Los miedos,* e por suposto a *La catedral y el niño* —que já precedera a *A esmorga*—, o procedimento continua:

> Iste é o coarto libro —diz-se-nos na *«Xustificación»*— que nace das miñas lembranzas de Auria, pobo onde eu mesmo son nado (...) Supoño que o presente ha de sere o derradeiro, pra que o tema non se me vaia trocando en teima (6).

Mas nom foi o derradeiro. Em *Xente ao lonxe,* romance —esta vez sim— derradeiro, o procedimento presupom o anterior, com um maior grau de estilizaçom, de economia e de hermetismo.

Aqui «Ourense» é transmutado na letra maiúscula «**A.**», o qual obriga polo menos a duas leituras simultáneas e nom excluintes:

—A primeira leva-nos por exemplo a Kafka, com o seu mundo laberíntico cheio de referências enigmáticas, e sem dúvida essa impressom pode percebê-la o leitor exterior ao contexto, que mais umha vez terá direito a ler ou interpretar a história interna do texto (a **diégese**) como acontecida num ámbito espacial indeterminado.

—Mas a segunda só pode ser percebida polo leitor próximo e conhecedor de *A esmorga* (ou *Os biosbardos),* pois «**A**» é a primeira letra da palavra **Auria,** o que significa **A.** é também «Ourense». Estamos ante um caso de **intertextualidade interna.**

Se a «intertextualidade» pode ser definida como a presença num texto de ressonáncias de outros textos (com total consciência ou nom por parte do autor é já outro problema), poderiam-se distinguir dous tipos:

---

(6) BLANCO-AMOR, E., *Os biosbardos,* Galáxia, Vigo, 1981, 4.ª ed., p. 7.

a) Intertextualidade **externa:** a verificada a partir de textos alheios. É o que já se realizava por exemplo entre os poetas medievais, o próprio cometido do «neo-trovadorismo», o omnipresente «culturalismo» de Joyce, Borges, Cunqueiro, Ferrín, etc.

b) Intertextualidade **interna:** a verificada a partir de textos próprios, quer dizer, do mesmo autor. Quando isto acontece dizemos que o autor cria o seu mundo próprio, um mundo já mítico onde muitas vezes há personagens comuns que se seguem de umha obra para a outra; personagens ou também símbolos, lugares, circunstáncias..., em qualquer caso **palavras.** É o que se regista em Blanco-Amor. O escritor ourensano cria o seu mundo próprio, como Joyce no *Ulysses, Retrato do artista adolescente* e *Dublineses,* como García Márquez com o seu Macondo, os seus coroneis e os seus «Aurelianos» *(El coronel no tiene quien le escriba, Cien años de soledad...),* como Cunqueiro com o seu Mondonhedo, o seu Felipe de Amáncia (antes barqueiro)..., ou como Méndez Ferrín através dos símbolos, os enigmas, personagens como Ulm Roam e espaços como Tagen Ata.

Portanto, certeiro pode ser o asserto ferriniano. Possivelmente seja Ourense a cidade galega mais transmutada em literatura, porque antes e depois foram outros os transmutadores: pense-se em Vicente Risco, em Otero Pedrayo..., ou posteriormente no próprio Ferrín e Casares, e mais recentemente em novos escritores da idade de Manuel Guede.

6. Quanto ao **espaço social,** ubicado nas primeiras décadas do século, a multiplicidade de temas é bem patente nos três livros de narrativa em galego: a **fame** (tema recorrente e quase nuclear em *Os biosbardos),* a **indigência,** a **violência** e a **conflitividade** social no indivíduo e no grupo (de maneira especial em *A esmorga* e *Xente ao lonxe),* a **emigraçom,** abordada com olho crítico (7) no relato *«O salvamento» (Os biosbardos),* a **dependência** social do país face à actuaçom das classes de comerciantes vindos de fora (os «maragatos» em *A esmorga* ou *Os biosbardos [«O estreno»,* p. 102] (8), o ensino religioso e a «**escola laica**» (em *Xente ao lonxe* ou no relato *«Primeira comunión»* de *Os biosbardos* [p. 65], a **reconstruçom histórica** (especialmente em *Xente ao lonxe:* desamortizaçom de Mendizábal, acontecimentos do mosteiro de Oseira, história do movimento operário-sindical, da organizaçom da luta de classes e da consciência galeguista...).

Eduardo Blanco-Amor, desde *A esmorga,* inaugura nas letras galegas o relato **social-realista** segundo as correntes europeias do momento, narrativa social-realista numha linha de pendor existencial próxima de Albert Camus, como tem assinalado o professor Carvalho Calero e outros críticos. Porém, o contexto latino-americano em que o autor se desenvolve durante décadas pudo talvez contribuir a essa incursom no fantástico, no maravilhoso, que em cada obra transfere ao leitor para o mistério e o mundo dos sonhos. É

---

(7) Interessante focagem, levando em conta a condiçom de emigrante do próprio autor.

(8) Considere-se o rendimento literário e a freqüência de uso que este tema tem na literatura do século XX (Otero Pedrayo, Risco, Castelao, Cunqueiro...), como de facto já temos indicado no seu dia.

o que se percebe em *A esmorga* na visita à casa dos Andrada, no narrar interiorizado e sugerente de *Os biosbardos,* penetrando —desde a voz retrospectiva da primeira pessoa— na psicologia do neno (9), e á assim mesmo o referente à senhora Andrea em *Xente ao lonxe,* personagem sempre enigmática e misteriosa, mas especialmente o episódio em que o Suso acede, da mao feminina de «Vanxe», à insólita e insuspeitável morada, como Pip à casa de Miss Havisham no romance de Dickens.

7. **Espaço psicológico** portanto, reflectido no «**pensamento**» do Cibrán ou no comportamento do «Bocas» com a mulher de porcelana, a mulher da casa dos Andrada que resultou ser frágil boneca *(A esmorga);* reflectido na introspecçom onírica sobre o Suso *(Xente ao lonxe),* cujo problema afectivo configurado pola mai e o irmao pequeno se transfere —em linguagem claramente freudiana— à cadela Tula e os seus filhotes; e reflectido por suposto em todos os relatos de *Os biosbardos,* onde o espaço se situa essencialmente no interior dos protagonistas.

8. É o **espaço da memória** reconstrutora do passado. Este é o ponto de vista, a focagem, a ubicaçom da perspectiva. A importáncia nuclear do espaço da memória explica o gosto de Blanco-Amor pola narraçom em primeira pessoa. Desde esse espaço narra o «Cibrán», a curta distáncia; a longa distáncia os narradores de *Os biosbardos,* e a muito longa o Suso de *Xente ao lonxe,* que porém nom é o protagonista do romance, pois este é polifónico, de personagem em certa maneira colectiva e de «história» inconclusa como «opera aberta».

9. Seja como for, achamo-nos perante o campo da **ficçom,** e apesar do carácter autobiográfico dos ambientes, nom é tal o da anedota em particular (10). Brincando com a realidade exterior, sabe o autor distanciar-se dela, quer polo emprego da técnica do «manuscrito encontrado» (umha das várias utilizadas em *A esmorga),* quer mediante a inexistência de um narrador geral, exterior ou totalizador da «diégese» em *Xente ao lonxe.* Segundo o qual, teria outra vez razom Carvalho Calero ao dizer que em *Xente ao lonxe* nom há mais ideologia que a das personagens. Possivelmente fosse acertado dizer —com a moderna terminologia analítica— que todos os narradores da obra —e acho que há polo menos cinco— som **homodiegéticos,** isto é, som interiores à história relatada: pertencem a ela. O inexistente narrador exterior evita assim definir-se (porque nom existe) e opinar sobre o comportamento das personagens. Se a maior parte da trajectória de «Evanxelina» a conhecemos mercê aos monólogos do seu irmao Suso, será precisamente ela (militante das mocidades socialistas do PSOE de Pablo Iglesias) quem ao final do romance critique —em linguagem epistolar— os passos para o galeguismo do seu querido irmao. E conseqüentemente terá de ser o leitor, na estética da recepçom, quem decodifique também a possível mensagem ideológica do texto.

(9) Especial consideraçom merecem, neste sentido, os relatos *«A arrasadeira»* e *«O encalatro»,* cuja introspecçom psicológica explora a dimensom onírica.

(10) Isto é o que diz Blanco-Amor na *«Xustificación»,* de *Os biosbardos.*

10. Em resumo, Blanco-Amor legou ao seu povo umha obra que resiste a passagem do tempo, porque soubo conjugar os traços definitórios do seu povo e a inespacialidade e intemporalidade a que dam direito possíveis leituras. Também por umha **estética** bem trabalhada onde a **simbologia** e a **estilizaçom da linguagem** acrescentam os valores artísticos.

O motivo ambiental e simbólico da **chuva** em *A esmorga,* que assolaga a cidade e o mundo psicológico do relato (como o sol em *L'étranger* de Camus, que se tem dito), aparece também em *Os biosbardos,* por exemplo em *«O encalatro»,* aliado com o assobio e o estrondo do **trem,** outro elemento por certo mui afim da cidade ourensana para quantos tivemos a sorte de conhecê-la (e portanto de amá-la e —mui poucas vezes— odiá-la).

Às vezes umha **estética do repugnante,** comum nos três livros, aproxima-se de certos traços da chamada «Nova Narrativa Galega», movimento de umha geraçom nova mas desenvolvido em coincidência cronológica com a produçom blanco-amoriana:

> Logo botoume a man polo hombreiro e díxome que me faría compaña, i eu díxenlle que se puxese do outro lado porque me daba noxo a alporca que co frío manáballe aínda máis, e limpábaa co dedo e guindaba a matéria ónde caíse».
>
> *(«O encalatro», Os biosbardos,* p. 41).

Quanto ao **trabalho estilístico, quanto ao uso da língua** e a sua transformaçom em linguagem literária (o que se chama **semiotizaçom** da língua), Blanco-Amor deixa constáncia em diferentes ocasions do seu desejo de escrever **«para a xente»,** o qual é dizer muito ou nom dizer nada. Se por um lado introduz no texto importantes vocábulos de origem portuguesa e traços morfológicos ajeitados para um galego culto, considera nom chegado ainda o tempo de o escritor comportar-se neste ponto com a normalidade característica de um contexto normal (11), do que se deduz que, na sua opiniom, o galego do futuro deve ser outra cousa.

Ora bem, deixando de parte o tema da correcçom idiomática, na qual obviamente nengum escritor encaixada antes da década de 80, cumpre salientar a visível distáncia estabelecida entre os diferentes registos lingüísticos. Contrastando com a linguagem posta em lábios das múltiplas personagens em maior ou menor medida populares, urbanas ou semi-rurais, quando a voz se identifica com a de um narrador mais ou menos exterior (**«heterodiegético»,** como na *«Documentación»* de *A esmorga,* ou mesmo **«homo-auto-diegético»** em visom retrospectiva —tipo «novela picaresca»—), emprega entom um registo caracterizado por umha procurada elegáncia com certo sabor arcaizante:

---

(11) Vid. *«Xustificación»* in *Os biosbardos,* op. cit. p. 8. Transcrevo o texto polo merecente que é de umha leitura reflexiva. *«Do mesmo xeito que en «A esmorga», válome das formas populares da fala, sagrificando outras prelileiciós das que teño dado mostras, si cadra en demasía. Aínda non podemos darnos o luxo de esguellar certos pragmatismos. Entre iles, o de levar as nosas letras até o leitor do común. Sin un interés maioritario, os nosos intentos darán no eivamento e no académico, i a nosa fala chegaría a serè unha sorte de* koiné requintada, pra ledicia e gabanza duns poucos...».

Tamén, ás vegadas, dábame a beber uns grolos de leite mazada que sempre tiña e que lle gorentaba moito; e que tamén decía que lle gobernaba os flatos moi acabadamente.

(«O noxo», Os biosbardos, p. 29).

A discontinuidade ou ruptura sintáctica do discurso, presente em *A esmorga* e *Xente ao lonxe,* elevada a supremo grau neste último romance, responde —como procedimento técnico— à materializaçom textual da distáncia temporal em que o narrador se situa, acrescentada em *A esmorga* polo indigente «státus» de indefensom de Cibrán o Castizo perante a justiza, e em *Xente ao lonxe* pola lonjania espácio-temporal entre os factos evocados e a **memória** discontínua e novoenta do narrador.

Para além das cartas da «Evanxelina» e outros registos narrativos de *Xente ao lonxe,* nos relatos de *Os biosbardos* a linguagem é mais concisa. Nom se deixa o narrador abandonar à fluência imaginativa e dispersa da memória (reflectida nas reticências, anacolutos...) que caracteriza os dous romances anteditos (sobretodo o mais denso e derradeiro). Cumpre lembrarmos umhas palavras do autor:

> *Os biosbardos* escribino un pouco contra aqueles que decían que *A esmorga* non era máis que unha recreación autobiográfica. Por primeira vez, por exemplo, penséi en domeñar a enxurrada da linguaxe e atarme a certas normas. Por primeira vez elaboréi uns pequenos bocetos previos, denantes de escribir os relatos, pra que a imaxinación non se me fose das mans... (12).

Em geral, *Os biosbardos* reflecte porém a fala viva e a vivacidade do popular através do diálogo e a frase expressiva, embora nom se trate de contos populares.

Mas no último relato *(«O estreno»),* o único de tema amoroso (o namoramento do rapaz, que fica fascinado da moça estrangeira), que mantém certo paralelismo com *«Primeira comunión»* e que secundariamente alude ao vôo do aeroplano, Blanco-Amor demonstra que sabe narrar fino, requintado e ledo, entre a acumulaçom adjectival de Otero Pedrayo, a condensaçom e singeleza de Castelao e a elegáncia dourada e subtil de Cunqueiro:

> Non se sabe ben si é o ceio o que peneira encol da vida o escintileo lizgairo que anova o corazón, ou si a terra i a xente trocan a condición do ceio nun relanzo breve de esperanza misteriosa, de agardada solpresa.
>
> Foi aquela mañá de ceio dourado, ceibe, arrecendente a frores, a pólvora, a viño; navegando por vagaxeiras nubes que se fan e desfán: gasas, fumos lenes, ronseles preguiceiros, adornos ociosos de festa, brinquedos no celeste vagantío (...).
>
> (p. 97).
>
> ...Levaba unha grande pamela con mapoulas de raso, cereixas de vidro, longa brida. Era branca, moi loira, curta de narís, os ollos gazos; beizos grosos, pálidos.
>
> Camiñaba coasi sin pousar, atal si esbarase sóber dos zapatiños coor limón; luvas amarelas; as mans entreditas en acenos pra o lonxe, asinalando, ou no revoar gracioso do abano.
>
> [p. 99].

Sirvam estas palavras —que nom as minhas— para findar a exposiçom.

---

(12) *Os biosbardos,* op. cit., na lapela posterior.

NOTAS

Sempre em Áuria

María do Carmo Henríquez Salido
(Universidade de Vigo)

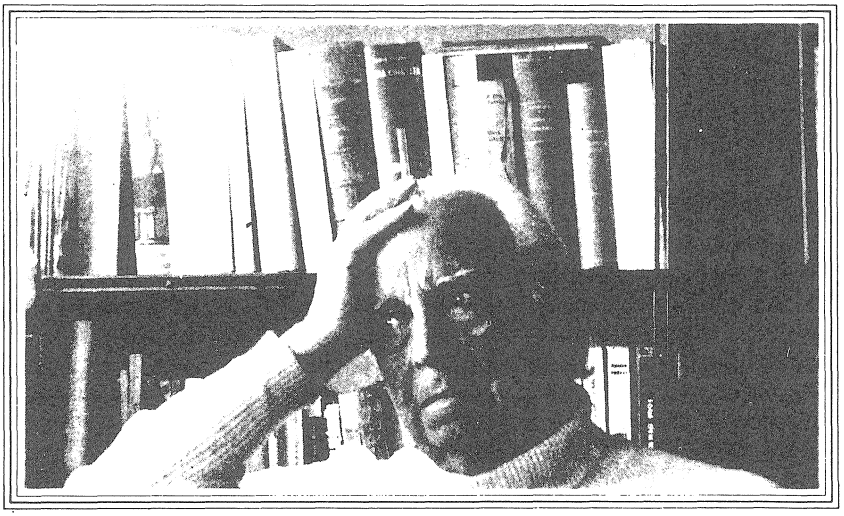
0. *As minhas teimas sobre Eduardo.*

Quando se tem a sorte de conhecer e chegar mesmo a ser amiga ou discípula de personalidades da cultura galega, costuma ser habitual nom saber dar-lhe todo o valor e toda a importáncia a este feito no momento em que essa pessoa vive, mas umha vez falecida, com o decorrer do tempo, lamenta imenso nom ter sabido tirar mais proveito das conversas, das confidências, dos comentários, do seu saber, da sua experiência e de tantas e tantas cousas e vivências que levam com eles esses homens verdadeiramente importantes que quase chegam aos oitenta anos, caso de Dom Ricardo Carvalho Calero, ou que ultrapassam esta idade, como acontece com Dom Jenaro Marinhas del Valle ou o Prof. Ernesto Guerra da Cal, ou que ultrapassando essa idade mágica dos oitenta nunca o confessárom, caso de Eduardo Blanco Amor.

E no caso de Eduardo Blanco Amor, a quem tivemos a fortuna de conhecer na cidade de Ourense nos primeiros meses do ano 1977, a nossa amizade era simplesmente isso, amizade e nom cabia, portanto, aproveitarmos este facto para fazer-lhe essa necessária entrevista em profundidade, essas perguntas exaustivas sobre o processo de elaboraçom dos seus textos, essas indagaçons sobre tantos aspectos da sua vida e da sua obra. Nem em vida de Dom Ricardo nem em vida de Eduardo escrevemos nem umha linha só sobre eles; nom acontece o mesmo com os outros dous grandes amigos, embora estejam mais longínquos de nós no espaço. Nom sabemos nestes momentos se é umha citaçom já clássica ou umha asseveraçom que temos lido nalgum lugar, porém fazemos nossa a sentença de que «ninguém escreve sem que se tenha lembrado do vivido» e no nosso caso para escrevermos sobre Eduardo, necessitamos lembrar os momentos vividos em que conversávamos e falávamos de tantas cousas que com o tempo vam desaparecendo da nossa memória.

Ao dia seguinte da morte de Eduardo enviávamos umha breve nota a *La Región* em que sentenciávamos «Eduardo morreu, viva Eduardo», pois sa-

Semana-Homenaxe a Eduardo Blanco Amor



Patrocinada pola DEPUTACION PROVINCIAL

Ourense, 1 ao 5 de decembro do 1980

SECUNDAN A HOMENAXE:

Axuntamento de Ourense, Real Academia Galega, Ateneu, Liceu, Cinema-Clube "Padre Feixó", Grupo de teatro ourensano "Rua Viva", Departamento de Galego-Portugués da Facultade de Filoloxia da Universidade de Santiago, Delegación Provincial do Ministério de Cultura, Coléxio de Arquitectos, Coléxio de Abogados, Museu Arqueolóxico Provincial, Grupo "Marcelo Macias", Escola Universitária, Coléxio Universitário, Instituto Mixto n.º 2, Instituto "Otero Pedraio", Instituto de Xinzo da Límia, Coral "De Ruada" Sociedade "Albor", Editorial "Galáxia", "La Región" e "La Voz de Galicia"...

bíamos que «na cidade dos badocos», como el costumava denominá-la, as pessoas importantes da cultura galega começam realmente a 'viver' depois de mortos. Quando estám vivas, se som críticas ou questionam o poder, como molestam som silenciadas e se as suas ideias prejudicam ou lesionam a ideologia do Poder som consideradas malditas, proscritas e até manipuladas após a sua morte. Eduardo tem-nos comentado em muitas ocasions, que eram justamente os aduladores e os legitimadores do poder os que tinham o hábito de subir às sepulturas e botar desde elas os seus discursos sobre o morto e faziam-no porque sabiam que estava morto, pois do contrário seriam expulsos 'com umha patada no cú'.

E as nossas teimas sobre Eduardo iniciam-se, como acabamos de dizer, o dia 1 de Dezembro de 1979, nunca antes. Estas teimas podemos sintetizá-las em três. A primeira consistia em publicar todos os anos em jornais galegos, por volta do dia 1 de Dezembro, algum contributo sobre a vida e a obra do escritor ourensano, pois sempre consideramos importante contribuir à recuperaçom da memória histórica do nosso País e tentar que as galegas e os galegos nom se esqueçam das personalidades da nossa cultura. Foi assim como aparecérom, além do artigo citado anteriormente, em 1981 «E direi-vos eu de Eduardo» *(La Región,* 1-XII-1981, pág. 3), «O amigo Eduardo Blanco Amor» *(La Voz de Galicia,* 29-XI-1981, pág. 37), «Eduardo Blanco Amor ao longe» *(La Región,* 1-XII-1982, pág. 4) e outros textos mais, que nom consideramos oportuno citar, aparecidos, praticamente, até quatro ou cinco anos após a sua morte.

A segunda teima consistiu em organizar ou estar presente em actos que se celebrassem na memória do escritor e amigo, mas nom nos convocados por entidades, pessoas ou colectivos que *em vida* nom soubérom reconhecer nem quigérom dar esse carinho e afecto, que tanto buscava, e entender a importáncia que possuía a sua obra. Foi assim que em 1980 organizamos, juntamente com Santiago Seara, umha grande homenagem sob a denominaçom «Semana-Homenaxe a Eduardo Blanco Amor», patrocinada por la Exma. Deputaçom Provincial de Ourense e apoiada por numerosas instituiçons, entidades e particulares como se pode ver no programa que se insere em página 38. Entre os participantes lembramos a magistral conferência da Profa. Dra. Pilar Vázquez Cuesta, da Universidade de Salamanca, professora pola que Eduardo sentia umha grande admiraçom e carinho e da qual estava muito satisfeito pola extraordinária acolhida que lhe figera em Salamanca por motivo das conferências e actividades em que participara Eduardo. Nessa homenagem enviaram textos de solidariedade o pintor Laxeiro, que reproduzimos em página 40, e o escritor e artista Diaz Pardo, texto este último que ainda conservamos e que serviu de suporte para reconstruirmos as palavras pronunciadas no «Simpósio Eduardo Blanco Amor» do qual damos informaçom neste número. Nesta semana o director de teatro Manolo Vidal pujo em cena *A tia Lambida* e entre as vozes que se pudérom escuitar no Ateneu de Ourense, embora fosse em cassette, lembramos a voz de Rafael Alberti.

Outro acto mais modesto foi o organizado pola Associaçom Galega da Língua nos primeiros dias de Dezembro de 1983; também se celebrou no Ate-

A. Blanco Amor

¡Eduardo! Non sabes a pena que teño por non estar aiquí no teu Ourense en compañía de todos os amigos e teus admiradores. Teño o corpo doente ya yalma ahí brincando ca tua, aleteando as duas entre os corpos dos amigos como bolboretas locas de alegría: ¿Eduardo non sintes desde ese misterio en que estás soñando que te queremos?..

Cariño

Vigo 3-12-80

neu de Ourense e colaborárom, como sempre, Manolo Vidal e Mar Puertas fijo emocionar ao público quando dizia acompanhada da guitarra poemas de Eduardo; numha mesa-redonda, moderada por esse grande amigo de Eduardo, Nemésio Barxa, Pedro Fernández-Velho, Felisindo Rodríguez Vilarinho e eu própria analisávamos alguns dos seus textos em galego. Os jornais recolhérom informaçom deste acto e assim se pode ver, por exemplo, no número 29 da revista *Agália,* em pág. 177.

Falávamos anteriormente de que também participávamos nos actos promovidos por outras entidades ou cidadaos e assim é que sempre procuramos estar presentes na oferenda floral que todos os anos o dia 1 de Dezembro organizam alunos e alunas e professores e professoras do Instituto de Bacharelato «Eduardo Blanco Amor» situado no bairro da Ponte. Animados polo Prof. Botana, nom houvo ano em que nom se lhe rendesse esta homenagem ao narrador ourensano. Cada ano com pontualidade estamos ali poucos amigos de Eduardo (iam o pintor Prego, o professor José Luís Lôpez Cid) e vamos a jornalista Maribel Outeirinho, o empregado de Banca Jacobe de Arce Temes e poucos amigos mais.

A terceira teima é escrever sobre Eduardo sempre que se nos solicita algum trabalho sobre ele, mas até agora pensamos que nom temos feito esse texto definitivo que recolha o que o amigo nos transmitiu durante esses três anos de amizade. Nom obstante, com algum pormenor escrevemos sobre o escritor no ano 1985, quando o semanário *A nosa Terra* nos pediu umha colaboraçom para um número extraordinário dedicado a Eduardo Blanco Amor. Nesse momento estudamos «A presença das palavras mai e madre n'A esmorga» (1). Cinco anos mais tarde, 1990, voltamos a ler esse Prólogo de que sentia tam orgulhoso e analisamos o seu discurso sobre a língua no romance *Xente ao lonxe* (2). Em 1992 quando a Profa. Dra. Aurora Marco nos convidou a pronunciar umha conferência no «Simpósio Internacional Mulher e Cultura» surgiu imediatamente o título «A mulher na obra de Eduardo Blanco Amor» pois que as referências a sua mai e irmá, as alusons às prostitutas de Ourense e as críticas a determinados sectores da sociedade ourensana, cremos que nunca as esqueceremos. E produzimos o texto mais extenso sobre o homem, o amigo e escritor, no qual nom abordamos unicamente o assunto em sentido estrito pois encerra muitas outras sugestons sobre o significado da vida e da obra do escritor-amigo (3).

Agora neste ano, a Academia dedica o «Dia das Letras» a Eduardo Blanco Amor e ainda que motivos pessoais nos impedem fazer algo novidoso, pois necessitaríamos muitíssimo tempo para construir e criar o texto definitivo so-

---

(1) Henríquez Salido, M.ª C. (1985): «A presença das palavras mai e madre n'A esmorga», em *A Nosa Terra,* número extraordinário dedicado a Eduardo Blanco Amor, pp. 29-30.

(2) Henríquez Salido, M.ª C. (1990): «Análise do discurso sobre a língua nos Prefácios e Prólogos de escritores galegos», em *Estudos universitários de lingüística, filologia e literatura. Homenagem ao Prof. Dr. Sílvio Elia.* Ed. Sociedade Brasileira e Língua e Literatura, E. Tempo Brasileiro, pp. 161-170.

(3) Henríquez Salido, M.ª C. (1993): «A mulher na obra de Eduardo Blanco Amor», em *Actas do Simpósio Internacional 'Mulher e Cultura',* Univ. de Santiago, pp. 677-703. A aparecer.

bre a nossa amizade com Eduardo, consideramos oportuno oferecer aos leitores de *Agália* estas teimas e anedotas, que se nom se publicassem poderiam ficar ignoradas. Entendam-se, simplesmente, como prova de homenagem ao amigo e como complemento do estudo do Prof. Morám Fraga, porque nos parágrafos que seguem identificamos esses espaços e esse tempo sonhado e idealizado polo narrador.

1. *Sempre em Áuria.*

A crítica é únanime ao considerar que a cidade de Ourense, a Áuria de E. B.-A., passou à história da Literatura com o mesmo valor e significado que podem oferecer Dublim ou Vetusta. Os espaços e os tempos sempre fam referência a umha cidade até o ponto de que Áuria, e todo o que ela contém e significa, chega a converter-se numha autêntica *teima* para esse narrador, como passamos a demonstrar partindo de alguns fragmentos do nosso estudo «A mulher na obra de Eduardo Blanco Amor», citado anteriormente e que adaptamos para esta «Nota» de *Agália* pois entendemos que os destinatários e as destinatárias nom coincidem.

1.1. *A esmorga* (1959) (4), segundo manifesta o narrador, é umha crónica local (p. 7), de três famosos esmorgantes, umha crónica tristíssima, umha tragédia itinerante (como sempre a qualificava E. B.-A.) polos espaços exteriores e interiores de Áuria. O narrador em 1.ª pessoa, que é ao mesmo tempo personagem principal do romance, («Cando eu era aínda moi rapaz... Dempóis, cando ía pra mozo e dei nesta teima de escribir...», p. 8) utiliza o recurso dos 'papeis processais' complementados com os relatos do povo (p. 9), nomeadamente polo «Tijeradeoro», alfaiate, que contava o assunto de umhas 'vinte ou trinta maneiras'.

O texto distribui-se nestas partes: «Documentación» (pp. 7-10) em que utiliza a técnica 'do caso que lhe contam' e dos 'papeis que recolhe' e assevera escrever o texto quarenta anos depois de ter recolhida a documentaçom e a noventa dos sucessos. A seguir venhem os cinco capítulos. O capítulo I (pp. 11-47) apresenta o diálogo do protagonista com um juiz —marcado no texto por um simples guiom e cujas perguntas e respostas conhecemos polo monólogo de Cipriano Canedo ou «Cibrán» ou o «Castizo»— certo tempo depois de terem acontecido os factos, e mostra assim mesmo os outros dous protagonistas Juan Fariña, «o Bocas» e Eladio Vilarchao, «o Milhomes». Inicia-se a viagem para a morte polo protagonista por volta das seis da manhá. O capítulo II (pp. 49-71) prossegue na narraçom da viagem e nomeadamente a estadia dos três protagonistas no paço do Castelo. O capítulo III (pp. 73-99) narra a viagem polo bairro das 'mulheres da vida', das churrianas e nel explicita-se o nó da narraçom: nom se finaliza a esmorga sem mulher. O capítulo VI (pp. 101-119, o mais curto de todos) centra-se na casa e na 'mu-

(4) Blanco Amor, E. (1959): *A esmorga,* Ed. Citania, Buenos Aires. Citamos pola 3.ª ed. de Galaxia, Vigo, 1975.

lher' dos Andrada. O capítulo V (pp. 121-142) narra o desenlace trágico dos três protagonistas, oferecendo a imagem de umha mulher como causa da morte dos dous companheiros de Cipriano Canedo. Todos os capítulos possuem umha extensom quase equivalente, por volta das vinte páginas, a nom ser o capítulo IV, que vem a ser o mais curto, e o capítulo I com um total de 36 páginas, com o qual resulta ser o mais amplo.

A acçom, se acreditarmos nas palavras do narrador, haveria que situá-la por volta do ano 1869. E. B.-A., nascido em 1897, narraria, como vemos, um sucesso acontecido por volta de trinta anos antes.

A esmorga recolhe umha história de reduzida amplitude temporal, o tempo textual (que nom o externo) tem umha duraçom de algo mais de vinte e quatro horas, se bem existem saltos temporais para atrás desde o presente narrativo. O narrador retrocede no tempo para proporcionar-nos, por exemplo, o passado d'*A Raxada,* ou emoçons e lembranças referidas à sua mai. O relato começa por volta das seis da manhá com a saída do protagonista da casa d'*A Raxada:*

> «Está mais aló de Mariñamansa, así que eu tiña que saír con noite pra estare ás sete da mañá en Ervedelo que é, como vostede me enseña, por onde veñen as obras da carreteira...» (p. 16).

No texto son muito mais das sete da manhá (p. 29) quando decidem «ir botar uns vasos», estám mais de umha hora na taberna da Esquilacha (p. 33) onde se nos di que a guarda-civil passava por dita taberna por volta das nove da manhá (p. 33). Por volta das dez horas seguia chovendo (p. 35) e à hora de comer e durante toda a tarde permanecem no paço do Castelo de onde fogem já pola noitinha quando há lume. Encaminham-se ao bairro das churrianas onde escuitam as badaladas do relógio da catedral de meia noite (p. 91). Chegam às três da madrugada à Praça Maior (p. 103) e dirigem-se à casa dos Andrada. Da estaçom encaminham-se para o Campo das Bestas e nesse momento som as cinco da manhá (p. 121). O «dia viña vindo» (p. 137) quando se consuma a tragédia... Nom se nos assinala no texto com tanta exactitude nem o tempo nem o dia em que se celebra o dia do julgamento do protagonista. Entendemos que nom existe equivalência entre o tempo da história, medido em horas e minutos, e o tempo do discurso computável em páginas.

A esmorga é o romance de umha cidade concreta e determinada, Ourense; este espaço dá umha grande veracidade ao relato e situa as personagens. O protagonista principal sai de mais aló de Marinhamansa (p. 16), encontra os dous esmorgantes na estrada, chegam à taberna da tia Esquilacha perto do Posio (p. 29). No seu caminhar pola beira do Barbanha chegam aos arrabaldos da Burga (p. 35), perto de aqui estava o jardim dos Andrada (p. 36), vam logo a parar ao cano grande da Burga (p. 51) onde as mulheres despenavam os pitos e as galinhas (p. 55). Passam o Barbanha caminho da Ponte do Pelámios (p. 57), atalham polo Salto do Cam (p. 57) e chegam ao souto da cima onde estava o paço dos senhores do Castelo (p. 57). Do paço regressam e passam pola 'Porta de Aire' até alcançarem à fonte de Sam Cosme (p. 74), logo vam para à Ferraria (p. 75) e decidem ir ao bairro das putas. Tenhem

que fugir, passam pola Praça do Corregidor (p. 91), continuam a andar pola rua dos Fornos (p. 93), metem-se pola rua do Tecelám (p. 93), passam pola rua do Instituto (p. 95) e chegam à igreja de Santa Eufémia (p. 95). Logo vam dar à Fonte do Rei (p. 98), decidem voltar para a cidade. Estám próximos da Praça Maior e passam pola Alameda (p. 103), metem-se pola ruela da Burga (p. 105) até que entram na casa dos Andrada. Fogem mais umha vez e estám perto da Estaçom (p. 119). Voltam à Ponte Maior e desde ali chegam ao Campo das Bestas (p. 131) onde no meio do campo o terreno forma umha lagoínha.

Qualquer ourensano pode reconstruir com grande perfeiçom o itinerário dos esmorgantes, no qual só haveria que substituir o nome de alguns lugares e o nome de algumhas ruas, mas nesta comutaçom só necessitaria introduzir ligeiros matizes. Contodo, embora existe umha estrita correspondência de todos estes lugares com a cidade, entendemos que E. B.-A. nom buscou tanto desenhar um panorama da cidade como reflectir a vida e a tragédia das personagens mais pobres e humildes.

1.2. O texto de *Xente ao lonxe* (1972) (5) —um romance 'realista' (p. 9) que reproduz 'os contos da gente' (p. 30)— aparece distribuído em «Advertencia» (p. 7), um «Prólogo útil» (pp. 9-23) e estrutura-se em quatro grandes unidades. A *Parte Primeira* (pp. 25-152) subdivide-se, pola sua vez, em nove capítulos; a *Parte Segunda* (pp. 152-231) consta de seis capítulos. Estas duas partes fôrom escritas entre 1966 e 1967. A *Parte Terceira* (pp. 233-282) encerra cinco capítulos e a *Parte Quarta* (pp. 283-322) consta de três capítulos e umha 'Carta' (pp. 316-322); estas duas fôrom redigidas, como assinala E. B.-A., entre 1968 a 1970 (o escritor tarda, portanto, quatro anos em construir o texto). Das quatro partes a mais extensa é a I, consta de mais de 120 páginas; a II contém por volta de oitenta páginas; a III oferece algo mais de 50 páginas e a IV, de 39 páginas, resulta a mais curta de todas. Todas compartilham, nom obstante, umha mesma organizaçom interna, pois estám articuladas em capítulos. Na «Advertencia» avisa sobre a eliminaçom de vocábulos que sofreu o texto —quer dizer, a censura—, facto polo qual pode ver-se afectado o 'exercício de linguagem', sobre a língua viva, que era o seu único compromisso e no «Prólogo útil» oferece 'as suas preocupaçons sobre a fala galega' (p. 23).

Xente ao lonxe, como o texto anterior, oferece como espaço geográfico a cidade de Ourense com incursons, por exemplo, a Usseira e o seu mosteiro assim como referências a outros espaços imediatos a Áuria, que o narrador representa sistematicamente por «A». Contodo, os espaços mais expressos no texto som as ruas mais imediatas à Catedral de Ourense, essas ruas estreitas da cidade ou pequenas praças como a Rua do Tecelám (p. 28); a Praça da Constituiçom, a Fonte Nova, a Ferraria ou a Porta da Aira (p. 67); a Rua Sam Miguel (p. 77); a Rua dos Fornos ou o bairro de Marinhamansa (p. 95);

(5) Blanco Amor, E. (1972): *Xente ao lonxe,* Ed. Galaxia, Vigo.

o Fielato dos Remédios, o Ribeirinho (p. 104); a Rua da Liberdade (p. 106); a Praça do Ferro e a Ponte Velha; a Rua do Progresso (p. 193); a Rua de Sam Pedro; a Praça dos Coiros (p. 243-244); a Rua da Coroa (p. 248); a Pena Vigia e ruela do Turco (p. 249); o Campo da Feira (p. 292); o Jardim do Posio (p. 294); a carvalheira dos Remédios (p. 300); a Praça dos Sapatos (p. 307), etc... mas o espaço fundamental é o da casa familiar, as casas dessas gentes de «A». O espaço exterior é quase idêntico ao espaço d'*A Esmorga,* com umha ligeira diferença: n'*A Esmorga* o espaço é substancialmente exterior, enquanto em *Xente ao lonxe* a acçom transcorre, quase maioritariamente, em espaços interiores, como a casa da *Severa do Aser,* a casa da senhora *Andrea,* etc. De todos os modos, o texto está desenhado ao redor de um eixo ou núcleo, a Catedral, onde confluem ou convergem outras ruas; é aí onde estám alguns lugares principais do espaço narrativo como a Praça do Ferro e a Rua da Paz, tam freqüentados por E. B.-A. na sua infância e adolescência.

Xente ao lonxe recolhe umha história de umha certa amplitude, umha história de uns quinze ou vinte anos: o processo da transformaçom de umha criança, o *Suso,* primeiro em adolescente e logo em homem, pois «un home non era home, ou non se sentía por moito que o fora de seu, sin se comprobar cunha muller embaixo de si e ao seu dispor» (p. 308). Ao lado desta história há outros entornos e nomeadamente o mundo do nascente proletariado na primeira e segunda década do século XX da cidade de Ourense.

O momento da história do texto podemo-lo saber por dados como a existência do Partido Socialista (constituído definitivamente em 1888) e que os socialistas contavam com um deputado em Madrid, facto que nom acontece até o ano 1910 (p. 254):

> «Con todo, o pobo acantazóu, unha noite tras outra, o pazo do bispado, o Centro de Obreros Católicos, a Audiencia Provincial... e salvóuse o local dos requetés, porque, ao fin 'fillos do pueblo', axudaron a acantazar misturados con nós;/ o escándalo chegóu á Prensa da Capital, e a minoría socialista, que tiña un diputado por xunto, tratóu o asunto no Congreso, que non pasou de dez minutos de 'ruegos y preguntas', porque estaban no poder os conservadores; si estiveran os liberáis, ao millor chegaría a vinte».

Informa-se-nos que por essa altura existiam reivindicaçons regionalistas (lembremos que na Galiza em 1916 aparece o Boletim *A Nosa Terra)* e que alguns jovens andavam entusiasmados com o regionalismo, polo qual nom podemos situar o tempo da história narrada no texto muito mais alá dos anos 1918 ou 1920 (p. 320):

> «O que me ten descontenta (e dígollo aos dous nas cartas), e que saian agora con que, dentro de ideas e tácticas do Partido, 'hai que empezar a ter en conta os problemas das rexións'. ¡Agora con iso!; e que algúns rapaces nosos andan moi entusiasmados co 'rexionalismo' como si non houbera máis que facer... Eiquí isso vese moi mal».

É umha etapa de convulsons sociais e devem ser os anos nom muito longínquos à fundaçom do Partido Socialista por Pablo Iglésias e à sua consolidaçom —no texto fala-se de que tinham transcorrido «dez anos de orgaización e loita» (p. 289) e o tipógrafo ferrolano provavelmente ainda devia viver

pola citaçom inserida em p. 320, quando se nos di que «(Pablo Iglesias foi tipógrafo)», isto é um passado mais próximo do que se utilizasse a forma «fora».

A cidade e as vilas ou aldeias som concretas e determinadas; a época é certa e nom imprecisa. Os capítulos seguem umha ordem cronológica: infáncia e mocidade de Suso e da sua irmá Evangelina; os narradores, contodo, retrocedem freqüentemente, construem saltos no tempo, para subministrar-nos por umha parte o processo de formaçom da personalidade de um dos narradores, *o Suso,* e por outra o passado e presente das outras personagens.

Numha palavra: a cidade do texto literário é sempre Áuria, essa cidade que constituiu umha autêntica teima para esse narrador, esse homem, Eduardo Blanco Amor, que repousa na terra de umha cidade concreta, a cidade de Ourense.

Galiza em Portugal - II

J. M. MONTERROSO DEVESA
(A Corunha)

II.A. A CORRESPONDÊNCIA DE AFONSO LOPES VIEIRA PARA ÁLVARO CEBREIRO

Baixo aquel epígrafe, *Galiza em Portugal,* e com o subtítulo: *A correspondência de Álvaro Cebreiro para Afonso Lopes Vieira,* o professor luso A. Rs. Baptista publicou, em *Agália* núm. 8 (Inverno de 1986), umha parte, a atingente ao corresponsal daquém-Minho, da indicada correspondência entre o poeta de Lisboa e de Moel (Leiria) e o debuxante da Corunha, abrangendo os anos de 1925 a 27.

Mercê à ilustraçom, dedicaçom e generosidade do cunhado do artista galego, Sr. Afonso Pose Romero, com cuja amizade nos honramos —e quem, curador da obra e do arquivo cebreirám, já tem cedido para a nossa revista variado e raro material histórico—, hoje podemos oferecer a outra cara daquela correspondência, algumhas cartas do poeta dalém-Minho, que praticamente casam e se nom completam si complementam e ajudam a compreender a cara anteriormente conhecida.

Oferecemo-las, mesmo utilizando notas (1 a 10) do referido amigo, como novos retaços de umha outra amizade que, salvando a diferência de idades (o português, 1878-1946 (1), levava 25 anos ao galego, 1903-1956), coalhou em feliz conexom e poderia servir de exemplo para um intercámbio que é, induvitavelmente, bem infreqüente ainda hoje já nom entre os dous povos, mas entre os intelectuais que, em teoria, deveriam representá-los com a maior fidelidade e eficácia.

Em primeiro lugar, digamos que, embora umha das missivas de Cebreiro —a penúltima que deduzimos é de Outubro de 1925— nom esté datada,

---

(1) Afonso Lopes Vieira empreendeu grandes campanhas de refortalecimento das legítimas tradiçons portuguesas *(A campanha vicentina,* 1915; *Em demanda do Graal,* 1922). Traduziu para o português obras que considera de inspiraçom lusa escritas em espanhol *(O romance de Amadis,* 1923; *A Diana,* 1924). Os seus propósitos fórom os de «reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu». Veja-se *Memória da História.*

Rs. Baptista as dispujo na ordem correcta, ordem que, para facilitarmos a ensamblagem das de Vieira, vamos fornecer de numeraçom, correspondendo-lhe às 6 do galego (C) a que segue: C2, C4, C5, C6, C8, C10. Nesta ordem é que introduzimos agora as 4 do português (V) resgatadas, destarte: V1, V3, V7, V9. Sabendo, polo texto, faltam outras, por exemplo, entre C6 e V7, algumha de V acusando recebimento do retrato que C lhe fijera; e mais entre V9 e C10, dado mesmo os quase dous anos transcorridos entre ambas. Outra de C também nom está datada, e nós deduzímos será de Janeiro de 1926.

Aí vam, sem mais, as cartas que constituem essa correspondência do poeta para o seu retratista e admirador.

[V1]

Excmo Senhor
Álvaro Cebreiro
Rua de Juan Flores, 134
Corunha - Espanha

Agradeço ex cordé o gentil envio de *D'Outono* (2), q̃ o artista q̃ tão espiritualmente o ilustrou quis oferecer-me. Lindas piquenas manchas de sugestão musical, devem elas ter alegrado e encantado o poeta cujos versos completam.

Os melhores cumprimentos de

Affonso Lopes Vieira

(Lisboa) (3) 23.IV-25

□ □ □

[V3]

Querido camarada

Não posso exprimir-lhe a grande e espiritual alegria q̃ a sua carta de hoje me trouxe, senão dizendo-lhe já q̃ a sua fraternal camaradagem me encanta e me honra. É com esses sentimentos q̃ lhe envio uns livros meus (4), entre

---

(2) Obra de Gonçalo Lopez Abente, con ilustraçons a cor de Cebreiro, volume III da *Editorial Ronsel,* saído esse mesmo ano. É umha colectânea de sonetos, o último dos quais, que leva o título de «Froles d'outono», vai dedicado a Cebreiro, tendo aparecido primeiramente na revista *Ronsel,* núm. 2 (Junho, 24).

(3) O lugar de procedência obtém-se do mataselos postal.

(4) Na biblioteca de Cebreiro conservam-se: *País lilás, desterro azul,* Sociedade Editora Portugal-Brasil, Lda., Lisboa, 1922, com a dedicatória autógrafa: «A Álvaro Cebreiro, lembrança muito afectuosa e muito grata...», e *A Diana de Jorge de Montemor em português de Affonso Lopes Vieira,* igual editora, que é a de todos os mais, 1924. No prefácio esclarece em que consistiu o seu trabalho: «Reescrevi uma redução: fiz umha transposição espiritual do texto, condensando-lhe a alma muito mais que vertendo as palavras em que ela se exprimia». O autógrafo di: «Ao caro camarada Álvaro Cebreiro, recordação e tributo de...». Outro livro é *Os versos de Afonso Lopes Vieira,* 1927, ao qual fai referência a última carta (C10), que dedica «Ao seu caro camarada e amigo Álvaro Cebreiro, testemunho e lembrança de admiração e afecto...». Tanto na impressom como na assinatura, o autor simplifica aí a grafia do seu nome escrevendo-o com um só efe. E, por fim, os livros das notas 5 e 8.

os quais o *Amadis* (5) (a q̃ mais estimo entre as minhas obras) descende tão directamente da grande Alma Galego-Portuguesa, Madre lírica das Espanhas, nosso encanto e orgulho comum.

Peço-lhe creia sinceramente na minha grande e grata simpatia.

Amigo, camarada e admirador

Affonso Lopes Vieira

Lx.ª 3 de maio. 1925

P.S. Recebi e agradeço a *Ronsel* e enviarei o retrato.

Envia - Costa do Castelo, 45
Lisboa

□ □ □

[V7]

De - S. Pedro de Moel (6)

Querido camarada - recebí nesta casa —onde muito prazer teria de o receber a bordo— a sua tão afectuosa carta e os impressos q̃ me mendou. Por tudo lhe fico imensamente grato.

Gostaria de possuir o original do desenho do *Pinhal do Rei* (7), para o ter aqui como recordação no próprio ambiente q̃. o inspirou.

Fiz remeter-lhe um ex. especial da *Demanda do Graal* (8) —esgotado há bastante tempo—, exemplar de amigo q̃. me alegra oferecer-lhe.

Creia-me sempre seu gratíssimo amigo e camarada admirador.

Afonso L V

□ □ □

[V9]

(17.2.1926) (9)

Meu caro Álvaro Cebreiro: Muito agradecido pelas suas palavras excelentes e pelo coste do jornal, q̃ me deu mtº prazer também. O *Amadis* é, com-efeito, nosso, da nossa alma, e tão nosso q̃. nêle se guarda o mais vivo

---

(5) *O romance de Amadis, Reconstituição do Amadis de Gaula dos Lobeiras (sec. XIII-XIV) por + Affonso Lopes Vieira +*, 1926, dedicado «Ao querido camarada Álvaro Cebreiro, lembrança do seu amigo e admirador...».

(6) Postal sem data, a do mataselos resultando ilegível. Leva lembrete, impresso por estampagem de carimbo, com a lenda: OR:PIANGO:OR:CANTO em cartela entre umha buguina e umha vieira postas em cima e em baixo da mesma, respectivamente, que às vezes também utiliza como ex-libris.

(7) Título de umha sua poesia publicada no jornal *Faro de Vigo* em data imprecisa (entre 16-IV-25 e ?-X-25) e que levaba como ilustraçom um desenho de Cebreiro, que é ao que se refere.

(8) *Em demanda do Graal*, por Affonso Lopes Vieira, Portugal-Brasil, etc., 1922. Conjunto de conferências e prosas diversas, «páginas que exaltam o nosso lirismo». O exemplar dedica-o o autor «ao seu querido camarada Álvaro Cebreiro, testemunho de grata estima e admiração».

(9) A data é a dos Correios, pois vem sem ela. É um postal, e leva o consabido lembrete, por carimbo.

dela, e q̃ não morrerá jamais. — O q̃. me pede não lho posso, com pena, enviar. Essa edição de poesias de Heine foi feita para oferecer a amigos e não tenho exemplares. Se puder obter algum, mandar-lho hei com mtº gôsto.

Gostaria de ter as versões q̃ Díez-Canedo fêz de poesias minhas (10). Pode enviar-mas? — Por tôdas as expressões de tão generosa e boa simpatia q̃ me dirige, o abraça o seu amigo, camarada e admirador.

Affonso Lopes Vieira

De - Costa do Castelo, 45
• *Lisboa (Portugal)*

□ □ □

II.B. AS RELAÇONS LUSO-GALAICAS ATRAVÊS DE DUAS OUTRAS REVISTAS LITERÁRIAS DE APÓSGUERRA: *QUATRO VENTOS* E *CÉLTICA*.

De intento é que tomámos, adaptando-o às nossas necessidades, o título que a cara professora Aurora Marco outorgou a umha sua bela nota, aparecida em *Agália* núm. 23 (Outono de 1990) e que focava para *As relaçons luso-galaicas através de duas revistas literárias de anteguerra:* ***Ronsel e Resol;*** para nós falarmos, muito brevemente, dessas outras duas experiências editoriais, agora portuguesas, também estas complementárias, perpassado o trauma da contenda espanhola, das galegas de anteguerra.

Confessamos que a isto nos levou o desejo de exumar a mais nova das duas publicaçons, pois que, como já temos umha referência a *Quatro Ventos,* devida à pena do Prof. Dobarro Paz e baixo essa entrada, na *Gran Enciclopedia Gallega,* damos com ela por desnecessário resenhá-la aqui.

Quatro Ventos, limitamo-nos a resumir dessa notícia, «revista lusíada de literatura e arte», saíu em Braga entre 1954 e 57, alcançando os 14 números, • e baixo umha tripla direcçom luso-brasileiro-galega (compondo o elemento galaico do triunvirato colegiado Leandro Carré, nome infaltável em qualquer iniciativa trans-minhota, Otero Pedrayo e Sebastián M. Risco). Também deu a lume a colecçom de livros homónima, onde, pola Galiza, publicárom Carré e Bouça-Brey, por exemplo (11).

De *Céltica,* «caderno de estudos galaico-portugueses», editado no Porto baixo a «organização literária e editorial de Oliveira Guerra» —e que nom

---

(10) Umha traduçom de Enrique Díez Canedo, *La vida,* publicou-se na revista *Alfar,* núm. 36, Janeiro de 1924.

(11) Um dado que nom pretende enjuiciar a seriedade de *Quatro Ventos* —da qual apenas contamos no momento com cinco números— mas que nom podemos calar é a falsidade de umha nota assinada por Jorge Ramos, contida no núm. 11, de Março-Abril de 1957, que, baixo o título de «Uma grande poetisa do Uruguai», contém umha entrevista absolutamente falsa, inexistente, com Delmira Agustini; e dizemo-lo com tal seguridade porque: 1) D. Agustini morrera em 1914! 2) Se se aduzir ser um texto saído nalgum órgao anterior a dito 1957 cuja pontualizaçom se omitiu, também nom podemos aceitá-lo... porque D. Agustini jamais viajou à Europa! 3) Outros dados da *entrevista* som igualmente falsos, v.g. essas suas obras, inexistentes, *Mar secreto, O barro verde, Lua vermelha* e *Colóquios com a sombra,* mesmo traduzidas para português (?!). Inferimos se tratar de um trabalho totalmente imaginado e realizado para cobrar uns emolumentos e que alcançou o seu objectivo com umha equipa de redacçom pouco avisada.

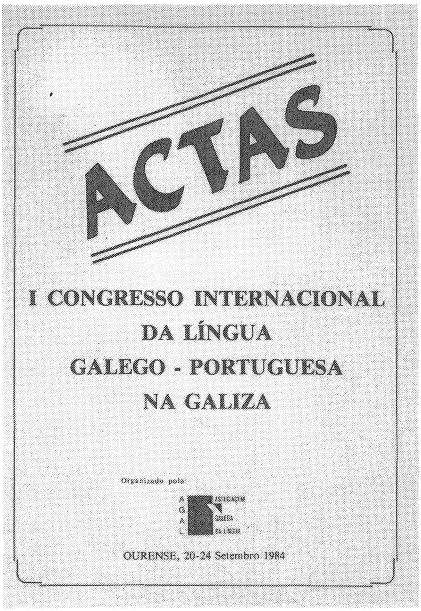
vem resenhado na *Gran Enciclopedia Gallega—,* possuímos quatro números, sem numerar (mas que sabemos correlativos por levar paginaçom corrida: 1/48, 49/144, 145/240, 241/336, suspeitando acabou aí) e sem datar, desprendendo-se do contido a sua circulaçom entre 1960 e 1961.

Pola Galiza aí colaborárom, entre outros, Loís, Leandro e Uxío Carré Alvarellos, M.ª Victoria Armesto, Chao Espina, Álvaro Paradela, Díaz Jácome, J. M. Álvarez Blázquez, Vázquez Peña, Tovar, Novoneyra, Celso Emílio, Manuel Maria, todos em galego; assim como, em galego e espanhol, González Garcés e Dora Vázquez, ou Pura Vázquez e Castroviejo, estes dous exclussivamente em espanhol, língua minoritaríssima na revista.

No que reputamos último número, figura o «Projecto de estatuto do 'Círculo de Estudos Galaico-Portugueses' com sede no Porto» (de cuja comissom gestora de cinco membros faz parte, como único galego, umha filha de Lugris Freire, no Porto morando e casada). Sem faltar algum discurso (fragmentário) de Oliveira Salazar sobre «'O mundo que o português creou' (sic) e a ONU», com afirmaçons tam assumíveis por nós e actuais como: «A ideia da superioridade racial não é nossa; a da fraternidade humana, sim»; ou: «A sociedade plurirracial é possível... simplesmente essa sociedade exclui toda a manifestação de racismo».

A temática como os géneros sendo muito variados tanto como dispar a qualidade, nom sabemos por que faliu esta *Céltica* evocadora, no nome, da *Céltiga* ferrolana de quarenta anos antes.

Aí fica notícia de dous aprecíveis intentos nesta dilatada incomunicaçom que *Agália,* por sua volta, contribuiu e contribui a interromper nesta fim de século.



II CONGRESSO INTERNACIONAL
DA LINGUA GALEGO-PORTUGUESA
NA GALIZA. 1987

ACTAS

Santiago de Compostela, 23 de Setembro
Ourense, 27 de Setembro.

ASSOCIAÇOM
GALEGA
DA LÍNGUA

1989

Para sempre

Nuno DA PENA

I

Quigera morrer
e que a minha alma passasse
a ti, e aí dentro se quedasse
para sempre.

Sentindo-te
e não deixar-te nunca,
sentindo-me cercano
e amar-te infinito.

Quero estar no teu adentro.
Quero estar sempre contigo,
melancólico latido,
até a morte, sempre teu.

Oxalá fosse
de hoje em adiante
um pedacinho do teu espírito
para não separar-nos
nunca,
nunca,
para morrermos juntos,
devagar.

II

Semente de mim mesmo
em casca de ferro presa
que luita por sair.

Um lume de opressão
esconde-me entre brumas e nega
a minha essência
volvendo-o tudo cinza do sem-senso.

Livre vingança de impotência,
resposta do forte vazio.

Quem fosse estrela do ceu num deserto
de preto penar,
sorriso liberador de triste neno.

Quem fosse nada
por ser algo melhor!

III

Às vezes sinto
como morro devagar.
Esqueço-me então
do meu manhã
e vejo que a vida
passa acarão minha
sem me querer roçar.

Um espelho
de côncavos e de convexos.
deforma os meus pensamentos.

A ledice e a tristura
fogem de mim.
E sinto que já não sinto
do meu coração o latir.

IV

Tristeza que lavras a terra erma
do meu coração
não olhes o céu
dos meus pensamentos
que estão orfos de estrelas
e vivem saudosos
da lua dos seus olhos.

Que morrem saudosos
da lua dos seus olhos:
o meu interior
por duas forças rasgado,
o meu grande amor
pola indiferença mutilado,
o meu lume de paixão,
duplamente namorado.

V

Um fusil de desesperação
levará a minha vida mais alá
da respiração perpétua.

Uma guerra de morte seca
ameaça a minha existência.

Uma guerra de fria morte
que me faz esquecer de mim.

Entressonho

Ernesto GUERRA DA CAL

Para Maribel e Xosé Estêvez

GALIZA
encadeada
na sua funesta rocha prometeica
co'as entranhas
de sempre
estraçalhadas
por ferozes abutres
em festim
GALIZA
avassalada
condenada
a ir sempre à deriva
dentro da sua alma
sempre
a escutar os ecos
dos últimos soluços
das viúvas da sombra
e o derradeiro grito
do náufrago afogado
Quantas tristes fileiras
peregrinas
de mortos redivivos
voltam
caminhando descalços
sobre as águas
para irem descansar a Compostela!

Quantas sereias
olham com saudade
para as tuas colinas
de neblina!

* * *

Na sua nuvem negra
ROSALIA
contempla adolorida
as cruzes silenciosas
entre a névoa
já abandonadas pelos crucificados
E sente nas suas veias
milenares
o correr turbulento
do sangue do martírio
de todos os seus filhos:
enquanto no seu ventre
alberga sacramente
a rica gravidez
fosforescente
das semprevivas todas
—sem deixar sequer uma—
dos nossos camposantos
de bruma apodrecida

Enlutada Madona
da hora fossilizada da Galiza
conta-me aqui outra vez
as tuas Sete Dores
e as tuas Sete Fúrias
contra o jugo brutal de Polifemo!
Conta tudo isso agora
aqui
ao uivar do vento
e no amortecimento
das estrelas!
(Cala, meu neno, cala!
Não chores mais!
Pois elas
tornarão a florir na manhãzinha)

* * *

ROSALIA
ergue-se hirta
co'as suas mãos maceradas
já quase derretidas
e trata de acertar
o relógio de pedra da Galiza
E não consegue!
Então
desconsolada
berra mais uma vez
com voz longínqua
de cristal soturno:
«Todos morreram, todos
Já não fica ninguém
E eu aqui sempre só, co'a minha Terra!
Mais ninguém!
Mais ninguém!
.... ninguém!
.... ninguém!»
Mesmo assim
ainda espera
olhando para o Céu
desde a borda estreitíssima do Tempo
Vai vaga e transparente
caminhando bem rente sobre o abismo
Vai perguntando
abstracta
«Porquê
meu Deus, porquê?»
E ninguém lhe responde

* * *

Os nossos marinheiros
descobriram a Ilha
Verde
do Setentrião
antes de São Patrício
expulsar as serpentes
Tu
já la os esperavas
Já estiveras no centro de Stonehenge
muito antes de os druidas
cortarem a mandrágora

Com Cassandra estiveste
oraculando em Tróia
E em Creta
com Ariadna
fiando o longo fio de Teseu
Por toda a parte estavas
e ainda estás
pelas Sete Partidas do Mistério
Até mesmo em Quiroga
junto ao Sil
onde eu pela primeira vez te vi
Eras menina e moça
e dançavas
dançavas
co'o Meco, ao som das gaitas
na festa de Caspedro
Encontrei-te de novo
—em tempos já remotos—
perto do «Times Square»
numa igrejinha
do «Columbus Circle»
onde tinhas capela
para os duros
marinheiros galegos
dos «tub-boats»*
que iam da baia
rio arriba
para os molhes do Hudson)

Tu és mágica!
Tu és bruxa!
Tu és meiga! (E meiga de voar
daquelas de vassoura, pelo ar!)

* * *

ROSALIA
sombria
Tu és a minha segura companhia
És espada e escudo
bandeira flamejante

---

* rebocadores.

em todos os combates
íntimos e exteriores
do meu périplo louco
de galiziano andante
e navegante
(Cala, cala, meninho!
Está quedo, quietinho
Que agora há já uma ESTRELA
solitária no Céu
que é prenúncio daquela
Alvorada Final
que Ela profetizou
e que aí vem
RADIANTE!)

Estoril, 1989
Londres, 1990

Cavilação

Ernesto GUERRA DA CAL

A História factual
da nossa Vida
é, por força,
ilusória
pois é coisa patente
e bem sabida
que a Memória
nos mente
verazmente

Londres
1 de Setembro
1992

Passagem

José Henrique PÊREZ RODRIGUEZ
(Lugo)

Os cans ao longe enchiam, debuxavam quase com os seus ladridos o negro da noite. Desde o alto a lua espreitava os movimentos desordenados e confusos das pequenas bestas que se moviam polo bosque. Ninguém ousara penetrar na foresta.

No baixo a aldeia jazia delatada polas últimas labaradas, as fogueiras inconclusas que davam luz aos que tornavam aos seus fogares das romagens. O ar zoava lenemente desde a fraga.

Ghilhade Albai dirigiu o seu olhar aos braseiros que ficavam no chao de umha das fogueiras. Nom pudo evitar sentir umha espécie de apesaramento ao lembrar como fora degenerando o rito solsticial: «Vou velho —cavilou—. Só sinto que comigo quando a hora venha vaia morrer mais do que um simples home». Chegavam a ele as cheirumes quase agradáveis das charamuças ardentes.

Pensou naqueles moços novos, naquelas gentes tolas que acenderam as fogueiras por fazer festa e logo marcharam às discotecas e aos bares da capital municipal. Naquel entom só quatro velhos dos mais audazes ficavam guardando no lume, o resto foram já dormir. Pouca oposiçom iam achar agora as bruxas na noite do Sam Joám daquel ano.

Que fora? Que se passara com aqueles homes garridos de antano? Agora a gente esquecera-o todo.

A ele queriam-no levar à cidade, com o seu filho Ramom. Ali estaria bem. Mas nom desejava marchar.

Pensava em Ramonzinho de neno, quando se pujera a ferrar as ovelhas com latas de sardinhas e fora o riso de todos os arredores, em como foi medrando e se fijo um home e marchou.

No Natal já passara uns dias em Lugo. A nora era-lhe boa, mirava-o bem, mas ele percebia-lhe um aquel de reticência, de disimulado medo. Ia velho, ameaçava com quedar qualquer dia encamado e precisar cuidados. No ano passado por estas mesmas datas já tivera alguns problemas com o coraçom. Sentira-se marchar e hoje quixera que isso tivesse acontecido por nom ter que viver esperando por fugir desta agonia em vida.

Sentou num talho tosco de madeira que tinha posto onde a porta para tomar a racheira nos dias solheiros. Deixara acesa a luz do corral.

Por diante da casa passárom falando acacareladas as filhas dos do moínho, os velhos de Crecente, que morreram os dous à entrada da primavera levando-se só quatro dias.

—Ainda nom se deitou, senhor Guilhade, já lhe é tarde —dixo umha delas com tom de boa conselheira.

—Espero, eu espero alguém que há de vir —contestou sem que elas pudessem já ouvir—. Espero alguém —engadiu agora em voz baixa e para si. As estrelas olhavam desde o cume do céu. Eram milheiros de olhos brilhantes velando.

«Nom tenho ganas de me deitar —pensou ao tempo que botava a cabeça para atrás e respirava o ar morno do verao—. A noite está boa. Aqui fora podo sentir outra vez a grandura do mundo sobre mim, como quando era neno e andava, quase vivia, polos montes longos da Acernada verdecente; quando guiava as vacas polo carreiro dos curros, que de tam fundo que ia, e se os muitos salgueiros, ameneiros e madreselvas coavam as raiolas, parecia que num repente vinhesse a noite. Os lobos, que ainda baixavam da serra; as fachas e aqueles arrepiantes ruidos noitaregos que sobrecolhiam a aldeia num momento qualquer. No rio as cobras com asas, e o mouro do castro; e numha vez, um ano terrível no tempo da guerra, o Urco, que saíra das águas e matara umha vaca. Muitos medos tenho passado naquel mundo, perdido já, que comigo se vai; mas dentro daquelas cousas, daqueles trabalhos duros, a minha vida era umha pinga, umha pinga de água no meio do mar que é o mar todo».

Os cantos dos grilos e as rás que resoavam nos seus ouvidos eram a noite tranquila, eram como o voo dos insectos na tarde e como a água na fonte. Sabia-se de novo mergulhado naquela sensaçom prácida e podia ler no céu mil mensagens que a sua sabedoria de home velho sabia interpretar. Dominava nele um acougo, um sossego que nunca tivera. Pouco a pouco ia-se fazendo possuidor dos arcanos da vida, da maior verdade do viver. Ao longe ergueu-se o canto do moucho que já quase nom escoitou.

—E dorme, senhor Guilhade? —perguntou umha voz de home desde a cancela do corral. Ninguém respondeu—. Señor Ghilhade, dorme? —berrou mais forte.

Umha nuvem confusa de avelaias dava voltas arredor da lámpada acesa atraídas pola luz. O silêncio era umha força grave que adquerira consistência de seu naquele ambiente calmoso. As brasas da fogueira quase tinham apagado.

—Ainda nom —falou umha voz bacenta que aguardou uns momentos para responder.

—Já me metera medo. Vostê devera estar já dormindo a estas horas. A noite é quentinha, mas aginha se há começar a notar bem o ressio. Vaia-se deitar.

—Logo, logo, bom André —respondeu o velho, polo que o home colheu e subiu polo caminho da encosta sustendo um foco de pilhas que lhe alumava

o caminho e deixando só Guilhade com a noite. Algum automóvel circulou entom pola pista de Trá-lo-poço e volveu deixar quedar o bairro em calma dali nuns instantes.

Leonor foi umha pebida amarela que ele achou um dia na beira do rio. Conhecê-lo foi conhecer o sol. Os seus cabelos desciam brilhantes trás os seus olhos verdes por baixo do pano de renda. Duvidou que fosse certa tanta a beldade como ali se lhe oferecia e deu graças ao céu pola visom que este lhe dera para poder contemplá-la como estava fazendo.

Casou com Leonor e viverom felizes os tempos difíceis, e logo também. Se a ledícia jaz dentro de um mesmo, e é boa verdade, dizia-se ele entom, pouco podia influir o que afora se passasse com o mundo. E logo Ramozinho, aquela pérola que deitava arreu sorrisos desde o berço; mas também e pola contra a tristura que lhes dera o Benitinho, um anjo que fora morrer em braços de sua mai naquele inverno maldito e famento, o mesmo famento e maldito inverno que anos depois também havia levar a que já se convertera em andaimo inseparável do ainda nom velho Guilhade Albai. A vida apenas era um pêndulo que pendurava para um lado e para o outro e logo volvia e volvia, e cada hora parecia tirar proveito se com mais força batia num.

Agora a noite amossava-se tam preta e tam fechada que por uns momentos metia medo. As criaturas miúdas da escuridade delatando levemente os seus movimentos remegiam-se nos seus tobos ou despraçavam-se de lugar a-lheias ao que nom estivesse relacionado com as suas minúsculas existências. Como percebiam elas umha noite como aquela calmosa noite de Sam Joám? Como sentiriam a passagem do tempo sobre os seus corpos diminutos?

Pouco a pouco foi-se esgotando o morno, os tépidos restrovos que aquele dia longo e caluroso fora deixando trás de si ao jeito de um ronsel que se extinguia numha lenta ósmose quase inaprezável. Já os rescaldos enegrecidos da fogueira só desprendiam um tímido cheiro pardo-ateixado que ao mesturar-se com o ar apenas carretava fugidias lembranças das antigas lapas adevaladas.

Ouviu-se novamente o moucho e após veu um silêncio que soou delicadamente a cançom de ressio. Desde o céu a lua espreitava e trás a cortina de escuridade as estrelas velavam Guilhade Albai sentado no talho.

A barca de pedra

Reynaldo VALINHO ÁLVAREZ

1.
Sopra o vento em Santa Tecla
como nunca há de soprar.
Será que há mouros na costa
ou normandos a passar?
Serão vikingos ou ingleses
querendo desembarcar?
Sopra o vento em Santa Tecla
como nunca há de soprar.
enquanto o Minho se lança
no leito inquieto do mar.

2.
Ai Vigo, vi-te em A Guia
e no Castro fui te ver.
Ventava um aire tão limpo
que dava gosto viver.
Embaixo a ria se abria
no gesto de acontecer.
Ai Vigo, vi-te em A Guia
e no Castro fui te ver,
levado pela morrinha,
dor que germina em prazer.

3.
Em Baiona o mar encrespa
seus cabelos sob o sol.

São nenas que se penteiam
com pentes de caracol.
As ondas como que dançam
nuas à luz de um farol.
Em Baiona o mar encrespa
seus cabelos sob o sol,
penteados pelos aires
do noroeste espanhol.

4.
Redondela, adormecias
talvez com os trens sonhando.
dormindo teu sono brando.
Redondo, o mundo se vai
todo o dia arredondando.
Redondela, adormecias
talvez com os trens sonhando
no extremo da ria funda
que o mar en ti foi rasgando.

5.
A Toxa. A tocha? Uma luz,
o verde florindo em ouro.
Ilha pousada no mar
como na flor o besouro.
Terra morena onde o céu
é mais azul e mais louro.
A Toxa. A tocha? Uma luz,
o verde florindo em ouro,
gaivota bicando o mar
como ave de bom agouro.

6.
Santiago de Compostela,
a Santiago hei de voltar.
Hei de chamar Rosalia
e hei de com ela cantar.
Santiago, ai meu Santiaguinho,
hei-de-te as pedras beijar.
Santiago de Compostela,
a Santiago hei de voltar,

levado em barca de pedra
a modinho sobre o mar.

7.
A Corunha, A Crunha fria
de Finisterra e pescado.
Lá onde o mar é o mugido
de um touro negro e assustado.
Em A Corunha, o farol
aclara todo o passado.
A Corunha, A Crunha fria
de Finisterra e pescado,
cavalga o erradio dorso
do Mar Tenebroso e irado.

8.
Ai, Tui das pedras cinzentas
debruçadas sobre o Minho.
Ai, Tui das páscoas festivas
de ressurreicão e espinho.
Quero ouvir os teus gaiteiros
quando estiver a caminho.
Ai, Tui das pedras cinzentas
debruçadas sobre o Minho,
cada vez que te revejo
me sinto mais ribeirinho.

9.
Se vais de Leirado ao Minho,
tens de cortar Salvaterra.
Em Salvaterra de Minho,
um aire mais puro erra.
Quem a estes aires se entrega
mais em si mesmo se encerra.
Se vais de Leirado ao Minho,
tens de cortar Salvaterra,
colhendo pelo caminho
flores do vale e da serra.

10.
Vai Ourense contemplar-te
no espelho azul do Ribeiro.
Quem não conhece o teu vinho
nunca bebeu o primeiro.
A chuva que chove lava
teu perfume de pinheiro.
Vai Ourense contemplar-te
no espelho azul do Ribeiro,
entre vinhedos e montes,
nas voltas de algum carreiro.

Emigração

Reynaldo VALINHO ÁLVAREZ

Meu amor tem Galícias escondidas
e pedaços de Espanha recortados
contra o azul guarani de um céu a dois.

Meu amor tem delícias e primícias
e de tal modo se entranhou em nós
que não temo vivê-lo mesmo a sós.

Meu amor é um púcaro de barro
lavado pelas águas dos teus olhos.

Meu amor é amar um mar de abrolhos.

Nomear Rosalia

Luis VEIGA LEITÃO
(De *Rosto por dentro,* Porto 92)

Rosalia, outra não conheço, é nomear
entre as estrelas a estrela de alva

Rosalia, outra não me lembro, é nomear
entre as Galizas a Galiza galega
com seus braços presos e seu verde no ar

Rosalía, outra não conheço, é nomear
entre as línguas a minha língua
no seu canto mais antigo

Rosalia, outra não me lembro, é nomear
entre as pedras a pedra
de sua casa em Setembro

Rosalia, outra não conheço, é nomear
entre as raízes a raiz
onde seu corpo mora

DOCUMENTAÇOM E INFORMAÇOM

COLÓQUIO INTERNACIONAL DA LÍNGUA LITERÁRIA PORTUGUESA

Os dias 5 a 10 de outubro de 1992, organizado polo «Liceu Literário Português-Instituto de Língua Portuguesa» tivo lugar na cidade do Rio de Janeiro um «Colóquio Internacional da Língua Portuguesa Literária». As sessons celebrarom-se nos salons do Instituto de Língua Portuguesa, presidido polo Dr. António Gomes da Costa, sito na Rua Senador Santas, 188-2.º andar. A Comissom organizadora estava constituida polos Professores Sílvio Elia, Gladstone Chaves de Melo, Evanildo Bechara, Maximiliano de Carvalho e Silva e António Basílio Rodrigues. A Comissom executiva polos Professores Sílvio Elia, Evanildo Bechara e António Basílio Rodrigues.

O Colóquio estruturou-se em conferências plenárias, comunicaçons programadas, comunicaçons livres e debates, sendo a língua oficial do colóquio a portuguesa. Entre as conferências plenárias cumpre salientar a pronunciada na sessom solene de abertura, polo Prof. Doutor Eugénio Coseriu, conferência intitulada «A língua literária»; a do Prof. Dr. Paul Teyssier sobre «Os autos de Gil Vicente como documentos lingüísticos»; a do prof. Dr. Ivo Cas-

«O Mundo Português», Rio de Janeiro, 9 de Outubro de 1992

Abertura do Colóquio da Língua

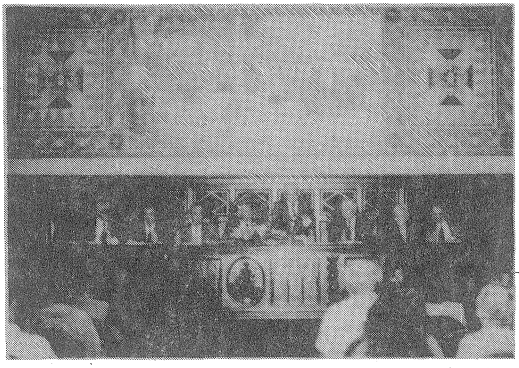
Com cerca de 300 participantes e vários convidados de diversos países — entre os quais filólogos, gramáticos e estudiosos da Língua — foi aberto neste 5 de outubro no Liceu Literário Português do Rio de Janeiro o Colóquio Internacional da Língua Portuguesa.

Na solenidade de abertura, presidida pelo Dr. Antonio Gomes da Costa, fizeram suas intervenções o Prof. Aníbal Pinto de Castro, da Universidade de Coimbra; o Emb. José Augusto Seabra, Embaixador de Portugal junto à UNESCO; e o Prof. Eugênio Coseriu, da Universidade de Tubingen.

Ao ato inaugural compareceram além do Cônsul Geral de Portugal no Rio de Janeiro, do Embaixador de Angola, de diversas Autoridades e membros da Academia Brasileira de Letras, reitores e mestres de várias universidades do Rio de Janeiro.

O Presidente do Liceu afirmou que este Colóquio, que teve o apoio da Secretaria de Estado das Comunidades, da Secretaria de Estado da Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação Cultural Brasil-Portugal e da Fundação Oriente, será um passo para transformar a cidade do Rio de Janeiro, por sua situação geográfica e pelas instituições e equipamentos que já possui, num "centro de estudos" do Idioma.

Do Colóquio participam entre outros os seguintes professores: Aníbal Pinto de Castro, da Universidade de Coimbra; Ivo de Castro, da Universidade de Lisboa; José Herculano de Carvalho, da Universidade de Coimbra; Onésimo de Almeida, da Brown University; Paulo Teyssier, da Sorbonne; Adrien Roig, de Montpélier; Maria do Carmo Henriquez, da Galiza; Leodegário Azevedo Filho, da Universidade do Rio de Janeiro; Telmo Verdelho, da Universidade de Aveiro; Agnelo Carrasco, da Universidade do Lubango; Maria Helena Sousa Lobo, de Cabo Verde; Norma Tasca, de Paris; Angela Vaz Leão, da Universidade Federal de Minas Gerais, etc.



A mesa de honra na abertura do Colóquio; o Presidente do Liceu, Dr. Gomes da Costa, o Cônsul Geral de Portugal no Rio, o Emb. José Augusto Seabra, o Dr. Antonio Maria Ornelas Ourique Mendes, representando o Secretário de Estado das Comunidades, o Prof. Sílvio Elia, o Prof. Eugênio Coseriu, da Universidade de Tubingen, a Profª Cleonice Berardinelli, da UFRJ e o Dr. Antonio Houaiss, da Academia Brasileira de Letras.

O Prof. Aníbal Pinto de Castro, da Universidade de Coimbra, quando fazia sua intervenção

tro sobre «Filologia pessoana»; a da Profa. Dra. M.ª do Carmo Henríquez, Presidenta da AGAL e da Universidade de Vigo, sobre «A língua galego-portuguesa e as suas relações com a língua literária portuguesa»; a do prof. Dr. Aníbal Pinto de Castro sobre «A formação da língua literária no século XVI»; a do Prof. Dr. José G. Herculano de Carvalho, sobre «Difundir e ilustrar a língua portuguesa»; a do Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho sobre «A relatinização do português quinhentista» e finalmente a da Profa. Dra. Edith Pimentel Pinto sobre «A gramaticalização da linguagem quinhentista» e a da Profa. Dra. Angela Vaz Leão sobre «A recuperação do português arcaico na língua literária contemporânea». Todas as conferências e comunicaçons iam seguidas de colóquio.

Como actividades complementares os professores convidados tivérom a oportunidade de assistir a várias recepçons e banquetes, sempre com a grata e cordial companhia do Presidente do Instituto de Língua Portuguesa, o Dr. António Gomes da Costa, quem converteu este «Colóquio» num acontecimento de grande transcendência para acrescentar os laços de uniom entre os países de língua portuguesa.

As sessons de abertura e encerramento contárom com a presença do Embaixador de Portugal no Brasil, representantes do governo de Lisboa, membros do Consulado de Portugal no Rio de Janeiro (quem soubo acolher com cordialidade e oferecer um delicado jantar aos congressistas) e outras autoridades académicas.

Aguardamos pola publicaçom das Actas que, sem dúvida contribuirám ainda mais a acrescentar o sucesso deste Colóquio internacional.

□ □ □

DOCENTES CONTRA A REPRESSOM LINGÜÍSTICA

Desde o momento da apariçom do primeiro número da revista *Agália,* em Março de 1985, nom existe, praticamente, um número, em que nom se recolham casos de discriminaçom, perseguiçom ou marginalizaçom de reintegracionistas. Naquel número 1, em página 103, dava-se informaçom sobre a iniciativa que estava a realizar a Associaçom Galega da Língua em contra da campanha promovida pola Direcçom Geral de Política Lingüística sob o título «Fala-lhe galego». Naquela altura manifestávamos que nom existia umha autêntica vontade normalizadora por parte das autoridades autonómicas mais preocupadas por perseguir aqueles que tendo umha prática lingüística coerente, nom seguem critérios deturpadores e oficialistas. Além disto, a AGAL denunciava que se empregassem 35.000.000 milhons de pesetas numha campanha, enquanto as mesmas entidades convocantes continuavam a utilizar o espanhol nos seus escritos. Nesse mesmo número também denunciávamos a incompetência do Serviço de Normalizaçom da Junta de Galiza e nomeadamente os responsáveis de fixar a forma correcta para o galego no que diz respeito à toponímia.

A estas primeiras denúncias fôrom seguindo outras, que os leitores podem ler nos sucessivos números. As técnicas e tácticas utilizadas polo Poder autonómico som subtis e nom sempre estám levadas a cabo da mesma forma: umhas vezes actuam através de alunos (perfeitamente adoutrinados polo Poder), outras polos professores, companheiros ou companheiras, do professor ou professora, outros polos serviços de Inspecçom, outras através da APA, outras nom concedendo permiso para assistir a actividades organizadas por associaçons como a AGAL, outras nom convocando as praças para poder concursar, outras denegando sistematicamente subsídios, outras ameaçando... Os reintegracionistas perseguidos, discriminados e marginalizados —quando nom som sancionados— som caluniados, utilizando os repressores verdades a meias e manipulando qualquer elemento ou dado. Todo lhes serve com tal de lograr os seus objectivos de molestar e ofender, que felizmente nom conseguem.

Em Outubro um novo comunicado de «Docentes contra a repressão lingüística» lembrava esta situaçom numha folha distribuida por toda a Galiza e enviada à Redacçom da *Agália.* Nesta folha lembravam os últimos anos da nossa história para salientar os procedimentos repressivos contra a nossa língua, como a aprovaçom de umhas «Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego» que admitem a castelhanizaçom do galego como inevitável e procuram o afastamento do galego a respeito do sistema lingüístico galego-português

a que pertence, segundo a doutrina da Romanística e os critérios científicos estabelecidos polas Ciências da Linguagem. Além do mais salientavam que adequam o seu discurso académico às necessidades do Projecto Nacional Espanhol, definem os usos do galego como possíveis, aceitando os do espanhol como necessários, negam a nossa melhor tradiçom e a continuidade em Portugal, de umha Galiza normalizada e ocultam a história da faixa ocidental da Península Ibérica e a sua unidade étnica e cultural.

Noutro momento do manifesto falam do início do processo de depuraçom de reintegracionistas em diferentes sectores da sociedade, nomeadamente no ensino, desde a Universidade aos níveis inferiores. Naqueles ámbitos em que o controlo se lhes apresenta como mais difícil, surgem os conflitos que adquirem grande intensidade em muitos casos. Nas instituiçons, como a Junta, nos centros de ensino, nos departamentos da Universidade, nos meios de comunicaçom, etc., investiga-se para evitar a «infiltraçom lusista».

O texto finalizava com umha enumeraçom dos casos mais recentes como a dos professores Mário Alonso Nozeda, Isaac Alonso Estravis, António Gil Hernández, Jesus Sánchez Sobrado e Manuel Zebral, este último sancionado, após um longo período de perseguiçom, com sete meses de suspensom de emprego e soldo, para, aproveitando a sua condiçom de interino, despedi-lo ilegalmente e condená-lo ao desemprego, com o silêncio dos sindicatos. Para além da repressom estritamente lingüística, em todos estes casos produziu-se a violaçom dos direitos fundamentais reconhecidos na própria legislaçom vigente: igualdade perante a lei, presunçom de inocência, liberdade ideológica, de expressom, de cátedra, etc.

□ □ □

PARA O PONTÍFICE JOÁM PAULO II A LÍNGUA PRÓPRIA DA GALIZA É COMO O PORTUGUÊS

Por motivo da visita que realizou o presidente do Goberno galego a Roma, acompanhado polo arcebispo de Santiago, perante a solicitude do presidente da Junta de Galiza de ler em galego as últimas linhas da sua alocuçom e pedir a bençom apostólica, o pontífice comentou ao escuitá-lo falar a língua própria da Galiza: «É como o português». Declaraçons que fôrom recolhidas no jornal «La Voz de Galicia» do dia 14 de Novembro de 1992, página 21, e que reproduzimos textualmente para os nosos leitores.

Juan Pablo II recibió la medalla de oro de Galicia

El Papa no confirmó a Fraga si visitará Santiago el próximo año

El presidente del Gobierno gallego departió ayer en privado cinco minutos con Juan Pablo II en el Vaticano, acompañado del arzobispo de Santiago, Antonio María Rouco Varela, el mediador que hizo posible el encuentro entre ambos dignatarios. Fraga entregó a Carol Wojtyla una maqueta de más de dos metros, que reproducía el proyecto de ciudad eclesiástica, cuya construcción está prevista en el Monte do Gozo. El presidente de la Xunta le otorgó la medalla de oro de Galicia y un «pelegrín» hecho «ex profeso», si bien el Papa no pudo confirmar después su presencia en Santiago con motivo del Xacobeo–93.

El proyecto global asciende a 3.500 millones e incluye además un camping, un auditorio, un área residencial y un monumento al peregrino.

El pontífice recordó su viaje a Santiago en 1992 y escuchó seguidamente el breve discurso del presidente de la Xunta, a propósito de la entrega de la medalla de oro de Galicia. Fraga expuso: «Vengo de Galicia, una tierra que fue uno de los confines de la humanidad durante muchos siglos. Represento a un pueblo que ha conservado los valores del cristianismo con el mismo fervor con el que llegaron a nosotros de la mano y de la palabra del apóstol Santiago».

Recordó el dirigente gallego algunos de los personajes más ilustres de la cristiandad galaica —empezó por la monja Eteria, Idacio, san Froilán, san Rosendo, san Pelayo y san Pedro de Mezonzo, y terminó con los beatos de la emigración gallega en América— y llegó a sostener que «Galicia asume su condición católica hasta el punto de representarla en sus símbolos históricos».

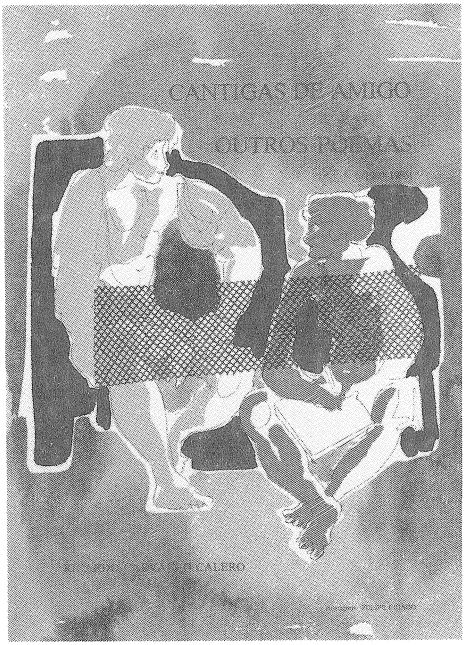
El *número uno* de la Xunta comparó su desplazamiento a Roma con el efectuado por el arzobispo Gelmírez, en la medida en que está «marcado por aquel mismo espíritu de identificación de un pueblo creyente y trabajador, piadoso y abnegado, respetuoso de sus tradiciones y, sobre todo, profundamente cristiano».

«Como el portugués»

Fraga solicitó permiso al Papa para leer en gallego las últimas líneas de su alocución, y pidió la bendición apostólica de Wojtyla. «Para a miña persoa, para a miña familia e para o povo de Galicia».

El pontífice comentó entonces, al oírle hablar la lengua propia de Galicia: «Es como el portugués». Juan Pablo II depositará la medalla de oro en el museo vaticano, según manifestó a posteriori el presidente del Ejecutivo autonómico. «Figurará en la zona de monedas del museo, con el escudo de armas de Galicia».

Sábado 14 de noviembre de 1992


CANTIGAS DE AMIGO
E
OUTROS POEMAS

folhas
novas
Rosalia de Castro

PARECER DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA SOBRE O ETIQUETADO EN GALEGO

1. É um expoente incontestável de falta de vontade da Junta de Galiza para promover o idioma galego. Assim mesmo demonstra mais umha vez que a obriga de normalizar a língua da nossa comunidade é assumida polo partidos estatais desde umha atitude tipicamente farisaica derivada das exigências do guiom político.

2. Nom é pois um desvio do delegado de Indústria da Corunha, embora esta decisom resulta bem significativa da inviabilidade na esfera económica e também na indústria cultural de *um modelo de língua artificial e híbrido, sucedáneo do espanhol,* pretensamente equidistante do português e do castelhano.

Neste sentido o bilingüismo harmónico proclamado polos sucessivos governos galegos explica a possibilidade de *promocionar o galego só em actos rituais ou na taberna.*

3. Por estas razons surpreende-nos também que os colectivos teoricamente comprometidos com a defesa do nosso idioma nacional perspectivem este facto como umha penosa atitude limitada à Delegaçom de Indústria da Corunha.

O problema é global e tem muito a ver com a *nom contestaçom do modelo de língua paroquiano e híbrido* que os poderes públicos tentam impor para mascarar o desígnio certo da morte do galego, após um processo de assimilaçom lingüística estrategicamente desenhado polo *Instituto da Língua Galega,* e outras entidades do «lobby», neste segmento da comunidade lusófona situado em território espanhol.

Diario 16 de Galicia Domingo, 13 de decembro-92

Falta vontade de promover o galego

MARIA DO CARMO HENRÍQUEZ

É um expoente incontestável de falta de vontade da Junta de Galiza para promover o idioma galego. Assim mesmo demonstra mais unha vez que a obriga de normalizar a língua da nossa comunidade é assumidda polos partidos estatais desde umha atitude tipicamente farisaica derivada das exigências do guiom político.

2) Nom é pois um desvio do delegado de indústria da Corunha, embora esta decisom resulta bem significativa da inviabilidade na esfera económica e também na indústria cultural de *um modelo de língua artificial e híbrido, sucedáneo do espanhol* equidistante mais do português que do castelhano.

Neste sentido o bilingüismo harmónico proclamado polos sucessivos governos galegos explica a possibilidade de *promocionar o galego só em actos rituais ou na taberna.*

3) Por estas razons surpreende-mos também que os colectivos teoricamente comprometidos com a defensa do nosso idioma nacional perspectivem este facto como unha penosa atitude limitada á delegaçom de indústria da Corunha.

O problema é global e temmuito a ver com a *nom contestaçom do modelo de língua parroquiano e híbrido* que os poderes públicos tentam impor para mascarar o desígnio certo da morte do galego, alós um processo de assimilaçom lingüística estrategicamente desenhado polo *Instituto da Língua Galega*, neste segmento da comunidade lusófona situado em território espanhol.

□ □ □

A *AGAL* DENUNCIA OS COMPORTAMENTOS INQUISITORIAIS DO DIRECTOR GERAL DE POLÍTICA LINGÜÍSTICA E ENVIA CÓPIA DAS SUAS DECLARAÇONS À MESA DE PETIÇONS DO PARLAMENTO EUROPEU

Perante as declaraçons do Director Geral de Política Lingüística da Junta de Galiza, nom desmentidas, reunido o Conselho da AGAL na cidade de Compostela, considera necessário denunciar perante a opiniom pública galega:

> Jueves
> 7 de enero de 1993
>
> **EL TEMA DEL GALLEGO, AL PARLAMENTO EUROPEO**
>
> El *consello* de la Associaçom Galega da Língua (Agal) acordó ayer en Santiago enviar una queja a la Comisión de Peticiones del Parlamento Europeo sobre la política de la Xunta relativa al idioma gallego. Agal aboga por «expandir e normalizar os usos do galego» y critica que Política Lingüística está «máis preocupada por queimar os disidentes» en materia normativa que por actuar ante la evidencia de que el uso del gallego desciende «terrivelmente en todos os sectores».

1. Só num país com um Governo fortemente caracterizado polas suas atitudes e comportamentos inquisitoriais se pode permitir que esteja ocupando um cargo de livre designaçom umha pessoa mais preocupada por queimar os disidentes do que considera dogma de fé, que por expandir e normalizar os usos do galego neste segmento da comunidade lusófona.

2. Só desde umha Conselharia de Educaçom e desde essa Direcçom Geral podem tentar ignorar a situaçom real do idioma galego e a grande contestaçom que tivérom e tenhem as «Normas, 1982», impostas por Decreto. Absolutamente todos os colectivos e associaçons interessados realmente pola normalizaçom lingüística e cultural da Galiza som muito críticos quer com conteúdo e filosofia das «Normas, 1982» quer com o processo de imposiçom e os processos inquisitoriais que tentam exercer com os numerosos disidentes: daí que «tenham que ir por eles».

3. Só desde um posicionamento de fracasso da política institucional se pode asseverar que «há que ir polos disidentes», quando é bem conhecido que o nível de uso de galego desce em todos os sectores da populaçom; que as «Normas, 1982» só as usam os normativizadores de turno (os novos inquisidores) situados estrategicamente nos centros de poder (também nos meios de comunicaçom), os do «holding» (editoras, serviços de normalizaçom das delegaçons, etc.) e os novos mercenários.

4. Só por um indivíduo que ignora o significado e funçons de umha Direcçom Geral de Política Lingüística, se pode compreender o enorme *dispêndio* de cursos e cursinhos de galego que só servem para contar com um *papelinho* que dá licença para matar o galego, em lugar de buscar normalizar o uso do nosso idioma nacional.

5. A AGAL enviará à Mesa de Petiçons do Parlamento Europeu fotocópia das declaraçons como prova documental, para que se incorpore ao seu escrito de queixa aceitado a trámite polo Parlamento.

Compostela, 6 Janeiro 1993

□ □ □

GALIZA ACABOU O ANO 1992 COM MENOS DE UN MILHOM DE EMPREGADOS

Diferentes estudos apresentados no país no início de 1993 ressaltavam o dado negativo de que, por vez primeira nos últimos anos, o volume de emprego na Galiza cai por baixo

do milhom de empregados, situando-se em 963.400 a fins do quarto trimestre de 1992 e com tendência a descer ainda mais em 1993.

Este retrocesso do emprego manifesta-se no incremento de quase 54.000 novos desempregados. Destarte, o total de desempregados no quarto trimestre do ano 1992 atingiu os 198.100 galegos (um 17% da populaçom activa). Aliás, o volume de assalariados no último trimestre do ano passado foi de só 559.500.

Para além disto, as análises revelavam umha elevada precarizaçom do emprego e apenas se produzem contrataçons fixas, pois a patronal opta maioritariamente por sucessivos contratos temporais, dos quais existe ampla modalidade. A incorporaçom de gente nova ao mercado de trabalho galego foi insignificante no citado ano.

Há que citar, por outra parte, o contínuo recurso ao despedimento, pois nos doce mil despedimentos registados no país no ano 92 os empresários «investírom» mais de doce mil milhons de pesetas.

□ □ □

A GALIZA, O GALEGO E PORTUGAL

A «Comissão de Cultura» da Faculdade de Humanidades da Universidade de Corunha, organizaou os dias 13 a 21 de Janeiro de 1993, actividades para estudar e debater sobre «A Galiza, o galego e Portugal». As actividades consistírom numha exposiçom bibliográfica na sala de conferências e várias conferências sobre diversos temas. O dia 13 de Janeiro abria o programa D. António Gil Hernández, professor de Ensino Médio e presidente da «Associação de Amizade Galiza-Portugal» falando do tema *A Galiza ainda não é diglóssica.* O dia 14 de Janeiro, o professor da Faculdade de Económicas da Universidade de Santiago e vice-presidente da «Associação de Amizade Galiza-Portugal, D. Xavier Vilhar Trilho estudava *O galego. Quadro legal.* O dia 15 de Janeiro sob o título *Somos reintegracionistas* participavam a Profa. Dra. M.ª do Carmo Henríquez, catedrática numerária na Escola Universitária de Ourense e presidenta da Associaçom Galega da Língua e D. Xavier Paz Garça, membro do Conselho da AGAL. O dia 16 de Janeiro abordavam o problema da *Repressão lingüística na Galiza submetida,* os professores D. Mário Alonso Nozeda e D. Jesus Sánchez Sobrado. O dia 20 de Janeiro pronunciava a sua conferência D. José Martinho Montero Santalha intitulada *O reintegracionismo na tradição galeguista* e, por último, o dia 21 de Janeiro, intervinha o Prof. D. Ramom Lôpez Suevos, catedrático na Faculdade de Económicas na Universidade de Santiago, desenvolvendo o tema *Relações Galiza-Portugal. Uma aproximação histórica.*

Todas as conferências fôrom seguidas de colóquio e participárom numerosos estudantes da Faculdade de Humanidades da Corunha.

□ □ □

SIMPÓSIO EDUARDO BLANCO AMOR

A Associaçom Galega da Língua iniciava as suas actividades do ano 1993, celebrando na cidade de Ourense os dias 25 a 29 de Janeiro de 1993, no salom de actos do Ateneu, a partir das oito da tarde o *Simpósio Eduardo Blanco Amor.* O Simpósio tinha por objectivos:

a) Lembrar a vida e a obra do escritor ourensano, através de pessoas e estudiosos que o conhecérom e foram amigos.

b) Analisar a cidade e a sociedade de Ourense através das páginas da obra e das manifestaçons pessoais do escritor.

c) Tentar construir e esclarecer a sua biografia com testemunhos procedentes dos seus amigos e conhecidos.

d) Apresentar as características mais salientáveis da sua obra: lírica, narrativa, teatro e ensaio.

e) Render homenagem por parte dos seus amigos e conhecidos.

f) Difundir a obra do escritor entre as novas geraçons de estudantes.

La profesora María do Carmo Henríquez diferenció mujeres espirituales y luchadoras

Martes 26 de enero de 1993

Ayer comenzó un simposio sobre la vida y la obra de este autor

Conocer a Blanco Amor

ORENSE
Redacción

Una conferencia de la profesora orensana María do Carmo Henríquez Salido abrió ayer el simposio que hasta el próximo viernes analizará la figura de Eduardo Blanco Amor. Esta charla inaugural estuvo centrada en las características de los personajes femeninos que aparecen en la obra del escritor orensano.

En su intervención, María do Carmo Henríquez señaló que Blanco Amor distingue dos extremos en la caracterización de la mujer. Precisa que en el primero mantienen altos valores espirituales y el segundo es un grupo más popular, formado por las mujeres que luchan, trabajan e intentan atacar la justicia y la iglesia, que definió como los dos poderes tradicionalmente dominados por los hombres.

Tras analizar dos de las obras de especial predilección para Blanco Amor, «A Esmorga» y «Xente ao lonxe», hizo una distinción más pormenorizada del personaje femenino. En el grupo de mujeres «estáticas», que según María do Carmo Henríquez son presentadas «mortas, sem vida, parásitas, muito formosas por fora e nada por dentro», incluye la imagen «boneca» que aparece en la obra «A Esmorga».

Estáticas o dinámicas

Sin embargo, el otro extremo queda constituído por «as mulheres da vida, as prostitutas, as mulheres que falam, actúam, estám vivas e para o leitor possuem maior interesse». Otro personaje al que se refirió es la típica «mulher-tola», que esta profesora orensana justifica en la obra de Blanco Amor porque «para os protagonistas nom se pode acabar umha esmorga sem mulher».

Por otra parte, identificó la obra «Xente ao lonxe» como la más rica en apariciones femeninas. Además, resaltó que la partera Andrea y su hermana, Evangelina, atesoran el prototipo de trabajadoras, que rompen con las normas sociales y luchan por ser independientes. Según sus valoraciones, la señora Andrea llega incluso a vencer el poder eclesiástico.

La visión de sus amigos

El simposio sobre Blanco Amor tendrá continuidad en los próximos cuatro días, con sendas mesas redondas, todas ellas con comienzo a las ocho de la tarde en el Ateneo. En la primera intervendrán cuatro personajes que desde dimensiones muy diferentes cultivaron la amistad con este hijo predilecto de Orense: el escultor Arturo Baltar, el abogado Nemesio Barxa, el médico Manuel Peña Rey y el periodista José Platero.

Mañana está prevista una mesa redonda con el teatro como protagonista. Los participantes serán Joel Gómez, escritor y redactor de La Voz de Galicia y los directores teatrales Maximino Queizán y Manuel Vidal. El jueves se analizará el periplo de Blanco Amor en Chile y Argentina, con las aportaciones del escritor y empresario Isaac Díaz Pardo, el profesor bonaerense Higinio Partínez Estévez y el empresario José Posada González. La poesía y la narrativa cerrará el programa.

O dia 25 de Janeiro pronunciava a primeira conferência a Profa. Dra. M.ª do Carmo Henríquez, da Universidade de Vigo, intitulada «As mulheres de Eduardo Blanco Amor». Construindo umha notável síntese da conferência pronunciada no *Simpósio Internacional Mulher e Cultura* (celebrado em Compostela em Fevereiro de 1992) salientou que Blanco Amor distingue, de modo parecido ao que acontece com a sociedade ourensana das últimas décadas do século XIX (caso *D'A Esmorga)* ou das duas primeiras décadas do século XX (caso de *Xente ao lonxe),* dous extremos e entre esses dous extremos só existiria umha sociedade que dá riso. Num extremo estám as pessoas, as mulheres com altos valores espirituais e que podem compartilhar as altas aventuras do espírito, e no outro extremo estám as camadas populares, as gentes dessa Áuria que trabalham, luitam e tentam atacar dous poderes tradicionalmente dominados polos homens: *a Justiça* e *a Igreja.*

Som dous modelos de mulher basicamente: as *mulheres estáticas,* «mortas», sem vida, parasitas, as mulheres-objecto, muito formosas por fora e que nom tenhem nada por dentro e as *mulheres dinámicas,* vivas, as mulheres da vida, trabalhadoras, mulheres que rompem os esquemas estabelecidos por essa sociedade ourensana do início do século. No grupo primeiro cumpre salientar *a imagem da mulher-boneca,* a mulher-objecto da obra *A esmorga,* umha mulher bem vestida, formosíssima, com muitas joias, a mulher do senhorito que vem ser só isso, umha boneca e que como tal só merece ser destruida. No outro extremo estám as mulheres da vida, as *prostitutas,* as mulheres que falam, que actuam, estám vivas e que para o leitor possuem maior interesse. Também salientou a presença da tola da cidade, a *Socorrito,* a típica mulher-tola que desde a sua tolice ocupa um lugar promordial no relato, pois para para os protagonistas «nom se pode acabar umha esmorga sem mulher».

Em *Xente ao lonxe* o número de personagens de mulher é muito mais amplo e entre todas elas destacam duas figuras de mulher: a senhora *Andrea* de profissom parteira, costureira e que fai abortos e a *Evangelina,* a irmá do protagonista. Ambas as duas som mulheres trabalhadoras que rompem com as normas sociais estabelecidas e que luitam por ser independentes. Na senhora *Andrea* vemos um exemplo claro de como umha *mulher da vida* pode vencer um poder tradicionalmente exercido polos homens, a justiça e vemos também que vence o poder eclesiástico, ao viver arrimada com um homem em contra da ordem do bispo de Ourense. A *Evangelina,* costureira leva com dignidade e orgulho o facto de ser mai solteira, milita activamente no partido socialista e manifesta nom querer depender nunca de nengum homem. No texto estas duas figuras de mulher ocupam muitas páginas e ao lado das *mulherinhas,* as trabalhadoras explotadas polas senhoritas, constituem o extremo positivo dessa sociedade dominada pola hipocrisia e aparência.

O dia 26 de Janeiro celebrava-se a primeira das três mesas-redondas sob o título «O amigo Eduardo Blanco Amor» que contou com a presença de D. Arturo Baltar (escultor), D. Nemésio Barxa (advogado e membro do Conselho da AGAL), D. Manuel Peña Rei (médico) e D. José Platero (jornalista). Actuou como moderadora e apresentadora, a jornalista do diário «La Región», Maribel Outeirinho quem abriu o acto dando leitura a umhas emocionadas folhas em que lembrou o seu grande esforço do escritor e amigo por integrar-se na sua cidade, a cuja vida quotidiana dedicou deliciosos artigos na «Hoja del Lunes» e «La Región», jornal ao qual reconhecia como a sua «morada jornalística» e a ponte que o tinha unido com a cidade ao seu regresso.

D. Artur Baltar manifestou que tinha conhecido o escrito em Vigo numha exposiçom do ano 1958, chegando a estabelecer certa cumplicidade ao contar-lhe o escultor que a sua primeira obra a fijo com um troço de material recolhido n'A Barraca, lugar de agradável e funda memória para os dous. Manifestou que fora quem o introduziu por primeira vez num bar de prostitutas, lugar que, apesar das páginas que Blanco Amor lhe dedica nos seus romances, nom conhecia pessoalmente. Nesse bar falárom da «Nonó», da «Zorrita» e outras prostitutas ilustres.

D. Nemésio Barxa asseverou que considerava um grande privilégio ter sido amigo pessoal de Eduardo, polo caudal de conhecimentos que possuía e sobretodo pola grande experiência e conhecimento do galeguismo que tinha o escritor, nomeadamente das actividades e acçons acontecidas na Argentina. Pujo em destaque que Eduardo era umha pessoa verdadeiramente importante na América e que pensava que ao chegar à sua cidade ia ser

El escritor fue recordado por un grupo de amigos.

La amistad del hombre que trajo oro en el corazón

Un grupo de amigos habló de Blanco Amor

Orense /LR/

Convocados por la Associaçom Galega da Língua, un grupo de amigos de Eduardo Blanco Amor se reunieron para hablar y contar cosas de su vida personal en los últimos años que pasó en Orense. Manuel Peña Rey expuso tres de sus experiencias con Blanco Amor: su nombramiento como uno de los cuatro socios de honor del Ateneo; la negativa del Ayuntamiento a nombrarlo "cronista de la ciudad" a la muerte de Otero Pedrayo y lo mucho que costó convencer al entonces alcalde, López Iglesias, de que el cadáver del escritor fuera expuesto en la Casa Consistorial. Peña Rey recordó también como Blanco Amor se acercó hasta la Catedral el día que allí se encerraron los "rojos" de la ciudad para protestar por el proceso de Burgos.

Para el abogado Nemesio Barxa, su relación con el escritor, con el que hizo numerosos viajes a Vigo, supuso "un caudal de conocimientos sobre el galleguismo americano" y fue testigo de jugosas conversaciones entre Blanco Amor y otro orensano original, Luis Soto. Por su parte, Arturo Baltar conoció al escritor en Vigo en una exposición en 1958, llegando a establecer cierta complicidad al contarle el escultor que su primera obra la hizo con un trocito de yeso recogido de La Barraca, lugar de entrañable memoria para ambos. El escultor fue el que le introdujo por primera vez al escritor en un bar de putas, a pesar de las páginas que Blanco Amro le dedica en sus novelas orensana y que no conocía personalmente. Allí hablaron de la "Nona", la "Zorrita" y otras ilustres del barrio. Baltar recordó el día que alguien llamó maricón en la calle a Eduardo, quien, con humor y desprecio, respondió: "envidioso".

El periodista Pepe Platero, recordaba la confesión del escritor sobre el mucho esfuerzo que le suponía escribir en gallego y conseguir su musicalidad. También recordó como "La Voz de Galicia" renunció a sus colaboraciones al dejar Pillado la dirección del periódico y sus lamentos sobre el abandono en que lo dejaron los intelectuales y galleguistas de su generación. "Yo de América traje plata en los cabellos y oro en el corazón", era su frase repetida, según contó.

Por su parte, la moderadora del acto, la periodista Maribel Outeiriño destacó su esfuerzo por integrarse en su ciudad, a cuya vida cotidiana dedicó deliciosos artículos en la "Hoja del Lunes" y La Región, periódico al que reconocía como su "casa periodística" y el puente que lo había unido con la ciudad a su regreso.

El Correo Gallego ● 26 de enero de 1993

Organizado pola Agal como homenaxe ó autor de 'A Esmorga'

Henríquez Salido abre en Ourense o simposio en torno a Blanco Amor

SANTIAGO. Redacción Coa conferencia *As mulheres de Eduardo Blanco Amor*, a profesora María do Carmo Henríquez Salido inaugurou onte en Ourense o simposio que, organizado pola Asociaçom Galega da Língua (AGAL), revisará ó longo da presente semana a figura do escritor ourensán, ó que este ano se lle adica o Día das Letras Galegas. Para a profesora, os modelos femininos que aparecen na obra blancoamoriana son o da *muller morta* e a *dinámica*.

O texto da conferencia de Henríquez Salido surxiu da releitura de dúas obras polas que o Blanco Amor se sentía especialmente satisfeito *A Esmorga* e *Xente ao lonxe*. Ó mesmo tempo, Henríquez Salido tivo en conta "as lembranças que provocam numha leitura estes texos a partir dos comentarios da sociedade de umha cidade em concreto, Ourense, a *Auria Literária*."

A xuízo da profesora, "Blanco Amor distingue dous extremos e entre esses dous extremos só existiria umha sociedade que dá riso. Num extremo estám as pessoas, as mulheres com altos valores espirituais e que podem compartilhar as altas aventuras do espírito, e no outro extremo estám as camadas populares, as gentes dessa Auria que trabalham, luitam e tentam atacar dous poderes tradicionalmente dominados polos homens: a Justiça e a Igreja."

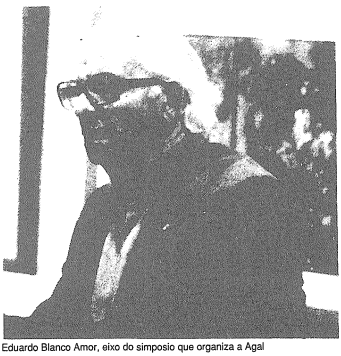
En canto ós dous modelos femininos, Henríquez Salido sinalou que as *mulleres estaticas* eran "mulheres mortas, sem vida, parasitas, mulheres- muito fermosas por fora e que nom tenhem nada por dentro." As *mulleres dinámicas*, pola contra, "son vivas, mulheres da vida, trabalhadoras, mulheres que rompem os esquemas establecidos por essa sociedade ourensana do início de século."

Do primeiro grupo suliñou que en *A Esmorga*, os atributos que conformaban a súa simboloxía eran a fermosura, as xoiais e os vestidos elegantes. No outro extremo, as prostitutas aparecen representadas como "mulheres que falam, que actuam, estám vivas e, para o leitor, tenhen un maior interesse."

"Tamén é salientable", engadiu, "a presença da tola da cidade, a *Sorrito*, a típica mulher-tola que desde a sua tolicie ocupa um lugar primordial no relato, pois para os protagonistas *nom se pode acabar umha esmorga sem nulher*."

En *Xente ao longe* a presencia feminina é moito máis ampla, segundo a profesora. Entre este abano de personaxes destacou dúas figuras, a señora Andrea, de profesión peleteira, costureira e que fai abortos, e a Evanxelina, irmá do protagonista. "Ambas", indicou, "som mulheres trabalhadoras que rompem com as normas sociais establecidas e que luitam por ser independentes."

"Na senhora Andrea", explicou, "vemos um exemplo claro de como umha mulher da vida pode vencer um poder tradicionalmente exercido polos homens, a justiça e vemos tambem que vence o poder eclesiástico, ao viver arrimada com um homem em contra da ordem do bispo de Ourense. Evangelina leva com dignidade e orgulho o facto de ser mai solteira, milita activamente no Partido Socialista e manifesta nom querer depender nunca de nengum homem."



Eduardo Blanco Amor, eixo do simposio que organiza a Agal

"No texto", concluiu, "estas duas figuras de mulher ocupam muitas paginzas e ao lado das *mulherinhas*, as trabalhadoras explotadas polas senhoritas, constituem o extremo positivo dessa sociedade dominada pola hipocresia e aparências."

recebido com grandes honras, cousa que nom aconteceu e que deveu de provocar-lhe umha grande frustraçom. A perda de grande parte da sua biblioteca, as dificultades que tivo que suportar para encontrar umha morada onde residir com certa comodidade, a escassa e fria acolhida que tivo por parte dos ourensanos, provocárom que o escritor se lamentasse de que esta cidade nom fosse mais solidária e mais carinhosa com ele.

D. Manuel Peña Rei manifestou nom ter conhecido o escritor até o extremo de que pudesse ser denominado como amigo e situou os tres espaços que o pugérom em relacionamento com ele: a livraria «Tanco», o Ateneu de Ourense e a Cámara municipal. Qualificou as tertúlias que se celebravam na livraria «Tanco» e nas quais participavam Carlos Vázquez, Luís Trabazo e Blanco Amor, entre outros, como um facto essencial na vida cultural de Ourense; a estas tertúlias também costumava assistir ele próprio. Eduardo buscava umha tertúlia e na livraria «Tanco» achou o lugar ideal para poder falar e intercambiar impressons sobre temas diversos e variados. No Ateneu de Ourense também tivo relacionamento com o escritor. Fijo referência às dificuldades existentes nos anos 1971-1974 para desenvolver actividades como a «Homenagem a Castelao» em que participaram Otero Pedraio, Blanco Amor, Alonso Montero e Valenzuela. De Blanco Amor pujo em destaque a sua oratória e descreveu a forma em que ensaiava cada um dos seus discursos e lembrou, aos numerosos assistentes, que Blanco Amor fora nomeado sócio de honra do Ateneu ourensano. Na Cámara municipal assinalou que fora proposto como cronista, mas nom fora acolhida a sua proposta e finalizou descrevendo as dificuldades que tivo o dia da morte de Blanco Amor para traer o seu cadáver e para conseguir que fosse velado na Cámara municipal e o muito que costara convencer ao presidente da Cámara, naquela altura Lôpez Iglésias, para que o seu cadáver fosse exposto na entrada da Cámara, embora fosse um par de horas antes do enterro. Outra virtude que entendia que honrava a Blanco Amor era a sua prática de solidarizar-se com os que reivindicavam algo ou denunciavam algo, como quando se tinham fechado na catedral diversas pessoas para protestar polo processo de Burgos: na catedral receberam a visita e solidariedade do escritor.

D. José Platero aludiu à entrevista realizada por volta dos anos 70 no jornal «La Voz de Galicia» e comentou as confidências que lhe fazia quando ia entregar as suas colaboraçons e as reiteradas queixas porque os seus vizinhos nom o reconhecessem como escritor. Contou a desilusom que levou Eduardo dos seus velhos amigos que ao chegar a Galiza, mesmo o ignoraram. Entre os factos salientados, apontou que o escritor lhe tinha confessado que lhe custava muito escrever em galego, pois manifestava que tinha que estar inventando. O autor de *Xente ao lonxe* criticava fortemente esta cidade que só apreciava os indianos; de si próprio dizia que traía a prata nos cabelos e o ouro no espírito. Dixo, assim mesmo, que todos os partidos políticos o respeitavam e sentia-se satisfeito de que o chamassem para pronunciar os discursos em actos unitários. Finalizou dizendo que o escritor gostava de falar e estar com gente nova, gostava das ideias novas. E concluiu com estas palavras textuais: «Eduardo era muito jornalista e muito escritor para o pequeno povo que seguimos sendo».

O dia 27 de Janeiro celebrava-se a segunda mesa-redonda sobre «O teatro de Eduardo Blanco Amor», actuando como moderador e apresentador D. Pedro Fernández-Velho (membro do Conselho da AGAL) e na qual participavam D. Joel Gómez (escritor e jornalista), D. Maximino Queizán (director de teatro) e D. Manuel Vidal (director de teatro). O escritor Joel Gómez fijo um interessante percorrido polos textos de Eduardo Blanco Amor apoiando as suas declaraçons com dados tirados de entrevistas publicadas nos jornais e outros materiais nom sempre tidos em conta polos estudiosos, como se pode ver no «Estudo» que se publica neste número. D. Maximino Queizán partindo da sua amizade com o autor, lembrou todas as sugestons que lhe fazia sobre a posta em cena das obras e comentou numerosos factos relativos à obra do escritor ourensano, lamentando que no presente ano nom se lhe dé um tratamento singular à obra do autor a quem se lhe dedica o «Dia das Letras Galegas». D. Manuel Vidal, actor e actriz de muitas peças de Eduardo Blanco Amor, interpretou em alta voz várias passagens dos textos detendo-se, nomeadamente, nos grandes conhecimentos de cozinha, vinho e gastronomia que possuía o escritor. Pujo em destaque o seu grande humor e ironia e que o teatro de Blanco Amor sintonizava com o público galego: sempre que se representava umha peça era seguro que a sala estava completamente cheia.

La vida y obra de Eduardo Blanco Amor, estudiada por sus amigos

☐ La Associaçom da Língua inicia el lunes un simposio sobre el escritor

Orense /LR/

El escritor orensano Eduardo Blanco Amor será la figura central de una semana de charlas organizadas por la Associaçom Galega da Língua (AGAL) que se inician el próximo lunes, día 25 de enero, y finalizan el viernes, en el salón de actos del Ateneo a partir de las ocho de la tarde. Un nutrido grupo de amigos o personas que se relacionaron con el literato analizarán su obra y contarán un buen número de anécdotas de su vida. El programa comenzará el lunes con una ponencia de la catedrática de la Escuela universitario de EGB Carmo Henriquez Salido, quien hablará sobre la presencia de las mujeres en la obra de Blanco Amor.

El día 26 serán Maribel Outeiriño, Arturo Baltar, Nemesio Barxa, Manuel Peña Rey y José Platero los que recordarán las anécdotas de la vida personal del escritor orensano que falleció en 1979 y al que está dedicada la celebración del "Día das Letras Galegas" de este año. El miércoles será el teatro de Blanco Amor el que será profundamenta analizado por Pedro Fernández-Velho, Joel Gómez, Maximino Queizán y Manuel Vidal.

Emigración

"Blanco Amor no Chile e na Argentina" es el título del segundo debate que mantendrán Felisindo Rodríguez Vilarinho, Isaac Díaz Pardo, Higinio Martínez Estévez y José Posada el jueves, día 28 de enero. Por último, el simpósio estudiará la obra del literato, obra que va desde sus textos poéticos hasta la narrativa tanto en castellano como en gallego.

La charla, moderada por Carmo Heríquez, contará con la presencia de José Marí Dobarro Paz y César Morám Fraga, ambos profesores en A Coruña.

Los objetivos de las jornadas van desde recordar la vida y obra del orensano hasta analizar la ciudad y la sociedad de la época a través de sus textos y las manifestaciones del autor. La organización intentará construir parte de su biografía a través del testimonio de los que fueron sus amigos.

Díaz Pardo, Arturo Baltar y Peña Rei estarán presentes.

Las jornadas serán grabadas y posteriormente recogidas en textos que se publicarán en breve con motivo de la edición de un número extraordinario de la revista "Agalia" que estará dedicada a la memoria del escritor.

Este es el primero de los homenajes que el literato orensano recibirá a lo largo de este año. Varios colectivos culturales de la ciudad preparan actos y conferencias para recordar la vida y obra de Blanco Amor, además de difundir sus textos entre las nuevas generaciones de estudiantes.

PRIMERA

"As mulleres na obra do escritor"

El narrador recoge en sus textos los dos tipos de mujeres que existían en aquel momento en Orense. Por un lado se encontraban las activas y dinámicas, trabajadoras todas ellas que rompían los tópicos de la sociedad del primer cuarto de siglo. Sin embargo, también recoge el grupo que está dominado por las "señoras". Eduardo Blanco Amor se sentía más identificado con la población más pobre o con aquellas personas que tenían un contenido intelectual y político importante a favor de las clases más depauperadas.

La ponencia sobre las mujeres en la obra del escritor será presentada por María do Carmo Henríquez que estudia las novelas "A Esmorga" y "Xente ao lonxe" para basar sus conclusiones.

La vida de los orensanos también aparecerá reflejada en estas dos obras. Especialmente, la investigadora reconstruirá el nacimiento del PSOE en Orense.

O día 28 de Janeiro participavam na terceira mesa-redonda intitulada «Eduardo Blanco Amor no Chile e na Argentina», D. Isaac Díaz Pardo (escritor e empresário), D. Higino Martínez Estêvez (quem por nom poder-se deslocar enviou o seu texto que foi lido por D. José Ramom Díaz Fontao e que publicamos neste número) e D. José Posada Gonçález (empresário). Apresentou os ponentes e moderou o colóquio D. Felisindo Rodríguez Vilarinho. D. Isaac Díaz Pardo considerava as suas palavras simplesmente como «Lembranças de Eduardo Blanco Amor» e embora nom quijo considerar a sua intervençom como umha conferência, parece-nos oportuno reproduzir, fazendo as mínimas mudanças de carácter lingüístico, as ideias deste intelectual galego:

«Conhecim Eduardo Blanco Amor no estudo do meu pai em Santiago de Compostela, quando eu andava por volta dos dez anos, mas o seu nome e as suas cousas já de antes me eram familiares nos papeis de Nordiska em que escrevia, e das publicaçons «Galícia» da «Federación de Sociedades Galegas» e «Céltiga» que el dirigia e em que colaborava o meu progenitor.

Em 1955 volvim-me topar com Eduardo em Buenos Aires. O mesmo dia que cheguei, Núñez Bua dixo-me que tinha que vê-lo e advertiu-me que nom devia negar-me. Aos poucos dias vimo-nos e convidou-me a jantar no seu departamento em J. E. Uriburu ao 1312. Comimos umha polenta que el mesmo preparou. Estivera em Chile e escrevera o seu livro *Chile a la vista* polo que o Governo chileno lhe concedera umha distinçom. Das cousas que me ensinou com mais entusiasmo foi umha série de cristais de sal que tinham dentro uns ocos esféricos, em que se continha água. El supunha que aquela água estava atrapada no sal desde os tempos da criaçom do mundo, que se formara antes de haver homes e mulheres. Tinha-os traído dos Andes na sua recente viagem a Chile. Agradeceu-me muito que houvesse aceitado o seu convite na sua casa, porque, segundo el, o tinham esquecido e ninguém se preocupava del nem jamais o visitavam. Falou-me bem e mal de muita gente, mais bem mal que bem, e contra todos tinha algumha queixa. Logo com o tempo pudem comprovar que tal desporto formava parte da sua idiossincrasia, era crónico e nom tinha cura.

O seu departamento deu-me a sensaçom de que nel vivia provisoriamente aguardando poder-se instalar definitivamente nalgumha outra parte, pois umha série de cousas que me mostrou as tinha guardadas em malas e caixas como aguardando algum dia instalá-las em algo mais definitivo, e isso que o departamento de Uriburu era da sua propriedade. Vinte anos depois Eduardo ainda nom sabia onde ficar definitivamente e só nos últimos anos parecia ter-se assentado no seu departamento das Lagoas de Ourense.

Em 1955 Eduardo Blanco Amor colaborava na revista de Luís Seoane «Galicia Emigrante»; esse ano tinha publicado nela as suas peças teatrais «A tia Lambida» e a «Lebre das ánimas»; também lhe fazia a crítica literária na outra revista que dirigia Luís, «Galicia» do Centro Galego. Mas a sua admiraçom por Luís e o respeito que lhe tinha, respeito e admiraçom tanto a el como a Rafael Dieste e a Lorenzo Varela, nom eram razom suficiente para superar um certo resentimento que tinha contra estes três homes que formaram — segundo el— um círculo fechado «no que nom entrava nim diós». Era a sua admiraçom e o respeito que por eles tinha o que em relaçom com o seu carácter, necessitado de quentura e agarimos, lhe fazia imaginar que lhe aguardavam reservas e nom o chamavam. Ao mesmo tempo que eu me estava informando disto Luís Seoane estava publicando-lhe na editora «Galícia» do Centro Galego o seu «Cancioneiro». Este sentimento de nom ser atendido bem, que se fabricou na sua imaginaçom, quedou-lhe gravado até a sua morte, e poucas semanas antes me fijo manifestaçom disso admirando a figura de Luís Seoane que fazia pouco, acabava de morrer. Com as acçons dos emigrantes enriquecidos, e que se lhes notava, a sua crítica nom tinha descanso. Nesta primeira viagem minha a Argentina, pediu-me que lhe ilustrasse a sua primeira novela galega, *A esmorga,* e que lhe-la entregasse a Galáxia. Quando Galáxia mandou à censura o texto composto e já empaginado com as gravuras, a censura proibiu a sua publicaçom, notícia que lhe levei eu próprio na minha segunda viagem a Argentina. Eduardo era mais sensível do que os demais à condena que tínhamos que padecer todos e tomava-o um pouco como algo que lhe negavam à sua pessoa, mais que como censura ao significado do seu compromisso. Seoane, que entom —era o ano 1957— dirigia a Editora Citánia, publicou-lhe nela *A esmorga.*

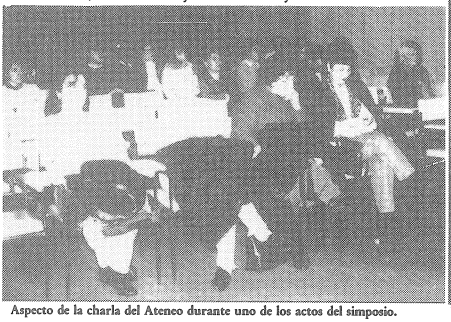
Recordando a Blanco Amor

Eduardo Blanco Amor fué el protagonista del simposio organizado por la Asociación Galega da Lingua con motivo de estar dedicado a dicho escritor el Día das Letras Galegas. Diversos aspectos de su vida y su obra fueron tratados en las charlas y mesas redondas celebradas durante toda la semana en el Ateneo: las mujeres en su obra, la emigración o el teatro fueron algunos de estos temas. Entre los participantes destacó la presencia de numerosos amigos del escritor.

Isaac Díaz Pardo conversa antes de empezar el acto.

Entre el público se encontraban Olga Reinoso y José Luis Leyes.

Maribel Outeiriño moderó la charla en la que participaron José Platero, Arturo Baltar, Nemesio Barxa y Manuel Peña Rey.



Aspecto de la charla del Ateneo durante uno de los actos del simposio.

María do Carmo Henríquez moderó la mesa redonda sobre poesía y narrativa de Blanco Amor.

FARO DE VIGO
Domingo, 3 de enero de 1993

OURENSE

9

La Asociación Galega da Lingua inicia un simposio sobre el escritor E. Blanco Amor

REDACCION
OURENSE

La Asociación Galega da Lingua, Agal, iniciará sus actividades culturales de este año 1993 con un simpósio en torno a la figura del escritor orensano desaparecido, Eduardo Blanco Amor, que dará comienzo los días 25 al 29 de este mes de enero en el salón de actos del Ateneo de Ourense, entidad de la cual era socio de honra el escritor.

El simposio pretende analizar la vida y obra de este orensano a través de informaciones de intelectuales, artistas, periodistas y amigos que conocieron y trataron a Blanco Amor, estudiar la ciudad y la sociedad de Ourense a través de las referencias que hace este narrador en sus obras, presentar vida y ora del escritor en Chile y Argentina y estudiar las estrategias narrativas de Blanco Amor en sus obras mayores.

El programa se inicia a las 8 de la tarde del dia 25 con una conferencia de la profesora María del Carmen Enríquez Salido , catedrática de la Escuela Universitaria y presidenta de Agal, bajo el título de "As mulleres de Eduardo Blanco Amor". Además participarán importantes figuras viculadas al autor las restantes jornadas.

Eduardo Blanco Amor

Em 1956 criou-se em Buenos Aires a AGUEA (Asociación Galega de Universitarios Escritores e Artistas) com o fim de difundir a cultura galega, pondo aulas de idioma galego, de história e de geografía, que se impartiam tanto nas bibliotecas do Centro Galego como nas dos Centros Ourensano, Pontevedrês e Lucense. Eduardo Blanco Amor, Alberto Vilanova e Ramón Valenzuela eram os professores e algumhas liçons magistrais as dava Rafael Dieste. Com este motivo celebrarom-se várias reunions e as intervençons de Blanco Amor pronunciadas em exposiçons de grande elegáncia constituírom um magistério de boa informaçom e da melhor esperança para os que ali estávamos, na razom que ali nos tinha. Esta tarefa oral de Eduardo é umha grande lembrança que tenho del. Por aqueles tempos voltou do Chile para Buenos Aires Ramón Suárez Picalho pessoa que contava com a admiraçom de Eduardo Blanco Amor, considerando-o como o melhor representante que tivera o povo no Parlamento espanhol. Suárez Picalho era familiar na minha casa antes da guerra civil. Um dia reencontramo-nos numha celebraçom no Centro Betanços, escuitei-lhe umha intervençom e estivem de acordo com a estima que lhe tinha Eduardo. Mas Suárez Picalho nom deixava obra escrita importante e nos último tempos com a sua esperança destroçada foi-se aniquilando a sua consciência. A única homenagem que se lhe tem rendido a Ramón Suárez Picalho na Galiza foi na sua Sada em 1978 com umha conferência de Eduardo Blanco Amor e um cartaz que eu próprio figem para o acto.

A actividade de Blanco Amor na Argentina enquanto eu estivem ali foi mui variada: jornalista, crítico literário, colaborador da televisom argentina, professor na Universidade da Plata, director do grupo de teatro do Centro Lucense, director da revista «Galícia» do Centro Galego, quando Seoane deixara o posto, conselheiro do presidente do Centro Galego a quem lhe fazia os discursos, e muitas cousas mais, e ainda muitas mais antes da minha chegada a Argentina, e entre elas Cónsul de Espanha. Polo ano 1960 a televisom argentina montou um grande programa de homenagem a García Lorca, dirigido por Blanco Amor que tivo um grande sucesso. Nesta ocasiom montou-se «A casa de Bernarda Alba» em que actuou de protagonista Margarita Xirgu, outra exilada espanhola, que actuava agora possivelmente no seu derradeiro papel e que aginha morreria.

Era induvitável que o nome de Blanco Amor tinha conseguido fama no cono Sul da América Latina, mas nom era menos certo que por aqueles anos, que lembro, já nos últimos que estivo na Argentina, outro galego, também jornalista, começou a assinar com os mesmos apelidos. Refiro-me a José Blanco Amor. E foram reais ou nom estes apelidos, o mesmo houvesse podido assinar como José Blanco, e nom o fazia para confundir nos ámbitos da literatura e do jornalismo, aproveitando-se do prestígio de Eduardo, e quando Eduardo se cruzava com José Blanco dizia-lhe: «—Pepe, por favor; ¡Escríbeme ben!, como para dizer-lhe elegantamente que nom o deixasse quedar mal já que do seu nome se aproveitava para confundir. E o José Blanco Amor recebeu aginha o apoio ruim das autoridades franquistas que se aproveitavam da confusom.

Na Argentina onde vivera a maior parte da sua vida, sentia-se diluído no seu maremagnum, e também frustrado e assim o seguiu sustendo nos seus últimos anos. A sua obra construida com talento fica para mim, mui por acima das vicisitudes da sua vida, onde constantemente amigos generosos que o fôrom ajudando nom logravam conseguir a sua compreensom presionada pola sua constante desconfiança de nom ser entendido e de que ninguém figesse nada por el.

Quando escreveu o seu segundo grande romance galego *Xente o lonxe,* em 1972, voltou-me a pedir as ilustraçons. Quando Galáxia tinha a obra encadernada a censura voltou a botar-lhe o livro abaixo, mais esta vez o aparelho repressivo proibia nom só algumhas partes da obra literária senom também o 70% das ilustraçons. Paco del Riego tivo que desmontar a obra e perder a maior parte dela. Mas Eduardo só via a desatençom que se seguia tend com el. Nom obstante, este novo e estúpido enjangamento que o regimem lhe punha, já nom modificava em Eduardo a sua decisom de ficar na Galiza, e morrer nela, qualquer que fosse a sorte que lhe coubesse.

A sua amizade com Castelao parecia ter sido boa. A última fotografia de Castelao na biblioteca do Centro Ourensano de Buenos Aires, que é a que mais se tem reproduzido, pertence-lhe a Eduardo Blanco Amor que se enorgulhecia muito dela e das que por entom lhe tinha feito. Quando morreu Castelao, o Conselho de Galiza encarregou três estudos so-

bre o mestre rianjeiro: «Castelao artista» a Luís Seoane, «Castelao político» a Alonso Rios, e «Castelao escritor» a Eduardo Blanco Amor. Quando eu cheguei a Argentina, cinco anos mais tarde, as relaçons de Eduardo com as gentes que rodeárom a Castelao, achavam-se um tanto enfriadas. Havia muitos galeguistas, mas havia muitos ricos polo meio que tinham tiquismiquis políticos que nom tinha Eduardo. El era um home bem informado, inteligente, e palpava que havia muito galeguismo esteticista e arqueológico e muito aproveitamento do prestígio de Castelao ao que terminariam chamando-lhe *o guieiro,* logo de ter alterado a sua verdadeira imagem, e que logo de tê-lo enterrado se dedicassem à caça de meigas. «Som uns badocos» —dizia Eduardo, e, claro, os badocos anatematizavam-no».

D. José Posada centrou a sua intervençom em apresentar as sugestons que lhe tinha feito pessoalmente Eduardo a respeito da sua estadia no Chile e o significado que possuía para o romancista ourensano este formoso livro. Eduardo sentia-se muito orgulhoso de ter sido condecorado polo Governo chileno e de ter impartido aulas de oratória a D. Henrique Campos Menéndez quem chegara a ocupar postos importantes no governo. Analisou vários dos textos e artigos e detivo-se no artigo dedicado a «Ramón Suárez Picallo» (pp. 77-81), texto que fora eliminado na 2.ª ed. Como prova do humor deu leitura a estes fragmentos, que reproduzimos:

«Y lo cierto es que se quedará sin discurso, y no sólo por sus exigencias, ya intolerables, sino que, según es notorio, yo me moriré antes, porque de los dos soy el que menos pienso en morirme; y, además, porque cuando un gallego de tierra adentro y otro de orilla-mar pleitean, pierde siempre el rivereño, aunque al terrícola le cueste la vida. Por otra parte, si las cosas ocurrieran al revés, en cuanto Suárez viese ocasión de pronunciar un discurso, se levantaría en el acto de la tumba, tal como escribí otra vez que ya tuve el honor de enterrarlo, hace un cuarto de siglo bajo el siguiente epitafio:

«Aquí de Suárez tonante/ dio fin de la vida el curso;/ apúrate caminante/ o te cargas un discurso».

A lo que él contestó con otro fulminante sepelio, echándome esta lápida encima:

«Yace aquí don Eduardo Blanco-Amor:/ cualquier poeta enterrado fue mejor».

Lembrou que Blanco Amor considerava Suárez Picalho como um grande amigo e com o qual nom discrepava do ponto de vista político, de concepçom filosófica ou estética de entender a morte. Dizia Eduardo: «Houvo um tempo em que eu era o galego melhor vestido de Buenos Aires, e Suárez, o mais boémio e bandulhom». Apresentou este artigo de Eduardo como um texto fundamental para conhecer os sentimentos do escritor perante a perda da sua mai, para aprofundar nos sentimentos de Eduardo sobre a situaçom política da década de 1930 e para compreender as causas polas quais Eduardo amava tanto Chile, facto ao qual tinha chegado, justamente, polas palavras de Ramom Suárez Picalho.

O dia 29 de Janeiro encerrava-se o Simpósio com a conferência do Prof. D. César C. Morám Fraga sobre a narrativa de Eduardo Blanco Amor, que os nossos leitores podem ver neste número.

Todas as sessons fôrom seguidas de colóquio, em que os participantes, alguns deles amigos e conhecidos do escritor, contribuírom a enriquecer os contributos dos conferencistas. O salom de actos do Ateneu resultava pequeno para dar acolhida ao numeroso público ourensano que desta forma, entendemos, queria render homenagem póstuma ao seu ilustre vizinho.

□ □ □

APRESENTAÇOM EM OURENSE DAS *ACTAS DO III CONGRESSO INTERNACIONAL DA LÍNGUA GALEGO-PORTUGUESA NA GALIZA*-HOMENAGEM AO PROFESSOR *CARVALHO CALERO* E O *IV CONGRESSO*

Numha roda de imprensa celebrada na cidade de Ourense apresentarom-se as *Actas do III Congresso,* um volume de 700 páginas que recolhe as conferências e comunicaçons

Martes
16 de febrero de 1993

Agal celebrará sus actos en Vigo si no obtiene apoyos

ORENSE
Redacción

La «Asociaçom Galega da Língüa», Agal, ha publicado un volumen de 700 páginas en el que se recogen las actas del último congreso. El libro, que sale a la calle a un precio al público de más de 5.000 pesetas ha sido dedicado a la memoria del profesor Carvalho Calero, fallecido en marzo de 1990.

La edición de este volumen en el que se incluyen los actos, telegramas, fotografías y ponencias del tercer Congreso da Língüa ha sido subvencionada por el Ministerio de Cultura y su homónimo portugués.

Cuarto congreso

Al mismo tiempo, Agal prepara la celebración del siguiente congreso, con fecha establecida ya para noviembre de este año, pero sin lugar de desarrollo concretado, toda vez que —según afirmó ayer en conferencia de prensa la portavoz, María do Carmen Henríquez Salido— los próximos congresos se celebrarán en Vigo, en lugar de en Orense, si las instituciones orensanas —ayuntamiento y diputación, fundamentalmente— continúan rechazando cualquier posibilidad de colaboración con Agal.

Olvido institucional

Henríquez Salido advierte que hasta la fecha han contado con una gran colaboración por parte de los empresarios de hostelería, pero advierte que, desde que Victorino Núñez abandonó la presidencia de la diputación, este organismo dejó de colaborar.

La representante de Agal menciona, a modo de ejemplo del desinterés institucional orensano, que el volumen del tercer congreso ha sido subvencionado pro Madrid y Lisboa, pero Orense no colaboró en nada, con lo que posiblemente —asegura— los próximos se celebrarán en Vigo, en donde la asociación cuenta con gran respaldo.

Trabas de Educación

El cuarto congreso, que se celebrará coincidiendo con la festividad de los difuntos —porque la Consellería de Educación, asegura Agal, no concede días a los profesores para asistir a congresos reintegracionistas— estará dedicado al lingüista de Ginebra fallecido en 1915, Ferdinand de Saussure, lo que en opinión de Carmen Henríquez es una prueba del carácter internacional de la asociación que intenta evitar el aislamiento de los gallegos en las corredoiras.

En el congreso se respetarán los idiomas de los ponenetes, con lo que habrá conferencias al menos en gallego, portugués y francés, que abordarán diversos aspectos de lingüística, filosofía, texto literario etc. Junto a ello, se incluye un estudio dedicado a la mujer y un capítulo dedicado al teatro de Blanco Amor, teniendo en cuenta que el congreso se celebra en el año dedicado a su obra.

Agal denuncia el abandono institucional con los congresos de la Lengua

deste Congresso, celebrado nas cidades de Vigo e Ourense em Setembro e Outubro de 1990, concebido como homenagem urgente ao Professor Carvalho Calero, que tinha falecido um 26 de Março de 1990 na cidade de Compostela.

O volume contém uns sessenta textos distribuidos em três blocos: Lingüística e Filologia (ocupa a maior extensom), Língua e Texto Literário e Estudos dedicados ao Professor Carvalho Calero, con um total de dez textos que analisam essencialmente a sua narrativa e poesia assim como o tema da mulher.

Vai ilustrado com fotografias das sessons e umha extensa crónica do desenvolvimento do Congresso e conclusons e estudam-se também temas do catalám e do euskara.

Para a ediçom a Associaçom Galega da Língua contou com a colaboraçom económica da «Dirección General de Cooperación Cultural del Ministerio de Cultura de *Madrid*» e a Fundação Calouste Gulbenkian, tendo recebido como única resposta das instituiçons galegas o silêncio. A AGAL espera recuperar a parte nom subsidiada através das vendas num mercado que compreende também Portugal, Brasil e países da África assim como com as vendas realizadas a Universidades europeias da Alemanha, Italia, França, Suíça, etc. A prática demonstra que os livros da AGAL acabam por esgotar-se e que contam com um importante número de leitores.

O *IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*-Homenagem ao lingüista *Ferdinand de Saussure,* falecido na segunda década do século XX, surge com a ideia de apresentar ao mundo que na Galiza se dedicam várias sessons a analisar a obra do lingüista que supujo umha revoluçom no campo dos estudos sobre a língua e cujos postulados possuem umha grande vigência e actualidade para estudar a língua galego-portuguesa na Galiza.

O IV Congresso celebrara-se *na cidade de Vigo,* cidade que soubo acolher sessons do III Congresso e que conta com estudantes na Faculdade de Humanidades e Professorado de Centros de Ensino Secundário. Noutras páginas deste número de *Agália* o leitor pode achar mais informaçom.

La Región Miércoles, 17 de febrero de 1993

AGAL dedica su congreso al lingüista De Saussure

☐ *Critica la falta de ayuda de las instituciones*

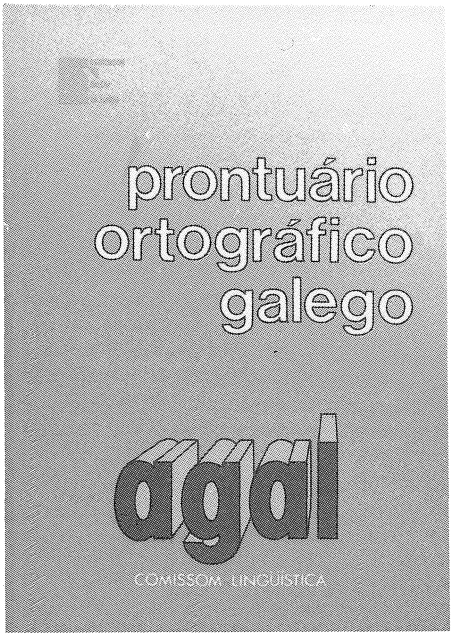
Orense /LR/

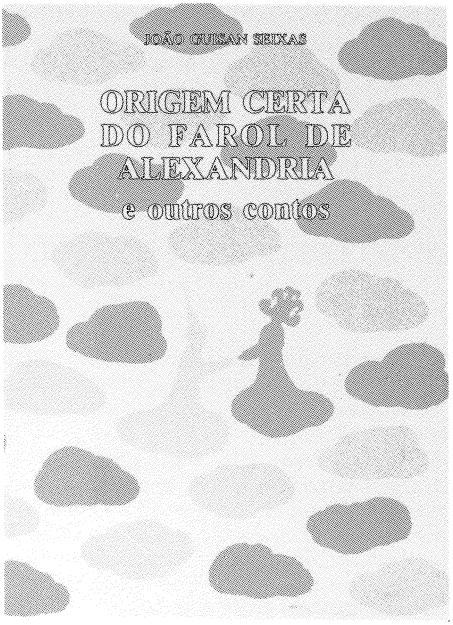
La Associaçom Galega da Língua (AGAL) dedicará el "IV Congreso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza" al lingüista Ferdinand de Saussure, fallecido en la segunda década de este siglo. Este homenaje pretende, según María do Carmo Henríquez, presidenta de AGAL, "apresentar ao mundo que na Galiza se dedicam varias sessons a analisar a obra do lingüista que supujo umha revoluçom no campo dos estudos sobre a língua e cujos postulados possuem umha grande vigência e actualidade para estudar a língua galego-portuguesa na Galiza".

AGAL ha anunciado que todavía no sabe en qué ciudad se celebrará este congreso. Si las instituciones orensanas deciden colaborar económicamente se celebrará en Orense, pero la asociación advierte que si continúa el silencio de éstas el evento tendrá lugar en Vigo, "pois ainda que sempre se afirma que Ourense precisa ser potenciada do ponto de vista turístico, a realidade é que quando algum colectivo ou associaçom como AGAL deseja realizar nesta cidade algum acontecimento que pode reunir entre trescentas a quinhentas pessoas, observa que cada vez som menos as ajudas que recebe das instituiçons provinciais e também da Junta de Galiza", explica María do Carmo Henríquez.

El "IV Congresso" se estructurará en tres bloques –el primero de los cuales serán los estudios dedicados a Ferdinand de Saussure– y una sección destinada al estudio de Blanco Amor.

El congreso se celebrará en los últimos días de octubre y primeros de noviembre y su comité científico está constituido por los profesores Eugenio Coseriu, de la Universidad de Tübingen (Alemania), Silvio Elia, de la Universidad Federal Fluminense de Río de Janeiro, José Luis Rodríguez, de la Universidad de Santiago, y María do Carmo Henríquez, de la Universidad de Vigo.


prontuário
ortográfico
galego
agal
COMISSOM LINGUÍSTICA


JOÃO GUIMARÃES
ORIGEM CERTA
DO FAROL DE
ALEXANDRIA
e outros contos

A ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA APOIA A PROPOSIÇOM DE LEI DE MUDAR A VIGENTE LEI DE NORMALIZAÇOM LINGÜÍSTICA (LEI 3/1983)

Perante a apresentaçom no Parlamento Galego da Proposiçom de Lei para mudar a vigente «Lei de Normalizaçom Lingüística (Lei 3/1983) a Associaçom Galega da Língua, preocupada pola perda do uso do galego, manifesta o seu apoio a esta iniciativa do Bloco Nacionalista Galego por estes motivos:

1. Quando já tenhem transcorrido dez anos desde o momento da aprovaçom da Lei, a realidade é que o galego *perde usos* em sectores que até agora se tinham caracterizado polo uso exclusivo do nosso idioma nacional.

2. Embora se podem contemplar *usos litúrgicos* por parte de entidades e pessoas que ostentam o poder político na Galiza, observamos que já nom dam nem tam sequer provas de cumprir a legislaçom vigente. O presidente da Junta da Galiza e membros do governo galego que deviam seguir e cumprir esta Lei, incumprem-na sistematicamente dando exemplo de nom acreditar nem muito menos cumprir as leis que fôrom aprovadas por unanimidade.

3. A AGAL ve com grande preocupaçom que desde a Conselharia de Educaçom e nomeadamente desde a Direcçom Geral de Política Lingüística existe maior interesse por exercitar umha caça de bruxas contra colectivos e pessoas que na prática e na realidade si usam o galego, do que por fazer que se cumpra a Lei de Normalizaçom Lingüística.

4. A respeito da disposiçom adicional da Proposiçom de Lei apresentada polo *BNG* a AGAL manifesta que enquanto nom existam igualdade de oportunidades e iguais possibilidades de concorrência e ajudas para os colectivos reintegracionistas *nom se podem estabelecer prazos.* Por este motivo a AGAL solicitará do Governo galego que *ou subsidia todas* as publicaçons, *todas* as iniciativas, *todas* as actividades de associaçons, pessoas e colectivos —com independência da normativa utilizada— *ou retira toda ajuda* a editoras, associaçons, escritores, colectivos, etc. Só desde *umha igualdade de concorrência,* a sociedade galega poderá optar polo modelo de língua exemplar.

5. A AGAL solicita mais umha vez a criaçom da *Comissom Nacional de Planificaçom Lingüística* em que deverám estar integrados todos os colectivos e pessoas interessados pola normalizaçom cultural e lingüística do nosso país, tendo sempre presente que *o galego ou é galego-português* ou nom será nada.

5 - Fevereiro - 1993

□ □ □

ELEITO O NOVO CONSELHO DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

Na Assembleia Geral Ordinária celebrada em Compostela o sábado dia 27 de Fevereiro, a partir das 11 da manhá, no Instituto de Bacharaleto Gelmírez I da cidade de Compostela, resultou eleito o novo Conselho que vai dirigir esta Associaçom Cultural nos próximos três anos, constituido por:

Presidenta, Profa. Dra. Maria do Carmo Henríquez Salido, Catedrática Numerária da Escola Universitária de E.G.B. de Ourense; *Vice-Presidente,* Prof. D. Luís Gonçálex Blasco, Professor Agregado de Galego no Instituto de Bacharaleto Gelmírez I de Compostela; *Secretário,* Prof. D. José António Souto Cabo, Professor Agregado de Galego no Instituto de Bacharaleto Gelmírez I de Compostela e Professor Associado de Filologia Românica da Universidade Santiago; *Vice-Secretário,* Prof. D. Bernardo Penabade, Professor Agregado de Galego no Instituto de Viveiro; *Tesoureiro,* D. Nemésio Barxa Álvarez, Advogado em Ourense. Como *Vogais,* D. José Maria Monterroso Devesa, Escritor; D. Xavier Paz; o Prof. D. Pe-

AGAL apoia ó Bloque na modificación da Lei de Normalización

SANTIAGO. Axencias

A Asociaçom Galega da Lingua (AGAL) amosou onte o seu apoio á proposición de lei presentada polo BNG no Parlamento de Galicia para modificar a vixente Lei de Normalización Linguística, ante a "perda do uso do galego".

A AGAL sinalou nun comunicado que após dez anos da aprobación da Lei de Normalización Linguística, "a realidade é que o galego perde usos en sectores que ata agora se caracterizaban polo uso exclusivo do idioma nacional".

Engade a AGAL que incluso se poden contemplar "usos litúrxicos por parte de entidades e persoas que ostentan o poder politico en Galicia", os cales, suliña, xa non dan nin "probas de cumprir a lexislación vixente".

Segundo esta asociación, o presidente da Xunta, Manuel Fraga, e os membros do Goberno galego "que debían cumprir esta Lei, a incumpren sistematicamente", a pesar de ser aprobada por unanimidade."

A AGAL sinala que desde a Consellería de Educación e a Dirección Xeral de Política Lingüística "existe maior interese por realizar unha caza de bruxas contra colectivos e persoas que na práctica e na realidade usan o galego, que por facer que se cumpra a Lei de Normalización Linguística".

En canto á disposición adicional da proposición de lei presentada polo BNG, a AGAL manifesta que mentres que non exista igualdade de oportunidades e igual posibilidade de concorrencia e axudas para os colectivos reintegracionistas "non se poden establecer prazos".

A AGAL solicitará do Goberno galego que "o subsidia todas as publicacións, iniciativas, actividades de asociacións, persoas e colectivos, con independencia da normativa utilizada, ou retira toda axuda a editoras, asociacións, escritores e colectivos".

Para esta asociación, "só desde unha igualdad de concorrencia, a sociedade galega poderá optar pola língua exemplar". Tamén solicita a AGAL a creación da comisión nacional de planificación lingüística, na que deberán estar integrados os colectivos e persoas interesados na normalización cultural e lingüística, tendo presente que, para a AGAL "o galego, ou é galego-portugués ou non será nada"

E! Correo Gallego ● 6 de febrero de 1993

Agal apoya la modificación de la ley de normalización lingüística que propone el BNG

SANTIAGO
Redacción

La Associaçom Galega da Língua (Agal) apoya la proposición de ley presentada por la diputada de BNG, Pilar García Negro, para modificar la vigente ley de normalización lingüística. Tras diez años de vigencia de la misma «a realidade é que o galego perde usos» en sectores que se habían caracterizado por su uso exclusivo, señala.

Critica esta asociación «usos litúrgicos» por parte de entidades y personas que ostentan el poder político, aunque no se cumple lo legislado. El propio presidente de la Xunta y conselleiros infringen dicha ley «sistematicamente» y dan ejemplo de no creer en ella.

Agal pide «igualdade de oportunidades» y de posibilidades de concurrir a ayudas oficiales. Anuncia que solicitará de nuevo a la Xunta que subvencione todas las publicaciones, iniciativas, actividades, personas y colectivos, con independencia de la normativa ortográfica que usen, o que no conceda ayuda a nadie. E insiste en que se cree una «Comissom Nacional de Planificaçom Lingüística» que integre a todos los colectivos y personas «tendo sempre presente que o galego ou é galego–portugués ou non será nada».

La entidad reintegracionista rechaza que Educación muestre más interés en perseguir a colectivos y a personas que usan el gallego, que no en hacer cumplir dicha ley de normalización.

La Región · Sábado, 6 de febrero de 1993

AGAL apoya el cambio de Ley de Normalización Lingüística

Orense /LR/

La Associaçom Galega da Língua (AGAL) apoya la proposición de Ley presentada en el Parlamento gallego por el BNG para modificar la vigente "Ley de normalización lingüística", dado que estiman que ha sido inoperante y que diez años después de su aprobación el gallego pierde terreno en sectores que hasta ahora se habían caracterizado por el uso exclusivo de este idioma.

AGAL critica el uso "litúrgico" que hacen del idioma algunas personas que ostentan el poder político en Galicia, que "ja nom dam nem tam sequer provas de cumprir a legislaçom vigente". La Asociación asegura que el presidente de la Xunta y otros miembros del Gobierno gallego incumplen sistemáticamente la Ley actual.

AGAL observa con preocupación que desde la Consellería de Educación y, en especial, desde la Dirección Xeral de Política Lingüística, "existe maior interese por exercitar umha caça de bruxas contra colectivos e pessoas que na pratica e na realidade sim usam o galego, so que por fazer que se cumpra a lei da normalizaçom lingüística".

AGAL considera un paso indispensable el que exista igualdad de oportunidades e idénticas posibilidades de concurrir a subvenciones y ayudas para los grupos reintegracionistas, por lo que solicitará del Gobierno gallego que o subvencione todas las publicaciones, iniciativas, actividades y colectivos –con independencia de la normativa utilizada–, o retire todas las ayudas.

48 El Correo Gallego. Martes, 2 de marzo de 1993

María do Carmo Henríquez Salido foi reelixida presidenta da AGAL

Esta asociación seguirá a denunciar a "perseguiçom" dos reintegracionistas

SANTIAGO. Redacción A catedrática numeraria da Escola Universitaria de EXB de Ourense María do Carmo Henríquez Salido ven de ser reelixida no seu cargo de presidenta do Conselho da Associaçom Galega da Lingua. Tamén procedeuse á renovación do resto da directiva, que quedou conformada polo profesor de galego Luís Gonçalez Blasco, como vicepresidente; secretario foi elixido o docente de galego José Antonio Souto Cabo, vicesecretario é Bernardo Penabade, profesor de bacharelato, e tesoureiro, Nemesio Barxa Álvarez, avogado.

Como vocais foron elixidos o escritor José María Monterroso Devesa, Xavier Paz, Pedro Bernárdez-Velho e Carlos Campoy Vázquez.

Nun comunicado emitido pola nova directiva sinalanse os obxectivos e actividades que o novo Conselho da Associaçom Galega da Lingua ten previstos para o presente ano:

—Estender e recuperar os usos do idioma galego-portugues "neste segmento da comunidade lingüística galego-luso-africano-brasileira e trabalhar por conseguir umha substancial reintegraçom do galego no seu ámbito natural a que pertence por história e tradiçom".

—Téntase de facer un traballo de recuperación da autoestima e da conciencia nacional na sociedade galega, estimulando "a vertebraçom de grupos cada vez máis lucidamente comprometidos com a construçom da Galiza integral".

Unha das actividades que vai centra-los traballos da Associaçom e a celebración no vindeiro mes de outubro do *IV Congresso Internaçonal da Lingua Galego-portuguesa na Galiza-Homenagem a Ferdinad de Saussure*, organizado conxuntamente co Departamento de Filoloxía Española, Teoría da Literatura e Lingüística Xeral da Universidade de Vigo.

Finalmente, a AGAL continuará co seu labor de denuncia da "perseguiçom e asfíxia de persoas e colectivos reintegracionistas desde umha práctica discriminatoria e provinciana".

dro Fernández-Velho, Professor Agregado de Instituto de Bacharelato em Ourense e o Prof. D. Carlos Campoy Vázquez, Professor na Faculdade de Ciências da Universidade da Corunha.

Entre os objectivos imediatos e actividades para o presente ano do novo Conselho fôrom salientadas:

1. Estender e recuperar os usos do idioma galego-português neste segmento da comunidade lingüística galego-luso-africano-brasileira e trabalhar por conseguir umha substancial reintegraçom do galego no seu ámbito natural a que pertence por história e tradiçom.

2. Esta extensom dos usos orais e escritos leva implícita a recuperaçom da autoestima em sectores cada vez mais numerosos da sociedade galega, com a recuperaçom da consciência nacional e de comunidade lingüística e estimulando a vertebraçom de grupos cada vez mais lucidamente comprometidos com a construçom da Galiza integral.

3. Na expansom dos usos escritos, e na sua qualidade de *Editora* a AGAL acaba de publicar as *Actas do III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza-Homenagem ao Professor Carvalho Calero,* o número 31 da *Revista AGÁLIA,* o livro *O uso das línguas na perspectiva da Europa Comunitária* e estám próximos a aparecer o número 32 de *AGÁLIA* dedicado ao Membro de Honra da AGAL o escritor Jenaro Marinhas del Valle e o número 33 dedicado ao escritor ourensano *Eduardo Blanco-Amor.*

4. Umhas das actividades em que a AGAL vai centrar os seus trabalhos será a celebraçom do *IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza-Homenagem a Ferdinand de Saussure,* umha actividade organizada conjuntamente com o «Departamento de Filología Española, Teoría de la Literatura y Lingüística General» da Universidade de Vigo para os últimos dias de Outubro e o dia primeiro de Novembro.

5. Por último, o novo Conselho da AGAL continuará no seu labor de denunciar mais umha vez a perseguiçom e asfíxia de pessoas e colectivos reintegracionistas desde umha prática política discriminatória e provinciana, como acaba de pôr-se de manifesto no recente debate celebrado nos últimos días no Parlamento Galego.

Em Compostela, a 27 de Fevereiro de 1993

A *AGAL* DIRIGE-SE DE NOVO À COMISSOM DE PETIÇONS DO PARLAMENTO EUROPEU POR NOM TER RESPONDIDO A NENGUMHA DAS TRÊS DEMANDAS

Nos últimos dias de Março de 1993 recebia-se resposta da Comissom de Petiçons do Parlamento Europeu, a respeito da petiçom n.º 233/92 apresentada por esta Associaçom. No escrito, que reproduzimos em página XXX, a Comissom nom respondia a nengumha das três demandas formuladas pola Associaçom Galega da Língua. Por este motivo, o Conselho da AGAL voltou a enviar um novo Relatório, que reproduzimos textualmente, o dia 16 de Junho em que partindo do facto de que «a língua da Galiza, como variante do português (do mesmo modo que a língua do Brasil) já é língua europeia e comunitária de pleno direito, nom precisando portanto de (sobre-)reconhecimentos» se abrisse de novo o expediente.

«Em Ourense, a 16 de Junho 1993
Presidenta da Comissom de Petiçons do Parlamenteo Europeu
Petiçom n.º 233/92
L - 2929 LUXEMBURGO

Recebido o seu escrito, em nome do Conselho da Associaçom Galega da Língua, e com os devidos respeitos, MANIFESTO:

1. A conclusom por parte da Comissom de Petiçons que Você preside de que «la lengua gallega debe recibir el mismo trato que la catalana» nom responde a nengumha das três demandas formuladas pola Associaçom Galega da Língua (AGAL) no escrito dirigido à Mesa de Petiçons do Parlamento Europeo o 17 de Março de 1992, porque, da nossa óptica, a língua da Galiza, como variante do português (do mesmo modo que a língua do Brasil) já é língua europeia e comunitária de pleno direito, nom precisando de (sobre-)reconhecimentos.

2. Admitimos que a formulaçom sintética das petiçons nom resoltou talvez suficientemente clara. Foi por isso que o Conselho da AGAL elaborou e enviou um Relatório para juntar ao expediente n.º 233/92, que desenvolve polo miúdo em três apartados as razons e o sentido de cada um dos três requerimentos. Em qualquer caso parece que a nossa petiçom nom foi bem entendida. Por este motivo tentaremos explicar mais umha vez o sentido de cada umha das nossas demandas.

3. Explicaçom de motivos:

a) Como conclusom do apartado I dos nossos textos («O galego, umha variante do galego-português») solicitávamos o reconhecimento por parte das instituiçons comunitárias da «terceira vertente» do que Rodrigues Lapa denominou «português-brasileiro-galaico».

Nom aguardavámos que a Comissom de Petiçons se pronunciasse sobre a identidade idiomática da comunidade lingüística que habita a zona setentrional ou ocidental da eurorregiom histórica que os romanos denominárom Gallaecia e que hoje exprime a consciência dessa unidade etnolingüística e socioeconómica através, entre outras iniciativas mesmo no ámbito institucional, da Comunidade de Trabalho Galiza-Norte de Portugal.

Nem sequer tentávamos a ratificaçom da bondade em exclusiva para a norma em que está redigido este escrito e que a AGAL considera nom apenas a expressom aceitável da modalidade lúsofona que representam os «dialectos galegos» mas também um instrumento adequado para progredir no objectivo irrenunciável da unidade idiomática do galego-português peninsular.

Consideramos, no entanto, que fornecíamos dados mais que suficientes para que as instituiçons europeias amparem, e garantam em certa medida, polo menos a legitimidade de interpretar e praticar o galego como umha variante do português. Os reintegracionistas entendemos aliás que só o reconhecimento da Galiza espanhola como umha comunidade lusófona permitirá a sobrevivência do idioma «próprio» da Galiza.

De Europæiske Fællesskaber
EUROPA-PARLAMENTET
Europäische Gemeinschaften
EUROPÄISCHES PARLAMENT
Ευρωπαϊκές Κοινότητες
ΕΥΡΩΠΑΪΚΟ ΚΟΙΝΟΒΟΥΛΙΟ

European Communities
EUROPEAN PARLIAMENT
Comunidades Europeas
PARLAMENTO EUROPEO
Communautés Européennes
PARLEMENT EUROPÉEN

Comunità Europee
PARLAMENTO EUROPEO
Europese Gemeenschappen
EUROPEES PARLEMENT
Comunidades Europeias
PARLAMENTO EUROPEU

Luxemburgo,
tx

Commissione per le petizioni

La Presidente

BRUXELLES

Sra. Maria DO CARMO HENRIQUEZ

Avenida Curros Henríquez, 1 - 15º A
E - 32003 Ourense (Galiza)

Asunto: Su petición nº 233/92

Muy Sra. mía:

Tengo el honor de informarle que la Comisión de Peticiones prosiguió el examen de su petición en su reunión de los días 26 y 27 de enero de 1993.

Al término de este examen la comisión consideró que la lengua gallega debe recibir el mismo trato que la lengua catalana, de conformidad con la resolución aprobada por el Parlamento Europeo el 11 de diciembre de 1990 sobre la base del informe elaborado en nombre de la Comisión de Peticiones, relativo a la situación de las lenguas en las Comunidades Europeas y la de la lengua catalana (Doc. A3-169/90).

De este modo se da por concluido el examen de su petición.

Le saluda atentamente,

Rosavia BINDI
Presidente de la Comisión de Peticiones

Este era o sentido do primeiro requerimento que provavelmente tem pouco a ver ou é contraditório com o tipo de declaraçom que também desde a Galiza solicitárom para o galego outros colectivos, instituiçons ou partidos políticos espanhóis.

b) É praticamente unánime a opinión dentro e fora da Galiza (ver, por ex. Siguán, Miguel, *España plurilíngüe,* ed. Alianza Editorial, Madrid, 1992, p. 222) que na actual conjuntura nom há nem pode haver vontade política para umha vertebraçom consciente por parte do governo regional orientada a recuperar usos do galego, gravemente ameaçado pola progressiva perda de falantes. Além disto, a padronizaçom regionalista, que tenta impor compulsivamente umha artificial norma híbrida nom concorrente com o castelhano para evitar a necessária socializaçom de práticas reintegracionistas devém numha operaçom de simulaçom de alcance histórico. O desígnio glotofágico do neo-regionalismo joga sobretodo a debilitar as defesas do galego através da sua «provincializaçom» e a neutralizar qualquer possibilidade de movimentaçom social em favor da nossa língua em virtude do ritual eutanásico de um bilingüismo dialectalizador e espanholizador.

Em conseqüência, tal como lembrávamos nos últimos parágrafos do apartado II do nosso Relatório, na circunstancia histórica em que se acha a Galiza entendemos que só a vertebraçom de umha cultura de massas em galego-português desde um espaço mediático, económico, desportivo... reintegrador da comunidade lusófona peninsular permitiria manter a esperança de sobrevivência no Aquém-Minho de umha língua e de umha cultura que hoje o Estado espanhol ainda reconhece como singular. Os instrumentos para atingir tal objectivo estám já previstos nos artigos 11.2 e 14.1 da *Carta europeia das línguas regionais ou minoritárias* e no artigo 35.3 do Estatuto de Autonomia de Galiza. Obviamente *o modelo idiomático final* que visamos para a nossa Comunidade *nom é Irlanda nem Luxemburgo. Tem mais a ver com Flandres.* Destarte fica explicado o sentido do segundo requerimento.

c) No ANEXO de documentos enviados a essa Comissom iam suficientes mostras do trato discriminatório do poder regional a respeito de pessoas e colectivos que por meios legítimo sustentam as teses reintegracionistas.

Desejamos simplesmente acrescentar que no último parágrafo do apartado III assinalávamos a nom aprovaçom pola Conselharia de Educaçom da Junta de Galiza do artigo 254 dos «Estatutos da Universidade de Vigo» em que se contemplava a liberdade de opçom ortográfica do idioma galego para as publicaçons desta Universidade. Alegra-nos comprovar que a sentença do Tribunal Superior de Justiça de Galiza, de 4 de Maio de 1993, desestime o recurso 7.942/1992 da Junta de Galiza e diga textualmente: «Constituiría un atentado ó dereito á liberdade ideolóxica, científica, de expresión e de libre circulación das ideas todo por parte dos poderes públicos de *seiturar,* co gallo da defensa a ultranza dunha normativización oficial, posturas lingüísticas que, non apartándose do seo común de orixe e convivencia idiomáticas, se amosen como discrepantes e ata críticas coa normativa oficial».

Em conclusom, entendemos que o exame das questons relacionadas com a petiçom n.º 233/92 nom pode ficar fechado. Lamentamos esta decisom da Comissom que Você preside. Esperamos que seja provisória e que o prestígio e o rigor das instituiçons comunitárias nom poda ser posto em causa nem nos obrigue a formular novas demandas.

Em resumo e simplificando aguardamos, como mínimo:

I. Um *reconhecimento* da via reintegracionista nos termos explicados acima, no apartado 3.a.) que nós consideramos necessária, polo menos como proposta global legítima para a restauraçom e promoçom do galego nesta comunidade.

II. Umha *recomendaçom formal* que para que o Governo regional e subsidiariamente o Estado espanhol efectivem um espaço mediático e cultural cooperativo entre a Galiza e Portugal tendo em conta, como dizíamos, o conteúdo dos artigos 11.2 e 14.1 da Carta europeia das línguas regionais ou minoritárias e as previsions do artigo 35.3 do Estatuto de Autonomia de Galiza.

III. A *condena explícita* das diferentes formas de discriminaçom com que os poderes públicos regionais continuam a discriminar, marginalizar, asfixiar e reprimir antidemocraticamente qualquer ideia ou prática de carácter reintegracionista. O Tribunal Superior fala de «seiturar» (segar, ceifar).

A G A L ASSOCIAÇOM GALEGA DA LINGUA

C I F G-15055478
Presidência: Apartado 453
32080 - O U R E N S E

Secretaria: Apartado 289
15780 - S. COMPOSTELA

REVISTA AGÁLIA (ISSN 1130-3557)

Redaccom: Apartado 560
15080 - A CORUNHA

Administraçom: Apartado 453
32080 - O U R E N S E

Em Ourense, a 16 junho 1993

Presidenta da Comissom de Petiçons do Parlamento Europeu

Petiçom nº 233/92

L - 2929 LUXEMBURGO

Recebido o seu escrito, em nome do Conselho da Associaçom Galega da Língua, e com os devidos respeitos, MANIFESTO:

1. A conclusom por parte da Comissom de Petiçons que Você preside de que <<la lengua gallega debe recibir el mismo trato que la catalana>> nom responde a nengumha das três demandas formuladas pola Associaçom Galega da Língua (AGAL) no escrito dirigido à Mesa de Petiçons do Parlamento Europeu o 17 de Março de 1992, porque, da nossa óptica, a língua da Galiza, como variante do português (do mesmo modo que a língua do Brasil) já é língua europeia e comunitária de pleno direito, nom precisando portanto de (sobre-)reconhecimentos.

2. Admitimos que a formulaçom sintética das petiçons nom resultou talvez suficientemente clara. Foi por isso que o Conselho da AGAL elaborou e enviou um Relatório para juntar ao expediente nº 233/92, que desenvolve polo miúdo em três apartados as razons e o sentido de cada um dos três requerimentos. Em qualquer caso parece que a nossa petiçom nom foi bem entendida. Por este motivo tentaremos explicar mais umha vez o sentido de cada umha das nossas demandas.

3. Explicaçom de motivos:

IV. Por se as nossas petiçons nom ficassem o suficientemente claras, estamos dispostos a *apresentar-nos* fisicamente, para que a Comissom receba directamente toda a informaçom que considerar neccesária.

Com os nossos melhores cumprimentos.

En nome do Conselho da AGAL,

A presidenta,
Ass. M.ª do Carmo Henríquez Salido

□ □ □

VIOLADA A LIBERDADE DE CÁTEDRA NO INSTITUTO DE BACHARELATO DE CHANTADA (LUGO)

Noutro lugar deste número falávamos da repressom exercida na Galiza contra funcionários e trabalhadores. Um caso muito recente produziu-se no Instituto de Bacharelato de Chantada (Lugo). O procedimento consistiu em perseguir este docente através da acçom exercida por um sócio da APA do Instituto de Bacharelato, membro da classe médica, contra a actividade docente do professor de Língua e Literatura Galegas, D. Jesus Sánchez Sobrado.

Esta intromissom manifestou-se de jeito gravíssimo no intento de proibir ao professor textos auxiliares de aula, o qual pretendia o citado membro da classe médica mesmo violentando as competências do Conselho Escolar. Este profissional da Medicina deve ignorar que este Conselho nom é autoridade para assinalar a linha docente do professorado mas apenas para aprovar os livros de texto propostos como oficiais no centro. O resto está garantido pola liberdade de cátedra. A capacitaçom profissional do professor está validada pola Administraçom educativa mercê de um concurso-oposiçom e após o período de práticas. Aliás, os manuais escolares som unicamente de uso opcional na aula, podendo o professor legal e legitimamente orientar a actividade discente dos seus estudantes para cumprir melhor os objectivos fixados na programaçom oficial.

O pretensioso ataque perante o Conselho Escolar, em ausência do docente, virom-se complementados por uns rumores sem fundamento e decerto malintencionados para tentar manchar a sua honra e dignidade e desprestigiar o seu labor docente aos olhos dos alunos, dos pais e da Comunidade Escolar em geral. Além do mais, também se produziu o intento de manipulaçom de umha minoria de alunos para, à margem da sua vontade, alterarem a ordem pública boicoteando as aulas.

□ □ □

DOM RICARDO CARVALHO CALERO, SEMPRE EM GALIZA ACTOS EM COMPOSTELA O DIA 24 DE MARÇO DE 1993

Na madrugada do dia 26 de Março do ano 1990 falecia na cidade de Santiago de Compostela, o Professor Dom Ricardo Carvalho Calero, quando estava próximo a cumprir oitenta anos. Nascido na cidade do Ferrol e após viver quinze anos na cidade de Lugo, passou os últimos anos da sua vida dedicado à docência na Universidade de Santiago, em que foi o primeiro catedrático de Lingüística e Literatura Galega.

Por motivo de se cumprir o terceiro aniversario da sua morte, a *Associaçom Galega da Língua,* da qual era Membro de Honra, celebrou em Compostela os seguintes actos o dia 24 de Março:

El Correo Gallego ● 25 de marzo de 1993

A AGAL rende unha homenaxe a Carvalho Calero en Boisaca

Henríquez Salido desmentiu que se censuraran traballos das Irmandades

Membros da Asociaçom Galega da Língua (AGAL) e doutros colectivos reintegracionistas, así como familiares de Ricardo Carvalho Calero participaron onte, no cemiterio compostelano de Boisaca, na ofrenda floral que se realizou sobre o nicho do falecido profesor, principal impulsor dunha aproximación ortográfica entre o galego e o portugués. No acto, pronunciaron unhas verbas José Monterroso e a presidenta da AGAL, María do Carmo Henríquez Salido.

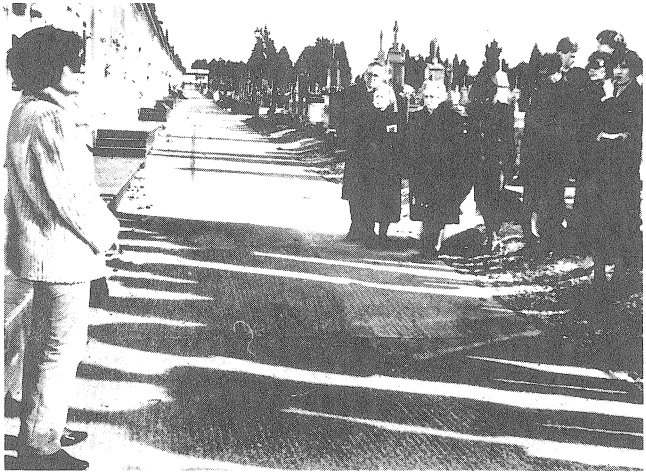
SANTIAGO. Redacción

Posteriormente, Henríquez Salido rexeitou o calificativo de "terrorista cultural" que lle aplicaron as Irmandades da Fala da Galiza e Portugal. As Irmandades fixeron público un comunicado no que acusaban a Henríquez de "terrorismo cultural" por non incluír nas Actas do Congresso Internacional da Língua Galega-Portuguesa na Galiza comunicacións de membros das Irmandades.

A presidenta da AGAL, reelixida recentemente para o cargo, asegurou que lle parecía "pouco nobre" que as Irmandades tirasen o comunicado "em um dia que queremos 'embrar a memória de Dom Ricardo, que sempre chamou à concórdia e à amizade".

Henríquez lembrou que as actas foron publicadas en xaneiro e que en febreiro se deron explicacións pertinentes. Verbo do calificativo que se lle aplicou, desbotou comentalo, xa que "terrorismo é umha palavra moi desgastada".

A presidenta xustificou a ausencia dalgúns traballos na publicación ós criterios de selección do Conselho da AGAL, que foron "a calidade e o seu carácter inédito". Neste senso, suliñou que moitos deles xa se publicaran. Na súa intervención ante o nicho de Carvalho Calero, Henríquez Salido afirmou que o acto de homenaxe servia "para que esta Galiza tam necesitada de recuperar a memória histórica saiba que houbo e segue havendo pessoas que trabalharom para que Galiza ocupe o lugar que lhe corresponde entre a Europa dos povos".



HENRÍQUEZ SALIDO DURANTE A SÚA INTERVENCIÓN ANTE O NICHO DE CARVALHO CALERO M. Blanco

Con anterioridade, Monterroso Devesa suliñou que o galego, ó se transformar en portugués, se enriquecerá do mesmo xeito que o castelán cando se transformou en español. Monterroso recordou a aposta de Castelao cara a un galego vencellado ó portugués e, especialmente, a Carvalho Calero que "morreu como suxeito de vivéncias pero está vivo para nós", dixo. A homenaxe a Carvalho Calero concluiu na galería "Sargadelos" coa presentación das polémicas actas e a celebración dunha mesa redonda na que participaron Henríquez Salido, Carlos Quiroga e Araceli Herrero.

—*Às cinco da tarde no Cemitério de Boisaca* houvo umha oferenda floral e fijerom a lembrança do Professor, o escritor D. José María Monterroso Devesa e a Presidenta da AGAL, D. M.ª do Carmo Henríquez.

—*Às oito da tarde na Galeria Sargadelos,* sita na Rua Nova, acto literário em que se apresentarom as *Actas do III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza-Homenagem al Professor Carvalho Calero,* um volume de 700 páginas em que se inclui umha secçom dedicada a estudos sobre o Professor Carvalho Calero.

A *Mesa-Redonda* foi moderada polo escritor e jornalista Joel Gómez e contou com a presença dos professores: Doutora Aracéli Herrero Figueroa, do Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura da Universidade de Santiago; Prof. D. José Carlos Quiroga, Professor de Português na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago e a Dra.

48 El Correo Gallego. Jueves, 18 de marzo de 1993

A AGAL homenaxeará en Santiago a Carvalho Calero o próximo día 24

A asociación depositará un ramo de flores na campa do falecido profesor

SANTIAGO. Redacción

A Associaçom Galega da Língua (AGAL) realizará unha ofrenda floral na campa de Ricardo Carvalho Calero no cemiterio de Boisaca o vindeiro 24 de marzo, coincidindo co terceiro aniversario da morte do profesor e investigador, que foi membro de honra desta asociación.

No transcurso deste acto, falarán José Maria Monterroso-Devesa, José Martinho Montero Santalha e Jenaro Marinhas del Valle.

A AGAL é unha das máis firmes defensoras da confluencia ortográfica do galego co portugués, idea da que Ricardo Carvalho Calero foi impulsor e teorizador.

A asociación ten previsto tamén, ás oito da tarde e na galería Sargadelos de Santiago, presentar as *Actas do III Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. Homenagem ao professor Carvalho Calero*, un volume de setecentas páxinas no que se inclúe unha sección adicada a estudos sobre o profesor falecido en 1990.

Ó cabo da presentación, celebrarase unha mesa redonda moderada polo escritor e xornalista Joel Gómez, que contará coa presencia de Araceli Herrero Figueroa, do Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura da Universidade compostelana; José Carlos Quiroga, profesor de Portugués na facultade de Filoloxía de Santiago, e María do Carmo Henríquez Salido, da Universidade de Vigo e presidenta da AGAL.

Alén destes traballos, a asociación está a preparar un grande volume, coordenado por José Luís Rodríguez, no que se inclúen máis de cincuenta estudios adicados a analizar e estudar a vida e a obra de Carvalho Calero, moitos deles escribidos polos seus compañeiros e colegas da Facultade de Filoxía de Santiago de Compostela.

CARVALHO CALERO FALECEU EN MARZO DE 1990 M. Blanco

Maria do Carmo Henríquez, da Universidade de Vigo e Presidenta da Associaçom Galega da Língua.

Além destes trabalhos a Associaçom Galega da Língua, sob a coordenaçom do Professor D. José Luís Rodríguez, da Universidade de Santiago, está a preparar um grande volume em que se incluem mais de cinqüenta estudos dedicados a analisar e estudar a vida e a obra do Professor, muitos deles da autoria dos seus companheiros e colegas da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago.

□ □ □

APRESENTAÇOM DE *POEMAS DA LUZ E DA LOUCURA*

O 2 de Abril de 1993 foi apresentado na Livraria Couceiro da Corunha o poemário de Henrique Rabunhal *Poemas da luz e da loucura* (Espiral Maior, n.º 6, A Corunha, 1992) num acto que segundo os livreiros foi o mais concorrido de quantos se tenhem celebrado no seu local. Para além de familiares e amigos íntimos do escritor, achavam-se no acto numerosos membros da Associaçom Galega da Língua, alunos de Rabunhal, que é também

professor de literatura, companheiros de trabalho, o Membro de Honra da A.GA.L., Jenaro Marinhas, Carlos Díaz, os artistas Fidel Vidal e Eduardo Casal, os professores António Gil, José Manuel Fernández Costas, José A. Fernández Roca, Eloi Rodríguez ou os escritores Álvaro Vidal, José Antonio Lozano, Francisco Pillado e José Mato.

No acto literário intervinham com o autor, Miguel Anjo Fernám-Velho, na sua condiçom de director de Espiral Maior, e César Morañ Fraga, responsabilizando-se da apresentaçom técnico-literária. Reproduzimos a seguir as

PALAVRAS DE MIGUEL ANJO FERNÁM-VELHO

Achamo-nos aqui com Henrique Rabunhal para participar no encontro e na celebraçom que supom a apresentaçom do seu livro *Poemas da luz e da loucura,* livro que fai o n.º 6 da colecçom de poesia de Ediçons Espiral Maior e livro que ocupa a segunda praça, digamos assim, na obra poética do autor, quem já no ano 1984 nos oferecera um livro de poemas intitulado *Paixom e morte dum condenado.*

Espiral Maior, quando tivo conhecimento da existência, conhecimento directo por via do original, deste livro de Rabunhal, nom duvidou nem um só instante em inclui-lo na nómina de livros a publicar dentro da colecçom. Considerávamos que no caso de Henrique Rabunhal era urgente, dalgumha maneira, inclui-lo na colecçom, porquanto transcorreram vários anos desde a sua última entrega poética e porquanto Henrique Rabunhal é um poeta que mantém umha coerência empírica na sua escrita quanto à utilizaçom de umha normativa lingüística reintegracionista que nom está aceitada polas editoras que se movem dentro das esferas oficiais. E, em última instância também, pola qualidade poética que o livro oferecia e pola importância que tem o feito de publicar no nosso país um livro inédito, dar a conhecer umha obra em marcha e possibilitar também que o autor, o poeta neste caso, tenha acesso à «normalidade» de ver o seu texto publicado.

Espiral Maior é umha empresa editorial que nasce com um critério de ser um vieiro independente, um vieiro alternativo; nasce com o objectivo de equilibrar, de normalizar a ediçom de poesia no nosso país. É umha colecçom que está aberta à publicaçom de poesia por parte de autores consagrados e de autores novos.

Eu quigera brevemente, se me permite César Carlos Morám, quem vai fazer realmente a apresentaçom formal desta obra, dizer umhas palavras que ademais entroncam com esta obra de Rabunhal, com a poética geral que oferece o livro, na qual está presente a veia realista, essa veia sempre viva na poesia galega desde a obra fundacional do Ressurgimento com Rosalia ou essa veia de tinte mais idealista e simbolista que inaugura Pondal. Essa veia cívica, essa veia do canto patriótico, estám presentes nestes *Poemas da luz e da loucura.*

Henrique Rabunhal inscreve-se ademais na nómina dos poetas que se dérom em chamar, por parte da crítica, a geraçom dos 80. Eu creio que os poetas galegos de hoje levam a cabo um grande acto de amor ao idioma, à tradiçom, à cultura que nos sustenta, à materia e à arte da poesia. Quando som acusados de «egotismo estetizante, actuante na maior parte da poesia galega desde 1981», por umha voz anónima, e cito-a textualmente, erra-se de cheio. Os poetas galegos actuais querem, como expressava Correa Calderom em A Nosa Terra, o ano 1918, umha modernidade precisa e necessária para a nossa fala de ouro e de ferro. O acto de escrever poesia nestes tempos nos quais míngua a verdade, é mostra de umha imensa fe no futuro. Imensa fe no idioma, a ferramenta, do nosso desejo textual, o prodigioso veículo de comunicaçom e de afirmaçom. Os poetas, Henrique Rabunhal entre eles, estám comprometidos no caminho, na materialidade custosa da obra, na liberaçom como quer Ugio Novoneyra, da Pátria-Língua. As identidades, os modos, as poéticas, da poesia galega actual som, na minha opiniom, um bom garante material para a permanência de umha palavra galega de seu no tempo. Os poetas galegos actuais, entre eles Quique Rabunhal, escrevem porque sabem e conhecem fundamente, tal como nos ilustrou com tanta lucidez o autor de *Lavorare stanca,* o entranhável Pavese, suicidado no ano 1950, que a literatura, sobretodo a poesia, é umha defesa contra as ofensas da vida. A poesia galega é também umha defesa contra as ofensas da história. E umha defesa profunda do idioma, das suas mais escuras raízes e das suas mais luminosas seivas. Todo poeta galego

que sinta o tremor orgánico do idioma nos seus versos, é um ser comprometido com a duraçom do nosso mundo.

Eu quero dedicar estas palavras, que estám recolhidas de um texto da minha autoria, a Henrique Rabunhal, por ter escrito este livro, por continuar nessa materialidade custosa que é escrever poesia e por hoje estarmos aqui e poder participar da presença dos seus poemas.

E realmente para apresentar o livro —já no aspecto formal, crítico e literário— temos aqui ao professor Morám Fraga que é realmente o que nos vai ilustrar, o que nos vai iluminar aspectos que depois o autor também ampliará. Podemos incluso estabelecer umha pequena polémica ao final, um colóquio que sem dúvida enriquecerá este acto. Eu já lhe cedo a palavra a César.

* * *

O professor César Morám, autor da crítica do primeiro poemário de Rabunhal em Agália (n.º 1, 1985, pp. 117-118), interviu a seguir relacionando a capa de Casal «entre a posvanguarda e os petroglifos» com o fundo do «grande poemário». Logo de comentar o significado do título (Luz como vida e caminho e Loucura como sonho, ideal e alter-ego) e o niilismo da cita de Álvaro de Campos, apelou à temática uniforme dos textos estruturados em quatro partes. Na I dixo operar umha voz reflexiva, o eu como objecto poético e a procura do tempo recuado. Da II sublinhou o seu mundo plural, a viagem no tempo-mesmo no qual vivemos, o tema da derrota e a sombra do Complexo de Polícrates. Também se referiu o prof. Morám ao motivo do país ao fundo e à consciência lingüística. A III parte foi vista como umha série sintética e reflexiva de ideias e pensamentos. Já na IV parte centrou-se César Morám no tema patriótico. Concluiu abordando outros pormenores do poemário figurativo: imagens, poemas amorosos, biográficos, recursos estilísticos (enumeraçom), léxico (complexo, diverso e metalingüístico).

* * *

Finalmente um Henrique Rabunhal «serena e conscientemente emocionado» agradeceu a presença de todos e cada um dos assistentes, em particular a de Fernám-Velho e Morám Fraga, para reflexionar sobre a sua actividade poética no último decénio. Estas fôrom as suas palavras:

No espelho côncavo da memória

Henrique Rabunhal, A Corunha, 2 de Abril de 1993

A estas horas a cidade estará bulhenta ou pode que letárgica. Algumhas crianças chorarám com orgulho enquanto algum coraçom gastado deixará de palpitar. Eu podo dizer que a poesia é deste mundo que geme ou resmunga na cidade abraçada de mar.

A estas horas agradeço a presença dos meus amigos e das minhas amigas e com eles miro para atrás no espelho côncavo da memória. Sai-me da alma de cântaro.

A ediçom dos *Poemas da luz e da loucura,* logo de oito anos de silêncio poético editorial, é ocasiom para essa olhada embalada em nostalgia e em verdade.

Quando em 1984 editávamos o nosso primeiro poemário, começava a sério o nosso compromisso com a palavra. Aquela experiência, entre outras cousas, facilitou o nosso relacionamento com alguns circuitos literários do país, a possibilidade de compartir mesa e mantel em muitos recitais e nalgumhas publicaçons com os melhores poetas da Galiza. A necessidade de ler e conhecer a nossa tradiçom lírica e a busca de umha poética própria, tarefas às quais temos dedicado tantos esforços, fôrom afastando-nos daquele primeiro livro que reclamamos como próprio por muito que tenha de iniciativo, de primigénio ou de premonitório.

Muitas cousas pudem fazer nestes anos e grande é a dívida de gratitude que tenho com muitas pessoas. Permitide-me citar o nome daqueles que me tenhem impedido claudicar, daqueles sim que me tenhem emprestado um aquel de energia ou que simplesmente

soubérom robustecer a nossa natural coragem. Desde o chorado professor e amigo Carvalho Calero, a presença permanente de D. Jenaro Marinhas, a amizade generosa de António Gil, o ânimo sincero de Reimundo Patinho, a palavra acolhedora e exemplar de Novoneyra, a confiança de Xavier Seoane, o alento impagável de Pepe Cáccamo, o carinho de Avilés de Taramancos, o interesse de Xavier Rodo, a autoridade fraterna de Pancho Pilhado, a camaradagem de Monterroso Devesa ou as palavras para mim de alento de Joel Gômez e Miro Vilhar. A César Morám é muito o que tenho que agradecer-lhe, nom só que esteja hoje aqui e que tenha emprestado o seu talento e a sua solvência intelectual a este acto. A César —com que temos compartilhado vivências únicas— tenho que lhe agradecer que quando mais o necesitávamos, quase prefiro ignorar o episódio nos seus pormenores, soubo estar connosco e sair publicamente à palestra para amortecer umha ferida que ainda tira sangue. Certo que nom foi o único mas o mais valente e o mais amigo naquela hora difícil em que também recebim a solidariedade de muitas pessoas: desde Miguel Anxo Fernám-Velho até Cesáreo Sánchez, Carlos Campoy, Luis Garcia Soto, Alvaro Vidal, José Mato, Gil, Monterroso, Martinho Montero Santalha, Pancho Pilhado... tantos outros.

Nom podo esquecer-me hoje dos colegas de geraçom: das gentes fraternas de A Nova Mocidade e Xiada em Arteijo, daquela Ilha Quente de Nengures que habitavam Lino Brage, Júlio Béjar, José Mato, daquelas revistas que som memória e passado como *Ao loro, Os Habitantes do lago, Azgail, Nau senlheira* ou as mais recentes *Olláparo, Mealibra, Luzes de Galiza, Festival de Poesia do Condado* por onde transita também a nossa palavra.

O tempo, o juiz maldito, nom se atreve a esborralhar para sempre tanto que vivemos neste tempo: os prémios que ainda humildes nos outorgou o acaso, aquela viagem em comboio a Catalunha com a saudade de Pili Palharês, a lucidez definitiva de Lluis Aracil, os venres literários em Caiom com Miguel Sande, a guitarra de Franki no Madrid boémio que imaginamos, umha homenagem a Ferrim, a imensidade de Beiras, a Compostela de Pastor, Costa, Corcom, do Modus e de Sargadelos, do Círculo Mercantil e a Xanela da Lua de El Correo, o corpo de Eusébio Lorenço estremecido e a alma de Saramago, aqueles artigos entusiastas de Cataventos, Amarante, a experiência fundamental de Fogo cruzado-voto por vós, Alvaro, Eduardo, Júlio, Pepe, Chiqui, José, César...

O escritor Henrique Rabunhal (centro), acompanhado de Fernám-Velho (esquerda) e César Morám (direita).

Viernes
2 de abril de 1993

Henrique Rabuñal: «Escribir es una cuestión de osadía y de coraje»

LA CORUÑA
Redacción

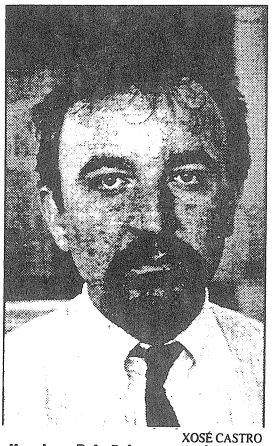
A las ocho de la tarde de hoy se celebrará en la librería Couceiro la presentación del libro de Henrique Rabuñal *Poemas da luz e da locura*. Nacido en Pastoriza hace 30 años, Rabuñal, que se manifiesta en gallego, es profesor de literatura gallega en el instituto de Arteixo.

—¿Es este su primer libro de poesía?

—No, el segundo. En 1984 publiqué el primero, aunque este libro es de una mayor madurez de elaboración, más lenta y más sosegada. Considero que es una obra más consciente.

—¿Son poemas inéditos?

—La mayor parte de ellos ya vieron la luz en diversas publicaciones. Los recogidos en este volumen son una selección que hice de todos los trabajos publicados entre los años 1985 y 1992.



XOSÉ CASTRO
Henrique Rabuñal presenta hoy su segundo libro de poemas

—¿Qué temática abordan?

—La dividiría en tres apartados: Una temática intimista, que recoge cosas como el amor; el paso del tiempo y la recuperación de la memoria. El segundo incluiría las reflexiones metapoéticas, los poemas que intentan explicar la poesía. Finalmente estaría el canto patriótico y la galleguidad.

—¿Cuándo escribe?

—Escribir es una actividad ininterrumpida que no tiene ni horario ni ritmo fijo.

—¿Es muy difícil escribir poemas?

—El género literario es sólo el envoltorio externo, lo que realmente importan son los temas que se tratan. Escribir es una cuestión de coraje y de osadía porque ya todo está escrito y bien escrito.

—¿Se considera ya veterano?

—No, soy un escritor novel y como tal tengo problemas para editar mis obras. Por eso estoy muy agradecido a la colección de poesía *Espiral Maior* la publicación de este libro.

El Correo Gallego. Viernes, 2 de abril de 1993

Presentación da obra de Rabunhal 'Poemas da luz e da loucura',

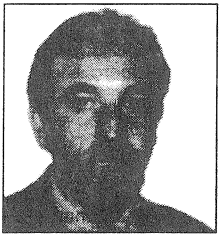
SANTIAGO. Redacción

A última obra do poeta Henrique Rabunhal *Poemas da luz e da loucura*, será presentada ás oito do serán de hoxe nun acto literario que terá lugar na Librería Couceiro, na rúa Xeneral Pardiñas de Santiago.

Farán a presentación da devandita obra, ademais do propio autor, Miguel Anxo Fernán-Vello, escritor, presidente da Asociación de Escritores en Lingua Galega e director da editorial coruñesa *Espiral Maior*, que deu ó prelo a obra dentro da súa colección de poesía, e o profesor César Carlos Morán Fraga.

Poemas da luz e da loucura constitúe xa o segundo libro do poeta Henrique Rabunhal. A súa primeira entrega poética viu a luz no ano 1984, e levaba por título *Paxom e morte dum condenado*.

Henrique Rabuñal



"Poemas da luz e da loucura" es el título del libro de poemas de Henrique Rabuñal que será presentado el próximo viernes en La Coruña, en un acto en el que, entre otros, participarán Miguel Anxo Fernán-Vello, editor y director de Espiral Maior, y César Moran Fraga, profesor y crítico literario. Henrique Rabuñal, natural de Arteixo, es escritor y profesor de literatura, y ha recibido ya dieciséis premios literarios.

EL IDEAL GALLEGO
MARTES, 30 MARZO 1993

Em pouco tempo tantas cousas formosas. Um decénio em que compaginei o meu labor profissional com umha actividade editorial que apesar das dificuldades foi intensa na produçom em prosa e teatro e na investigaçom lingüístico-literária. Afirmo o meu desinteresse por especializar-me em nada e aspiro a escrever o que queira e do que queira dentro de umha vocaçom poligráfica à qual creio que tendem todos os escritores.

Os últimos momentos da minha intervençom estám destinados a falar deste livro. Muitas dificuldades para editá-lo, todas as do mundo, nom só as próprias de um escritor novel e inexperente mas as derivadas da nossa prática reintegracionista. Muitos livros que me tenhem sido roubados. Nom tenho palavras para expressar o meu agradecimento a Miguel Anjo e a Carlos Diaz e o honor que supom publicar em imelhoráveis condiçons de dignidade numha colecçom que contém a alguns dos melhores poetas do nosso século como Manuel Maria, Avilés, Bernardino, Reimundo Patinho, Joana Torres ou Queizám e a vários autores que som hoje insígnia da nossa nave poética como Pepe Cáccamo, Miguel Anjo ou Miro Vilhar. A Eduardo Casal devo agradecer-lhe o esplêndido debuxo da coberta.

Sei que falei demais e que os meus amigos sabem perdoá-lo. Já remato. Som um ser exigente que duvida. Nisto da arte nom existem certidumes nem se devem procurar justiças. Ainda assim creio entregar hoje um livro à poesia galega digno de mim e dos leitores, sinceramente sentido e escrito como nos recomenda Novoneyra na linguagem da verdade, um livro que em tanto que vindo a lume supom umha libertaçom intensa e umha ilusom que acompanhará novos livros que estám no forno sagrado e no coraçom mais íntimo, umha ilusom que nasce da coragem e no gesto dos editores e responsáveis de *Espiral Maior* com quem já tenho contraída umha dívida impagável de gratitude. A estas horas a cidade estára bulhenta ou pode que letárgica. Algumhas crianças chorarám com orgulho enquanto algum coraçom gastado deixará de palpitar. Eu podo dizer-vos que a poesia é deste mundo que geme ou resmunga na cidade abraçada de mar.

* * *

Reproduzimos notas de imprensa de *El Ideal Gallego* (30-3-93, *La Voz de Galicia* (2-4-93) e *El Correo Gallego* (2-4-93) referidas ao acto.

□ □ □

IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA LÍNGUA GALEGO-PORTUGUESA NA GALIZA

HOMENAGEM A FERDINAND DE SAUSSURE

A *ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA* vai realizar o *IV Congresso,* na seqüência das conclusons aprovadas no *I Congresso* (Setembro, 1984 - *Actas,* 1986), a norma estabelecida no *II Congresso* (Setembro, 1987 - *Actas,* 1989) e *III Congresso* (Setembro-Outubro, 1990 - *Actas,* 1993), com o ánimo convencido de que encontros desta natureza som foros de debate e intercámbio de ideias sobre a problemática actual e o futuro da nossa língua e de outras línguas da Europa em situaçom de minorizaçom.

Serám objectivos deste *Congresso:*

a) Impulsar todos os trabalhos encaminhados a analisar, clarificar e questionar a situaçom lingüística na Galiza.

b) Apresentar projectos globais ou pontuais que dem resposta efectiva à planificaçom lingüística.

c) Consciencializar e interessar de todos os cidadaos deste País que colaborem activamente na dignificaçom e na normalizaçom dos usos do idioma galego-português neste

segmento da Comunidade Lingüística galego-portuguesa que conhecemos polo nome de GALIZA.

d) Analisar todos os factores extra-lingüísticos que impedem que o galego seja umha língua normalizada e desenvolvida em todos os ambientes.

e) Estabelecer formas de intercámbio e cooperaçom no ámbito da investigaçom científica, cultural e pedagógica com a comunidade científica internacional —com preferência os países de expressom galego-portuguesa— e também com aquelas comunidades onde existir conflito lingüístico, como Euskal Herria e Catalunha (Países Cataláns).

f) Render homenagem a Ferdinand de Saussure.

O *IV Congresso* estrutura-se em três grandes blocos:

I. *Ciências da linguagem,* em que serám abordados temas de Lingüística, Sociolingüística, Psicolingüística, Iuslingüística, Didáctica da Língua, Glotopolítica e Filologia. Também se abordarám neste apartado temas tocantes à teoría e prática da elaboraçom do léxico e terminologia, da elaboraçom gramatical, filológica, dialectológica, grafemática, fonologia, etc.

II. *Língua e texto literário,* dedicado à abordagem de temas referidos à teoria e prática da língua literária numha perspectiva histórica e actual, aos problemas gerais ou pontuais que levanta a elaboraçom da língua literária do galego-português e a análise comparativa com situaçons semelhantes noutras áreas lingüísticas próximas da nossa.

III. *Estudos dedicados a Ferdinand de Saussure,* como homenagem dedicada à análise e estudo da sua obra e contributos na lingüística do século XX.

Os trabalhos do *Congresso* centrarám-se em *comunicaçons* livres, que terám umha extensom máxima de 10 fólios dactilografados a dous espaços e 28 linhas por página, para a exposiçom disporám de um tempo de 15 minutos; *comunicaçons* solicitadas; *conferências* para cuja exposiçom se dispom de um tempo de 45 minutos; *mesas-redondas* e *colóquios,* ao final de cada sessom.

Serám línguas do *Congresso,* além do galego-português em qualquer das suas normas cultas (e de preferência), o catalám, italiano, francês e o espanhol.

Dentro de AGAL criou-se umha Comissom Organizadora do *IV Congresso,* constituída por:

Isaac Alonso Estravis
Helena Alvaredo Serrano
José Manuel Barbosa Álvarez
Nemésio Barxa Álvarez
Maurício Castro Lôpez
Pedro Fernández-Velho
Júlio Garcia Santiago
Manuel Gonçález Pinheiro
Gonçalo Grandal Crespo
Carmo Gutiérrez Soláns
Xavier Paz Garça
Felisindo Rodríguez Vilarinho
Henrique M. Rabunhal Corgo
José António Souto Cabo

Presidenta da Comissom
Maria do Carmo Henríquez Salido

O *Comité Científico* está integrado polos Professores e polas Professoras:

Eugénio Coseriu (Univ. Tübingem, Alemanha)
Sílvio Elia (Univ. Federal Fluminense, Rio de Janeiro)
Maria do Carmo Henríquez Salido (Univ. de Vigo)
Ria Lemaire (Univ. de Poitiers)
José Luís Rodriguez (Univ. de Santiago)

I. *LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA.*

ISAAC ALONSO ESTRAVIS (Univ. de Vigo): *Modalidades do galego nos concelhos de Tramiras e Qualedro (Ourense).*

JOSEP MARIA ARTIGAL (Investigador. Fundació Jaume Bofill. Barcelona): *Requisits psicolingüístics d'un programa d'inmersió lingüística: l'exemple català.*

ALEXANDRE BANHOS CAMPO (Membro da AGAL, Vigo): *Presença do galego nas organizaçons sindicais da Galiza.*

JOSE MANUEL BARBOSA ÁLVAREZ (Membro da AGAL, Ourense): *Unidade e variedade da língua galego-portuguesa.*
MARIA EMILIA BARCELLOS DA SILVA (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *A estruturação de vocabulários de línguas especiais.*
NEMÉSIO BARXA ÁLVAREZ (Membro da AGAL, Advogado): *Contributos para a análise da situaçom legal do galego em sentenças do Tribunal de Justiça da Galiza e Sala do Contencioso Administrativo.*
GABRIEL BIBILONI (Univ. das Ilhas Baleares): Assunto a precisar.
LUISA BLANCO RODRÍGUEZ (Univ. de Vigo): *A parasíntese.*
REGINA CELIA CABRAL ANGELIM (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *A participação do adjetivo no processo da progressão textual.*
MAURÍCIO CASTRO LÔPEZ e XAVIER PAZ GARÇA (Membros da AGAL): *Dinámica popular de normalizaçom lingüística.*
ANDREA CHITI-BATELLI (Roma): Assunto a precisar.
MANUEL DEANHO DEANHO (Univ. de Vigo): *Joám Vicente Viqueira e a Psicologia infantil na Galiza.*
JOSÉ DELGADO MONTOTO (Ourense): *Problemática da educaçom infantil na Galiza.*
PEDRO FERNÁNDEZ-VELHO (Membro da AGAL. Ourense): *O conceito de Galiza nas novelas das colecçons «Lar» e «Céltiga».*
ANTONI FERRANDO (Univ. de Valéncia): *Pardo Bazán i Llorente: una mateixa perspectiva.*
JOSÉ ENRIQUE GARGALLO GIL (Univ. de Barcelona): *Sobre las hablas gallego-portuguesas fronterizas.*
JAVIER GÓMEZ GUINOVART (Univ. de Vigo): *Aspectes de enginyeria lingüística.*
MANUEL GONÇÁLEZ PINHEIRO (Univ. de Vigo): *Problemas de sociolingüística galega e o seu tratamento didáctico.*
BRIAN F. HEAD (Albany Univ. - NY. U.S.A.): *Geografia lingüística e relações históricas no domínio do galego-português.*
GUY HERAUD (Univ. Pau, França): *Une organisation politique de l'Europe capable de sauvegarder ses richesses linguistiques.*
HELMUT LÜDTKE (Univ. Kiel, Alemanha): *Do latim ao galaigo-português: problemas, etapas e camadas.*
HIGINO MARTÍNEZ ESTÊVEZ (Membro da AGAL, Buenos Aires): *Mais vozes a resgate dos galegos.*
ANTONI MOLLÀ (Sociolingüista, Valéncia): Assunto a precisar.
JOSÉ MARTINHO MONTERO SANTALHA (Membro da AGAL. Ferrol): *História da grafias **lh, nh** e **-m** na Galiza.*
JOSÉ MARIA MONTERROSO-DEVESA (Membro da AGAL, Corunha): *Nomes de família galego-portugueses no mundo.*
MARIA LLUISA PAZOS (Presidenta Associació Llengua Nacional): *Una llengua sense ordre ni concert.*
YVO JD PEETERS (Instituto de Direitos Lingüísticos, Bruxelas): *Cooperaçom transfroiteiriça e Política lingüística.*
ANÍBAL PINTO DE CASTRO (Univ. Coimbra): *A língua portuguesa literária no século XVI.*
JOSÉ POSADA GONÇÁLEZ (Deputado no Parlamento Europeu): *O português, língua oficial do Parlamento Europeu. Análise de experiências.*
BERNARD POTTIER (Univ. de Paris, Sorbonne): *La terminología lingüística.*
CARLOS QUIROGA DIAZ (Univ. de Santiago): *Aspectos do léxico no obra de Fernando Pessoa.*
STEPHEN RECKERT (Univ. de Londres e Gabinete de Estudos Simbologia, Lisboa): *O português reentra nos eixos.*
MANUELA RIVERA CASCUDO (Inst. Otero Pedraio, Ourense): *A sufixaçom em Eduardo Pondal.*
JOSÉ LUÍS RODRÍGUEZ (Univ. de Santiago): *Fórmulas conjuntivas em textos galegos medievais.*
SERGIO SALVI (Firenze): Assunto a precisar.
JOSÉ ANTÓNIO SOUTO CABO (Univ. de Santiago): *Os dias da semana: de onte a hoje.*

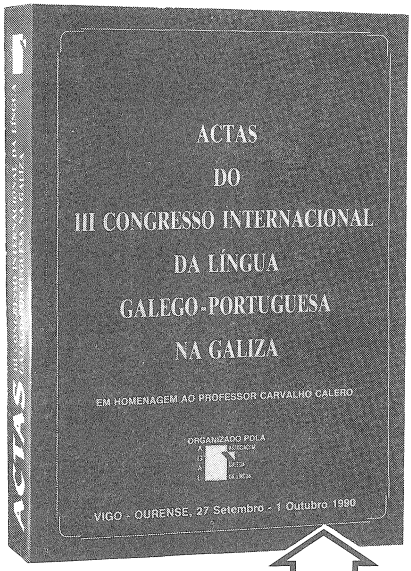
LUCIANA STEGAGNO PICCHIO (Univ. «La Sapienza», Roma): *A filosofia da saudade. Saudades de Ramón Piñeiro.*
PAUL TEYSSIER (Univ. Paris, Sorbonne): *A constituição do português clássico.*
JAUME VERNET I LLOVET (Univ. de Barcelona): Assunto a precisar.
XAVIER VILHAR TRILHO (Univ. de Santiago): Assunto a precisar.
DIETER WOLL (Univ. Marburg, Alemanha): *O papel do galego na etimologia românica contemporânea.*

II. *LÍNGUA E TEXTO LITERÁRIO.*

LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *O tema dos olhos verdes num trovador medieval.*
GLADSTONE CHAVES DE MELO (Univ. Federal Fluminense do Rio de Janeiro): *A língua poética de Ernesto Guerra da Cal.*
HENRIQUE DA COSTA LÔPEZ (Membro da AGAL, Ferrol): *Contributos para a análise da poesia de Ernesto Guerra da Cal.*
MARILUCI DA CUNHA GUBERMAN (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *A resistência indígena na voz de Guaman Poma.*
JOSÉ ANTÓNIO FERNANDES CAMELO (Univ. Antónoma de Lisboa): *Fialho de Almeida (1857-1911) em Vigo.*
JOEL GÓMEZ (Membro da AGAL, Santiago de Compostela): *Teatro português representado na Galiza».*
ERNESTO GUERRA DA CAL (The City Univ. of New York): *Estudo do conto de Valle Inclán «Mi hermana Antonia».*
ARACÉLI HERRERO FIGUEROA (Univ. de Santiago): *Literatura comparada: traduçons e adaptaçons.*
RIA LEMAIRE (Univ. de Poitiers): *A transformação da mulher-personagem nas cantigas paralelísticas galego-portuguesas.*
AURORA MARCO (Univ. de Santiago): *Exploraçom didáctica sobre um texto de Rafael Dieste.*
JENARO MARINHAS DEL VALLE (Membro de Honra da AGAL, Corunha): Assunto a precisar.
CARLOS MORÁM FRAGA (Membro da AGAL, Corunha): *Criaçom e produçom literária na Galiza.*
LÊNIA MÁRCIA MONGELLI (Univ. de São Paulo, Brasil): *Pero da Ponte: a autonomia do lirismo galego-português.*
DALMA B. P. NASCIMENTO (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *A Lírica Trovadoresca e as manifestações Neotrovadorescas.*
HENRIQUE RABUNHAL CORGO (Membro da AGAL, Corunha): *O teatro de Eduardo Blanco Amor.*
RAMOM REIMUNDE NORENHA (Membro da AGAL, Alfoz, Lugo): *Os anos em Lugo do Professor Carvalho Calero.*
EDNA MARIA DOS SANTOS (Univ. do Rio de Janeiro): *O grito «herético» da Galiza.*
CARMEN LUCIA TINDÓ SECCO (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *Nélida Piñón: a viagem pela língua e a alquimia rebelde do verbo criador.*
YARA F. VIEIRA (Univ. Estadual de Campinas, Brasil): *Cantigas de amigo: sua infiltração no lirismo medieval galego-português.*

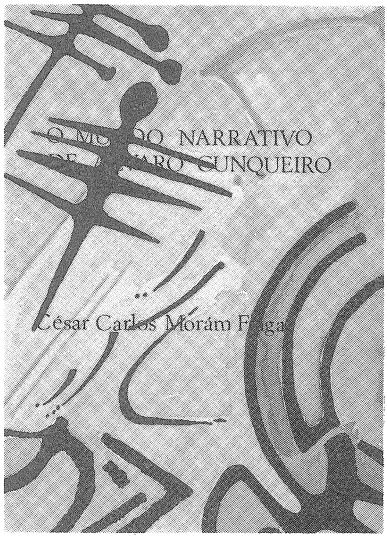
III. *ESTUDOS DEDICADOS A FERDINAND DE SAUSSURE.*

VÍTOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA (Univ. do Minho): *A lingüística saussuriana e a constituição da Teoria da Literatura.*
INMACULADA BÁEZ (Univ. de Vigo): *A divisão do signo lingüístico e os pré-requisitos para a adquisição da linguagem.*
EVANILDO BECHARA (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *Primeiros ecos do «Cours de linguistique» nas gramáticas do português escritas por brasileiros.*
EUGÊNIO COSERIU (Univ. Tübingen, Alemanha): *O meu Saussure.*
SÍLVIO ELIA (Univ. Fluminense do Rio de Janeiro): *O saussurianismo estará ultrapassado?».*
RUDOLF ENGLER (Univ. Berna, Suíça): *Les termes de «nature» et «natural» dans le CLG de Ferdinand de Saussure.*


ACTAS
DO
III CONGRESSO INTERNACIONAL
DA LÍNGUA
GALEGO-PORTUGUESA
NA GALIZA
EM HOMENAGEM AO PROFESSOR CARVALHO CALERO
ORGANIZADO POLA
VIGO - OURENSE, 27 Setembro - 1 Outubro 1990

NOVIDADES

Ernesto Guerra da Cal
LUA
DE ALÉM-MAR
RIO DE SONHO
E TEMPO


O MODO NARRATIVO
CUNQUEIRO
César Carlos Morám Fraga

JOSÉ M.ª GARCÍA-MIGUEL (Univ. de Vigo): *O princípio de arbitrariedade e a lingüística actual.*

G. L. GUITARTE (Boston, College, U.S.A.): *Los papeles de Ferdinand de Saussure conservados en la Houghton Librery.* (Harvard University).

MARIA DO CARMO HENRÍQUEZ SALIDO (Univ. de Vigo): *A força de «intercourse» e o «espírito de capelinha» e a língua da Galiza.*

MARIA JOÃO MARÇALO (Univ. de Évora): *Sincronia saussuriana versus sincronia dinâmica.*

DULCE REBELO (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa): *A influência de F. Saussure na Lingüística portuguesa.*

SEBASTIÀ SERRANO (Univ. de Barcelona): *Ferdinand de Saussure avui.*

MIORITA ULRICH (Univ. de Bamberg, Alemanha): *El sistema fonético universal de Ferdinand de Saussure.*

ACTIVIDADES PARA-CONGRESSUAIS

Celebrarám-se duas mesas-redondas:

«A Carta Universal dos Direitos Lingüísticos». Presidente: Prof. Doutor Paulo Gonçalez Marinhas. (Univ. Santiago).

«Traços caracterizadores de umha língua desde a perspectiva da Planificaçom lingüística». Presidente: Prof. Doutor Antoni Ferrando (Univ. Valéncia).

FOLHA DE INSCRIÇOM

D. .....

Morada em .....

Localidade ..... C.P. .....

Tel. ..... Profissom .....

MODALIDADES DE PAGAMENTO

1. Ingresso na conta corrente 1888 - 7 da Sucursal da CAIXA GALICIA (450), Oficina Principal de Ourense (remeter fotocópia do ingresso junto com a folha de inscriçom).

2. Inscriçom nas Livrarias COUCEIRO de Compostela ou Corunha.

3. GIRO POSTAL ao Apartado dos Correios 453 de Ourense (C.P. 32080) (especificar nome, apelidos e endereço).

QUOTAS:

Trabalhadores Membros da AGAL	7.500
Trabalhadores Nom-Membros da AGAL	10.000
Desempregados Membros da AGAL	4.000
Desempregados Nom-Membros da AGAL	5.000

Hoje, alterando o nosso repertório de testemunhas escritas pre-reintegracionistas, oferecemos umha mostra da certamente abondosa literatura galeguista em Portugal: umhas páginas de *Em demanda do Graal,* de Afonso Lopes Vieira, Lisboa, 1922.

A GALIZA

VEN, E XUNTOS...

(O poeta português Alfonso Lopes Vieira, respondendo á sua inspirada poesia «A Galiza»).

Oh! Portugal, o da groreosa hestórea,
Do que fuches un dia fai mamórea
E deixa a quén te esprota e te emprobece;

Ouro tés, ferro e prata no teu seo,
Produtivo é teu chan, limpo teu ceo,
Ven a quén agarimo e paz che ofrece!

Ven e xuntos de novo
Rexurdirá na hestórea aquel gran pobo
Que cando nos lindeiros xa non coupo,

Con esforzo potente
Esborrallou fronteiras e valente
Facer de un mundo seus lindeiros soupo.

AMADOR MONTENEGRO SAAVEDRA

Raposeira (Vigo).

Setembro de 1917.

PORTUGAL tinha uma noiva, noiva formosa, prima direita e que doce e gentil era a Bela-Infanta!

Amavam-se desde crianças: brincaram em tamaninos e falavam a mesma linguagem, que tinha uma palavra só de ambos sabida — *Saùdade.*

Dêste remoto idílio do moreno donzel e da loira infantina, perduram as mais belas remembranças: os Cancioneiros que celebram a Paixão de Tristan e a Graça da Virgem, a nossa Poesia da saùdade e do amor.

Mas os parentes cruéis, os tios duros tutores, que nada entendem das almas e são flagelo da terra porque nela mandam com fôrça, separaram os noivos ditosos e não os deixaram casar!

Desde então o saùdoso donzel prega os olhos scismáticos além, onde demora a infantina: e a damizela, *soidosa* como êle, deita-lhe os olhos longos, e sofre...

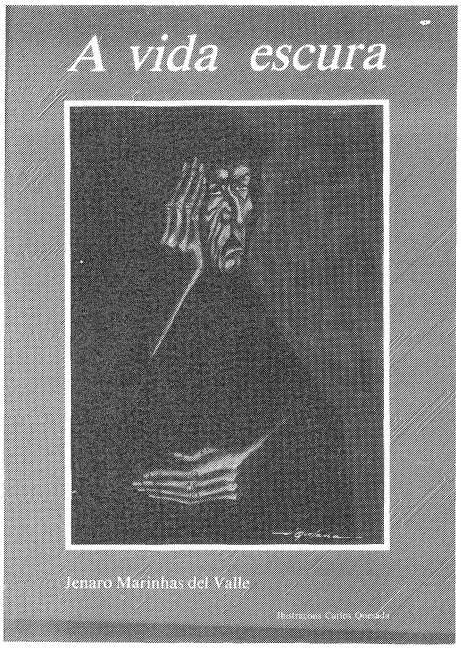
Os cruéis parentes mandaram que os apartasse um rio para sempre: mas o rio, que os ama aos dois, beija-os sorrindo e corre a chamá-los...

— Galiza madre e irmã nossa: a tua alma está em a nossa alma, e quem pode impedir que t'o digamos, como tu no-lo dizes também?

Porque a separação a que nos condenaram, aos dois causou tanto mal que dêle dalguma sorte morremos:

A ti roubou-te o apoio daquêle braço forte pela História, e ao qual te encostarias ditosa para viver e cantar.

E a nós, a nós que tivemos todos os caminhos do mundo, roubou-nos simplesmente o claro caminho da Europa!


A vida escura
Jenaro Marinhas del Valle

guia prático
de
verbos galegos
conjugados
agal
COMISSOM LINGÜÍSTICA

«ANGÚSTIA ECOLÓGICA E O FUTURO»

Joel R. GÓMEZ

«A angústia ecológica traduziria a preocupação do homem em relação à preservação da espécie ameaçada pela acção destruidora do próprio homem. Actuaria como sinal revelador do temor provocado pela expectativa da inviabilização das manifestações da imortalidade simbólica. A imortalidade simbólica veicula o desejo do homem em perpetuar-se, o maior tempo possível, através dos grupos sociais a que sente pertencer». É esta umha das ideias fulcrais deste volume (1), no qual o catedrático de Psiquiatria da Universidade do Porto mergulha numha questom em verdade bem actual.

O livro tem umha dupla dimensom, que facilita a sua abordagem por qualquer leitor: além do seu carácter científico e da seriedade das propostas e análises de Figueiredo desde a perspectiva mais vanguardista da Psiquiatria Social, contém aspectos divulgativos tanto de ecologia como de psicologia evolutiva e mesmo de psicopatologia, no seu intento de achegar noçons elementares a respeito da angústia, a ansiedade e outros, ao leitor nom iniciado nestas questons.

A sua estruturaçom em pequenos ensaios, com referências literárias (como o *Hamlet* de Shakespeare ou *O Mandarim* de Eça de Queiroz, obras das quais oferece umha interpretaçom desde a Psiquiatria; além de citaçons de Miguel Torga e Fernando Pessoa) fam das suas páginas um volume de amena leitura, em que nom decai o interesse em nemgum instante.

O optimismo transparece por toda a parte nestes trabalhos. Figueiredo reconhece que os desafios ecológicos do Planeta som de enorme dimensom, como a explosom demográfica, que requererá umha importáncia das políticas de família a curto prazo e umha solidariedade dos países mais ricos para garantir a subsistência dos 12.000 milhons de habitantes, cifra que se aguarda seja a do equilíbrio populacional em meados do próximo século; mas também outros grandes problemas do ambiente que preocupam a humanidade nas ultimas décadas: «a deterioração da camada de ozono, o efeito de estufa, a poluição atmosférica e as chuvas ácidas, a poluição dos solos e dos oceanos, a desflorestação da floresta tropical e a extinção das espécies» (p. 27).

No entanto, apesar desta realidade, o autor defende que (p. 61) «No seu sentido mais profundo, todos nós tememos hoje pela sorte das gerações futuras». Por isso (p. 70), «sendo, actualmente, a área da ecologia a mais crítica da nossa civilição, será, compreensivelmente, uma área onde irá exprimir-se a conflitualidade intergeracional. Os jovens são extremamente sensíveis ao direito a acederem a um mundo em que valha a pena viver. Revoltar-se-ão contra uma geração julgada como egoísta, que lhes destrói um mundo em que daria gosto viver, se não fosse o desleixo criminoso dos adultos».

---

(1) FIGUEIREDO, Eurico: *Angústia ecológica e o futuro.* Ed. Gradiva, Lisboa, 1993. O trecho citado no início figura nas pp. 47-48.

A este respeito joga umha hipótese, que assegura pretende confirmar num estudo no ano 1996, segundo a qual (p. 72) «admitimos que, conquista a democracia, assumidas as liberdades, tendo que ver com o amor, casal e família, os jovens portugueses da geração de 90 venham a escolher os problemas do meio-ambiente como prioritários«. Porque (pp. 90-91) «a assunção radical do combate ecológico é o objectivo fundamental que se põe às novas gerações, as que serão adultas no próximo século. A desidealização das actuais gerações no poder encontra-se facilitada pelo espectáculo de egoísmo generalizado, que permite uma progressiva e, eventualmente, irreversível destruição do meio natural do homem».

Para este psiquiatra (p 98) «os tempos dos apriorismos ideológicos pertencem fundamentalmente ao passado. A angústia mais dramática, mais profunda, será a provocada pola ameaça de perder o próprio ser, a memória do passado, sobretudo as boas memórias, a saudade, o fim de todos os projectos, a saudade do futuro. A expectativa da morte consubstancia-as todas». Eis como prova o impacto (pp. 22-23) provocado em Outubro de 1992 ao se fazer público como no ano 2116 o cometa Smith-Tuttle poda colidir com a Terra, com sério risco de desaparecimento da humanidade, e as reacçons que provocou.

Nom faltam neste estudo referências a foros políticos internacionais que se ocupárom deste assunto e advoga-se por actuaçons preventivas, algumhas simples, para evitar desastres. A mudança será favorecida, aliás, por novas tecnologias, que permitirám detectar a tempo os perigos para a espécie; e que (p. 105) «o homem tenha motivações para fazer sacrifícios pelas gerações futuras». Porque, afinal (p. 14) «Optar é perder para ganhar, o que se impõe a todos os momentos como uma inevitabilidade». Para além disso, Figueiredo confia que (p. 106) «o ser humano possui, integrada no seu equipamento genético, capacidade de ter prazer porque os outros membros da espécie lhe comunicam que o têm». De facto (pp. 106-107) «as gerações actuais necessitam de informações suficientemente convincentes para efectuarem os sacrifícios necessários». Por isso (p. 108) «muitos dos comportamentos da humanidade serão abandonados e outros surgirão, bem mais eficientes, para permitirem encontrar soluções para os desafios que nos põe o relacionamento com o meio-ambiente». Isso repercutirá nos programas escolares, no mundo empresarial, na legislaçom, na política internacional, num novo conceito de humanidade e desenvolverá «novas solidariedades» com o mesmo fim.

O cientifista portuense conclui (p. 110): «Daí que a militância ecológica deva fazer-se todos os dias e a todos os níveis, seja do cidadão, seja do governante. A cultura ecológica irá invadir a nossa vida quotidiana».

Eurico Figueiredo apresentou este volume na Faculdade de Medicina de Compostela, no mês de Maio. A sua intervençom serviu para o encerramento do segundo congresso da Associaçom Galega de Sáude Mental.

Ressaltar, afinal, o enorme interesse da colecçom «Trajectos» da editora Gradiva, onde se inclui o volume. Nos títulos publicados há reflexons sobre filosofia e outras ciências, e outros de carácter político como «As democracias contemporáneas», «Nações e nacionalismo» ou «Reflexões sobre a revolução na Europa».

Quando estamos no noveno ano de existênça da *Agália* é mágoa, há que o dizer mais umha vez, que persistam as dificuldades para que estes e outros volumes de actualidade e interesse (mesmo as publicaçons periódicas) de Portugal nom cheguem com normalidade a Galiza e favoreça a necessária intercomunicaçom, sem a qual será difícil normalizarmos a nossa cultura assim como umha efectiva relaçom entre ambos os povos.

A SEMÁNTICA PLURAL NO POEMÁRIO

César-Carlos MORÁM FRAGA

Depois de ter resenhado o primeiro poemário de Henrique Rabunhal *(Paixom e morte dum condenado),* haverá uns oito anos, com muito prazer apresento agora estes *Poemas da luz e da loucura* (1), última entrega do autor.

Já desde o título, **luz** e **loucura** nom som conceitos antitéticos no poemário: som complementários. A luz é a vida, o caminho, a senda... A loucura é o sonho, é o ideal, e nessa medida é o «alter ego», o «outro eu»:

> É dezembro mesmo na minha loucura, neste outro eu
> (p. 70)

À dedicatória segue umha significativa citaçom do heterónimo pessoano Álvaro de Campos, do célebre poema *«Tabacaria»,* elemento de temática «nihilista» que se reflecte parcialmente ao longo da obra:

> ...aprendo a nom querer ser nada
> *(«Na orla morena da praia»,* p. 18)

O livro estrutura-se em quatro partes ou blocos, em desigual quantia e diferente objecto ou perspectiva, ainda que com temática essencialmente uniforme:

1. QUOD AD ME ATTINET (10 poemas)
2. MOVIMENTO DE HARPAS (10 poemas)
3. EUFORIAS (20 poemas)
4. TELHADOS NA TARDE DOLORIDA (7 poemas)

Especialmente no primeiro apartado a voz poética é reflexiva. O **eu** converte-se em objecto poético. Reflexom sobre o «eu», mas também sobre o acto da escrita:

> Como os operários às fábricas,
> As maos aos teclados e
> As estrelas à noite,
> Assi eu retrocedo a este intervalo e alvura
> Onde algumhas tardes compareço
> E me entrego às leis do rectángulo
> E à incerteza do sentir.
> Eu, o destinatário das cartas lacradas,
> No território do meu corpo avulso,
> Do meu alento orvalhado de loucura
> (p. 13)

Essa constituiçom do próprio **eu** em matéria poética intensifica-se em versos como

> Venho a mim, destinatário das cartas lacradas

ou

> Sairei nutrido de mim, para sonhar e divagar
> No espesso aglomerado de sombras
> Em que paira, irresoluta, a lua que me acaricia

ou

> Todas as cousas que ao meu som existem
> *(«Na orla morena da praia»,* p. 18)

ou no título *«Auto-Retrato»* (p. 22).

Se Rosalia apresentava a dúvida sobre o valor operativo da **palavra** *(«Silencio»),* a funçom da expressom poética amostra-se aqui claramente positiva para o «eu»:

> Falar de mim,
> Desnudar-me em brancos papéis de memória,
> Explicar-me em verso sentido,
> Em palavra justa e antiga
> *(«Ultimatum»,* p. 15)

A procura do **tempo recuado**, do mundo antigo e primitivo, é um dos temas recorrentes já neste primeiro «canto a mim próprio».

Fornecendo-me de breves viages à aldeia dos sonhos
(«Latido», p. 14)

Explicar-me em verso sentido,
Em palavra justa e antiga»
(«Ultimatum», p. 15)

Mas continua e intensifica-se no segundo apartado («MOVIMENTO DE HARPAS»), onde a voz poética se abre dialogante ao mundo plural.

Assim no poema *«A um amigo certo»,* dedicado a Júlio Béjar:

«Quero hoje, Júlio, neste Abril polo que luitas
Coroar-te dum abraço lento e antigo
(p. 36)

ou também quando a semelhança com o poeta amigo se manifesta, com reminiscências de Kavafis, em *«A ilha dos amores»,* onde emprega o verso longo e o fazer épico-lírico para cantar o regresso enriquecido, e onde a **loucura** se identifica com o **sonho** e a procura do ideal:

Que todo regresse a ser esta loucura da tarde,
Remoínho de incenso a esvarar polos corpos,
Ilha de consumados amores, de vitoriosos e erectos
Múculos, de clítores alimentados de gozos e saudades.
Que todo venha da mao da ousadia e do prazer,
E que todo vibre ao som das músicas mais antigas
E ao calor da incerteza que sucede e acompanha
As cicatrizes dumha memória rebelde e quebradiça
(p. 32)

O poeta viaja no tempo, mas nom ignora o tempo em que vivemos:

Entre um maio que emerge e outro que sucumbe
(«Latido», p. 14)

Vivo no ocidente das cousas,
Nesta periferia gris onde enlaço
As maos e informo, desde poente,
Dos ângulos extraviados do mundo
(«Coimbra», p. 69)

Na Praça da Quintana e nas penas de Pastoriça,
Nos olhomois e nas crianças, nos heterónimos de Pessoa,
Na viage de Eneas e nos resultados das eleiçons,
Nos presos políticos e nas naçons sem Estado,
(«Aquém do Além (crónica do ordinário)», p. 70)

ou na

«música urbana de meu bairro»
(«Poema de bairro», p. 31)

Enunciar o tema da **derrota** (conseqüência lógica) é sem dúvida o primeiro passo:

Entre um maio que emerge e outro que sucumbe
Aos pés derrotado
(«Latido», p. 14)

Ambulas mui primaveralmente
evitando-me a derrota
(«Quod ad me attinet», p. 16)

Estrago a minha voz derrotada...
(p. 24)

Talvez todo foi amor esmagado, nai,
Talvez, amor esmagado
(p. 68)

Tema da **derrota** que pode aparecer misturado com a sombra do «complexo de Polícrates» que Carvalho Calero detectara na poética rosaliana:

Todo é já tam perfeito e puro,
Tam frágil e tam maiúsculo,
Que parece difuminar-se e ensinar-me já
A derrota o seu perfil mais detestável
(p. 35)

Porém, o **mundo próprio, o país ao fundo,** o país dos mil rios, é núcleo temático, matriz e pedra de alicerce:

Dizer que as cousas existem porque eu existo,
Porque existe meu mar, meu lume, meu vento e minha terra,
Os meus peiraos, as minhas cinças, as minhas bandeiras e as minhas flores
(«Ultimatum», p. 15)

O mundo existe porque existem Barranhám e Pastoriça, Fisterra e Silheiro, porque existe Compostela.

Neste sentido, revela-se fundamentalmente significativa a **consciência lingüística:**

Falar de mim
Desta língua que escrevo e amasso
Tal alfareiro perante a profunda saudade do barro
(«Ultimatum», p. 15)

Voltando à estrutura geral do livro, o leitor encontra um terceiro bloco intitulado «EUFORIAS», conjunto de vinte ideias, pensamentos, minúsculos poemas, microtextos ou poemas em embriom, onde a síntese e a nota reflexiva som matéria dominante.

- Por vezes som apenas enunciados quase sem verbo:

ALEGRIA inúmera.
Sangue.
Sentido de todo o que é.
(p. 42)

- Outros aproximam-se do provérbio antigo:

Quando creias ter-me perdido,
Mesmo se amor for entom ódio,
Mesmo aí, viajarei contigo,
Aderido à sombra e à lembrança.
(p. 46)

- Funcionam algumha vez como **auto-poéticas:**

Escrever é um jeito de traduzir-se
Quando um fala através dumha mao
Que navega sobre o papel
Alimentada por um nom sei que de vitória
(p. 53)

- E noutros casos som assertos ou sentenças:

É de palavras que se construírom os povos
(p. 55)

Tudo fica disposto para a máxima vibraçom do quarto apartado, onde a ideia da **pátria** atinge o grau supremo.

«TELHADOS DA TARDE DOLORIDA» é o título que enquadra os sete poemas.

- À voz poética doi-lhe o tema, doem-lhes as essências do poemário. Doi-lhe a **Pátria,** que se configura como núcleo significativo e objecto do canto.

Inicia-se esta parte última com umha advocaçom à pluralidade feminina e mitológica que se percebe em Dante, em Villon ou em Cunqueiro:

Delineade, donzelas, para mim cada tarde
Umha bandeira perfumada em alento

E invadi-la desse vosso amor redondo
Com que abastecer-me nesta ingrávida lonjura
(p. 63)

• Adoptando a expressom evangélica, a voz incide directamente na **Pátria** em modo imperativo:

E digo levanta-te e anda,
A beira do Atlántico sem fronteiras
Por entre essa frondosidade de vagas livres
Onde nom hai direita nem esquerda
Senom frescos océanos de inocência
(p. 4)

• E ***«Pátria»*** é precisamente o poema mais acabado do livro. Dedicado significativamente a Carvalho Calero, trata-se de um texto épico-lírico, de ressonância épica fundamente emocionada.

Com predomínio do verso hendecasílabo (irregularmente alterado) em estrofes de cinco versos, o poema possui a força do canto solene:

A miña Pátria naceu como as flores,
—de Ribadeu a Bares, de Sam Adriám
a Fisterra e de Silheiro à Guarda—
fresca aragem despontou nos lábios
da velha península dos coelhos
(p. 65)

E possui essa solenidade e essa força porque ao dizer

Pátria de Maeloc que ordenache
proclamar o rei nosso em Compostela,

o canto vém a ser um clamor de independência:

Prometo ser fiel à naçom primeira,
à robustez e ainda à saudade,
e também eu ordenarei solene,
seiva do cuco, do peto e a coruja,
proclamar o rei nosso em Compostela.
Proclamar o rei nosso em Compostela.
(p. 67)

Compostela, assim, como na melhor tradiçom poética que nos precede, adquire um **valor simbólico e nuclear** na **construçom de umha Pátria,**

Dumha Pátria que para além de sonhar no verso e na cítara,
Edificamos cada tarde, em Compostela, quando amamos Bach
E a harpa e o lume nos convidam a esse amado regresso.
(p. 36)

De resto, o poemário é **figurativo** e sem rupturas da sintaxe e da ordem lógica da linguagem.

• Imagens plásticas e figurativas podem ver-se, por exemplo, em *«Parabéns à lua»* (p. 19):

E fai das estrelas lenços
E leito da noite tam serena.

• O figurativismo devém verdadeiro quadro realístico nos **poemas amorosos** como *«Suave à memória»:*

Fum adulto nas alcovas do teu peito
—Almofada onde pousar os chapéus das perguntas.
E nas tuas entranhas tenho recuperado
Todo o alento que as flores exalam
(p. 20)

ou noutros claramente biográficos como *«Sonho a sáude do teu corpo»* (pp. 23-24).

• Pode o leitor gostar de imagens comparativas mediante elementos mais ou menos tópicos da Natureza:

Como o sol às rosas
Assi te amo
(p. 28)

Esperarei umha tarde que volvas
Como a flor aguarda a carícia da vida
(p. 29)

Outro recurso estilístico é o especial uso da **enumeraçom longa,** em palavras que lembram o *«Guernica»* de Celso Emílio (2):

Aderido a este perfume de edifícios, braços,
pernas, ruídos, palavras
(«Poema de bairro», p. 31)

• Por outro, o emprego de estruturas lingüísticas de enumeraçons acabadas que se sublimam ao serem fechadas por um quantificador absoluto:

...a lisura,
o estigma, a existência *toda*
(«Ultimatum», p. 15)

A biografia de umha praia que som eu, tu, *todo*
(«Barranhám», p. 21)

Escrevendo nos teus poros a carícia,
Os mapas do amor, a vida *toda*
(p. 37),

na linha de outras expressons semelhantes empregadas polo autor noutro tempo:

toda a luz, toda a carne,
a primavera *toda.*

Quanto ao **léxico,** cumpre salientar o aspecto **metalingüístico:**

O sol, coa sua língua de lume,
Debuxa no mar os *grafemas* dum adeus.
Nessa paisagem de *monosílabos* precisos

Que venha a mim a palavra abrindo as portelas da casa
E que um ar vivo penetre os quartos desta existência
Precisa de sons articulados, e que o sentido seja dado
Por quem comigo pedir que a palavra venha.
(p. 33)

Um léxico, enfim, novo e antigo, onde o ámbito do **urbano** («asfalto», «cimento», «música urbana», «neón»...) ou a erótica do **corpo** oferecido e sonhado contribuem a configurar a semántica plural do poemário.

MAL DE LÍNGUAS, umha obra de **denúncia e construçom**

Bernardo PENABADE REI

Desde os últimos dias de 1990 o panorama cultural galego conta com umha nova empresa editora. Trata-se de **Edicións Positivas,** que, promovidas por Francisco Macías e Xosé Luís de Toro, eram dadas a conhecer na cidade de Santiago de Compostela com motivo da apresentaçom pública das suas duas primeiras publicaçons, umha literária e ensaística a outra.

Umha dessas obras com que se inaugurou a nova editora foi *Mal de línguas* (1), ensaio sociolingüístico da autoria de Jesús Tusón, professor de Lingüística Geral na Universidade de Barcelona e autor de ensaios de divulgaçom originariamente escritos em catalám e mais tarde traduzidos para outras línguas, como ocorre neste caso com a versom de Xulio C. Sousa.

Estruturada em cinco capítulos, precedidos de dous prólogos —um deles «á versión galega»— e seguidos de um epílogo intitulado «Final. Unha nova educación lingüística. Unha nova educación» e dumha extensa bibliografía (2), a obra que inaugura a colecçom **Plural** de **Edicións Positivas** tem como objectivo prioritário servir de «defensa de tódalas linguas e de tódolos pobos, á marxe de fronteiras políticas» (pág. 8). No mesmo prólogo insiste-se em que é «unha reflexión para a educación da sensibilidade lingüística (...) insistindo especialmente na defensa das linguas ameazadas».

Umha vez diferenciados os conceitos de **linguagem** e **línguas** e demonstrada a pluralidade lingüística mundial —existe umha média de mais de dezassete línguas por cada estado—, o autor, num magnífico apartado que leva por título «Da ignorancia ó irracionalismo» (págs. 22-27), define e contrasta entre si os **juízos de valor** e os **juízos de facto.** Os **juízos de valor** dam lugar a preconceitos, crenças e a opinions ou manias pessoais e oferecem indícios sobre os gostos e a educaçom recebida polo indivíduo. Tal como se afirma «son parte do noso autorretrato» (pág. 23) e tenhem especial perigo quando se referem à gente e aos povos, porque neles está a fonte de egocentrismos e heterofobias, tam promovidas por alguns poderes governantes.

«A terra branda das linguas» é título de um apartado em que se nos informa das duas perspectivas de análise das línguas: **lingüística** e **sociolingüística.** Seguidamente oferecem-se-nos várias definiçons de **preconceitos lingüísticos,** caracterizados como umha forma de racismo (pág. 28).

> «...é unha desviación da racionalidade que ten a forma de xuicio de valor emitido sobre unha lingua, ben sobre os (seus) falantes, xerado directamente, sexa pola ignorancia, sexa pola malevolencia, axustado a estereotipos maniqueos e dictado pola molestia que nos producen as diferencias» (págs. 30-31).

Um percorrido diacrónico polos diferentes «despropósitos lingüísticos» existentes ao longo da história é o que constitui o segundo capítulo, intitulado «As vellas pegadas da etnolatria». Segundo o autor, é preciso reinvindicar a memória dos desatinos para nom repetir as páginas grotescas da história.

Desde sempre houvo opinions sobre a linguagem, portanto também existem desde tempos imemoriais os preconceitos lingüísticos; algum momentáneo e persistentes outros. De entre os citados, podemos salientar como etapas mais significativas as que seguem:

a) **os clássicos.** A modo de exemplo cita-se o caso de Platom, quem no seu *Cratilo* dá opinions a respeito das mudanças semánticas caindo por vezes em certos prejuízos.

b) **o Renascimento.** Os intelectuais renascentistas tinham interesse em dignificar as suas respectivas línguas e pugnavam por demonstrar a mais absoluta latinidade. Neste apartado oferecem-se-nos as ideias lingüísticas de Dante, de quem poderíamos compilar umha antologia do preconceito (págs. 40-44).

c) **Ilustraçom-Romantismo.** Neste período os preconceitos estám encaminhados em duas direcçons absolutamente contrapostas: os emitidos polos de-

fensores da normalizaçom dos diferentes idiomas e os promovidos por aqueles que tentam conseguir a uniformizaçom.

c.1. **Os prejuízos glotogáficos.** O jeito de pensar da época, ao que nom fôrom capazes de escapar os mesmos Rousseau e Von Humboldt, é ilustrado com um comentário da voz «Langue» inserida na *Encyclopedie.* A terminologia mais usual contempla a existência de línguas analógicas, transpossitivas, e aptas para a oratória, a mentira, o teatro e a fabulaçom.

c.2. No mesmo tipo de discurso caírom os defensores das línguas, especialmente de aquelas empregadas em territórios sem Estado. Os românticos defendêrom os seus idiomas próprios com base nas suas hipotéticas qualidades poéticas e a perfeiçom absoluta. O professor Tusón, neste sentido, louva os trabalhos de aqueles intelectuais que procuram o *equilíbrio.*

A vitalidade dos preconceitos na actualidade é o tema tratado no terceiro capítulo. Numha primeira parte introdutória diferenciam-se dous tipos: **preconceitos conscientes** e **inocentes.** Estes últimos som objecto de análise na segunda parte do capítulo.

Os **preconceitos inocentes.** Som assim denominados os estereotipos promovidos por educadores que padecêrom um ensino convencional etnocentrista. Entre os mais difundidos comenta com o mais absoluto pormenor os que seguem: línguas **fáceis** e **difíceis, suaves** e **ásperas** e **maioritárias** e **minoritárias.**

Tal e como afirma Tusón, os **preconceitos conscientes,** aqueles que se «cocen na dimensión culta, son os mais sutís» (pág. 74). Por isso é necessário ser implacável com os responsáveis desta má educaçom e tenros com quem fôrom objecto passivo dela.

A oposiçom tendenciosa entre língua e dialecto, a classificaçom dos idiomas segundo o volume de vocabulário, a importáncia do acervo cultural escrito e a existência de usos «louváveis e menospreçáveis» som alguns dos argumentos mais empregados para justificar a desigualdade das línguas.

Num apartado que leva por título «Queredes escribi-la *Divina Comedia* en suahili?» critica-se que o pensador espanhol Julián Marías defenda a desigualdade lingüística apoiando-se no volume de vocabulário. O exemplo das tentativas de um Dicionário do catalám feitas por Mayáns e Labernia servem de exemplo da falsidade de tais argumentos (pág. 82). Mas, um argumento fundamental está no contributo de E. Benveniste que a seguir reproduzimos tal como aparece recolhido em *Mal de Linguas:*

> «os voos do pensamento están mais ligados coas capacidades humanas, coas condicións xerais da cultura e coa organización da sociedade ca non coa natureza particular da lingua» (pág. 83).

Com respeito aos usos lingüísticos, alguns especialistas oponhem umhas variedades louváveis, empregadas por gente «educada», e outras variedades «menospreçáveis», empregadas polos «iletrados da rua». Em *Mal de Linguas* clarifica-se que esta dicotomia existe por culpa de que as instituiçons educativas promovem a uniformizaçom lingüística e, portanto, rejeitam a pluralidade dialectal. Por isso, para promover o equilíbrio da diversidade, frente a este modelo educativo é necessário defender todos os registos lingüísticos, desde os mais solenes aos mais coloquiais e espontáneos (pág. 86).

Atendendo às diferenças existentes entre **língua** e **dialecto,** Tusón manifesta que em princípio fôrom interessantes, mas que na actualidade, e por causas alheias à lingüística, estes conceitos adquirírom novos valores semánticos. Neste sentido mencionam-se os **valores histórico-genéticos** e os **sincrónico-descritivos** e pergunta polo método adequado para efectuar a distinçom destes últimos. A respeito do **stándard,** essa variedade magnificada polos diferentes poderes públicos e privados, nega que seja oportuno denominá-lo **língua** e apresenta-o como outra das variedades. Finalmente, a modo de resumo, afirma:

> «As dicultades para separar aquilo que é un dialecto ó lado doutros dialectos e aquilo que é lingua diferente son case insalvables» (pág. 88).

Em «As pseudo-razóns dos novos civilizadores», o quinto capítulo do livro, o autor critica com dureza o papel desempenhado por vários intelectuais que, ou se deixam levar polo patriotismo, ou trabalham ao serviço do poder estabelecido. As mais duras críticas estám dirigidas a textos de Menéndez Pidal, Rafael Lapesa, Julián Marías, Gregorio Salvador, Ma-

nuel Alvar e Viktor V. Vinogradov. Os trechos que seguem oferecem-nos um claro exemplo da funçom desempenhada por estes intelectuais:

> «Hai dous xeitos de controlar un pobo: un é a *opresión:* o outro a *asimilaçom ideolóxica»* (pág. 97).
>
> «Un estado moderno promoverá ó mesmo tempo a instrucción e a ignorancia: será preciso contar con técnicas ben preparadas, expertos monográficos en disciplinas diversas e rendibles e que non estean en condicións de dubidar, de preguntarse se aquilo que fan ten algún sentido e para que o ten» (pág. 98).

Umha vez superados os prejuízos decimonónicos, os **ideólogos da língua,** aqueles intelectuais que justificam as acçons do poder e que adoutrinam as massas, som os encarregados de inventar novos argumentos, encaminhados a dirigir o uso lingüístico no sentido que lhe interesse ao poder. Neste sentido, as escolhidas som sempre «línguas internacionais», «de comunicaçom» e de «progresso»; as outras som apresentadas como prejudiciais, como umha barreira situada entre o indivíduo e o mundo.

Tusón, face a esta classificaçom anterior —preocupada por difundir «urbi et orbe» as avantagens da assimilaçom idiomática— propóm umha nova classificaçom das línguas a nível mundial. Esquematicamente ficaria como segue:

a) Segundo o poder:
   a.1) línguas sem estado (maioritárias).
   a.2) línguas com estado.
      a.2.1) estados monolíngües.
      a.2.2) estados plurilíngües.

b) Segundo a extensom:
   b.1) línguas empregadas num estado.
   b.2) línguas empregadas em vários estados.

O «epílogo», umha pequena parte a quem o autor chama «Final» e que leva o sugerente título de «Unha nova educación lingüística; unha nova educación», recolhe um resumo dos capítulos anteriores e lembra com especial ênfase os casos de desapariçom de algumha língua em que fôrom importantes a extensom dos preconceitos e a promoçom da desigualdade.

Justo antes de pôr o remate à obra, o autor —dirigindo-se especialmente aos educadores— fai umha *chamada à reacçom,* à defesa do igualitarismo, tanto a respeito das línguas quanto ao que atinge às condiçons gerais da vida dos pobos.

> «É preciso recoñece-la diversidade e a unidade profunda que se esconde e que fai posible o brillo da riqueza humana, dunha humanidade onde ninguén ten o dereito de ser máis ca ningún outro e onde ninguén poderá nunca aducir razóns lexítimas para esmaga-los seus semellantes e todo aquilo que é obra dos humanos: as súas culturas e as súas linguas» (pág. 119).

Com efeito, cremos que este *Mal de linguas* é um grande contributo para todas as pessoas que estiverem empenhadas no processo normalizador da sua língua, em especial para aquelas que desempenharem responsabilidades educativas. Num contexto conflitivo, como é o nosso, a comunidade dominante sempre tenta a assimilaçom do que a ela é diferente e um dos mecanismos de unificaçom mais empregados é a criaçom e extensom de preconceitos a respeito da cultura rival. Neste sentido, é vital para as comunidades dominadas a ediçom e solidário intercámbio de materiais didácticos que contribuam a clarificar socialmente as falsidades da ideologia etnocentrista.

Nom caímos no erro de avaliar o contributo do professor Tusón tendo em conta a afinidade ideológica do ecolingüísmo glótico. Qualquer leitor pode comprovar a extraordinária metodologia empregada: inicial exposiçom do método de trabalho, compilaçom, classificaçom e análise pormenorizada de um extenso número de preconceitos; todo redigido num estilo irónico que nos fai superar a monotonia.

O CEMITÉRIO DE SANTO AMARO*

Henrique RABUNHAL

O nosso companheiro da redacçom de Agália José Maria Monterroso Devesa é o autor de um singular volume consagrado ao cemitério corunhês de Santo Amaro escrito por iniciativa de Filipe Seném, director do Museu Arqueológico da Corunha e editado precisamente pola Associaçom dos Amigos do Museu. O autor contou com a colaboraçom de Augusto Botana, Sofia Bermúdez Parga tendo consultado documentos no Arquivo Diocesano de Compostela, nas paróquias de Sant'Iago/Santa Maria, Sam Nicolás e Sam Jorge da Corunha e S. Olaia de Liáns, no Julgado de Oseiro e na hemeroteca de *La Voz de Galicia* tendo-se beneficiado, segundo confessa, de informaçons facilitadas pola sua mai. Monterroso, poeta, ensaista, conferencista, é um dos melhores conhecedores da história corunhesa, assunto sobre o qual tem escrito abundantemente. Com formosa portada do artista Perfecto A. Estévez e fotografias do próprio autor o vulume começa com diversas citaçons em torno ao camposanto herculino e ao assunto da morte da Pardo-Baçam, de Rodríguez Yordi, de Castelao e Celso Emílio. Na «Adverténcia» o autor declara ter-se interessado polo certamente elevado número de «persoeiros» da nossa história que fôrom soterrados no cemitério corunhês começando por Murguia e os seus filhos, Curros e Pondal polo qual o livro pretende ser mais um acto de recuperaçom histórica do que um exercício necrofílico. Concebido como guia de caminhantes Monterroso considera a necrópole em três grandes recintos: o Cemitério Geral —organizado em quatro departamentos—, o ex-civil e o Británico. O volume inclui um índice onomástico dos enterramentos, umha cronologia dos mesmos desde 1824 até 1991 constituindo a sua parte central o «Repertório de inscripçons» entre as quais sublinhámos as de Francisco Tettamancy, António e Ramom Vilar Ponte, Martínez Salaçar, Marcial del Adalid, Angel Casal, Cebreiro, Joana de la Vega, Castro Chané, Francisca Herrera, Galo Salinas, Martelo Paumám, os Carrés, Lugris para além dos citados Curros, Pondal e os Murguia. Monterroso incorpora múltiplas referências sobre as pessoas que fôrom protagonistas da história local corunhesa, da galega e ainda da espanhola. O volume completa-se com um índice de corunheses que nom repousam nos cemitérios de Santo Amaro e umha bibliografia.

A Corunha, na Primavera de 1993

---

* Xosé Maria Monterroso Devesa, *O cemitério de Santo Amaro.* Guia de alguns enterramentos de interesse (histórico ou anedótico), nos cemitérios centrais da Coruña a partir das inscripçons neles existentes, Asociación de Amigos do Museu Arqueolóxico, A Corunha, 1992, 109 páginas.

CORREIO

Revista Agália
Aptdo. 453
36080 OURENSE

Passado um tempo de cortesia, tenho a honra de lhe enviar cópia do escrito que, em 19 de Janeiro, elevou a *Associação de Amizade «Galiza-Portugal»* ao Delegado, na Galiza, do Governo do Reino. Ainda não tivemos notícia nenhuma.

Na confiança de que no meio da sua direção se dê a informação oportuna, receba os nossos melhores cumprimentos.

Santiago de Compostela, 13 de Fevereiro de 1993.

Ass. António Gil Hernández

GOBIERNO CIVIL DE LA CORUÑA
REGISTRO ESPECIAL DE DOCUMENTOS
ART.° 66 DE LA L.P.A.
HORA: .....
19 ENE. 1993
Núm.: .....

Destinatário: Delegado do «Gobierno de la Nación». Comunidade Autonómica de «Galicia». Corunha.

Assunto: A propósito duma notícia sobre a «reforma» das *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego* (ILG-RAG), de 1982.

A Associação de Amizade Galiza-Portugal e os sócios assinantes, perante a notícia que publicou *La Voz de Galicia* (5 de Janeiro de 1993, terça-feira, p. 30) e que nem foi a primeira nem será a última sobre a «grafia ILG-RAG» para o idioma galego, tem a bem expor-lhe:

1.° Entendemos que no Reino da Espanha não se legisla sobre ortografia nem do castelhano, nem, menos ainda, para as língua «autonómicas». Convém que as instituições espanholas lembrem aos mass-media esse facto.

2.° Portanto, é o Povo (como diz o Secretário da RAG) o que tem de estabelecer e generalizar (*i.e.* socializar) a formalização gráfica e oral da sua língua, sem interferências interessadas de órgãos públicos e parecidos (bem ou mal). Convém que as instituições, espanholas, procedam, também nesse senso, conforme com a legalidade que elas produzem.

3.° Aliás, o galego é já língua oficial na União Europeia sob o seu nome de «português» e acha-se unificado em virtude do Acordo Ortográfico (Rio de Janeiro, 1986; Lisboa, 1990), a vigorar desde Janeiro de 1994. Resolução da Assembleia da República portuguesa n.° 26/91; Decreto da Presidência da República portuguesa n.° 43/91, de 23 de Agosto (Diário da República, n.° 193, 28 de Agosto de 1991).

Em consequência, SOLICITAMOS que transmita ao Presidente da RAG e à Douta corporação estas considerações. Ponha-lhe-las também no conhecimento das autoridades responsáveis quer estatais, quer autonómicas, quer locais, nomeadamente da Direção Geral de Política Linguística e do seu titular.

É justo.

Corunha, 17 de Janeiro de 1993

Assinam pela Associação:

O Presidente, António Gil Hernández (B.I. n.° 3.024.759), domiciliado em Av. Peruleiro, n.° 18 - 7.° esq.°. 15011. Corunha.

B. I. n: 32.740465

JESUS SÁNCHEZ SOBRADO
B.I. 34.257.201

J. ADELCI CRISTIANO OLIVEIRA
DNI: 33.264.187

B. I. n.° 32.777.942

Luís M. Mazás López
DNI. 32.786.240

F.I. Nr. 884.084

AGÁLIA

Revista da Associaçom Galega da Língua

Assinatura por um ano (quatro números):

Membros da AGAL	2.700 ptas.
Península Ibérica	3.400 ptas.
Europa	3.700 ptas.
Resto do Mundo	4.500 ptas.

NOME.....

MORADA.....

.....

LOCALIDADE.....PAÍS.....

DATA...../...../..... ASINATURA

Queiram considerar-me assinante da Revista AGÁLIA a partir do número..... inclusive, efectuando o pagamento por meio de:

- ☐ Transferência bancária à conta corrente n.º 1888-7, Caixa Galicia de Ourense (Oficina Principal), especificando claramente nome, apelidos e endereço do novo assinante.
- ☐ Domiciliaçom bancária.
- ☐ Giro postal ou giro urgente n.º.....

A G A L — ASSOCIAÇOM GALEGA DA LINGUA

FOLHA DE INSCRIÇOM (Cubra-se com letra clara)

Nome e apelidos.....

D.N.I.....Profissom.....

Endereço (Rua, Praça).....

Vila, Cidade.....País.....(Tfno. (.....).....

Data de nacimento...../...../..... Quota Anual

Modo de pago: Ingresso directo na c/c n;º 1888-7 (Caixa Galicia, O.P. Ourense) ou domiciliaçom bancária. A tal efeito roga-se juntar a este boletim notificaçom do número de c/c, Banco ou Caixa, Sucursal e localidade.

Quotas: **Trabalhadores:** 6.500 ptas./ano (inclui Revista).
Desempregados: 1.500 ptas./ano (com Revista 4.000).

AGÁLIA

Revista da Associaçom Galega da Língua

Redacçom: Aptdo. 560 - 15080-Corunha.
Aptdo. 289 - 15780-Santiago de Compostela.
Administraçom: Aptdo. 453 - 32080-Ourense.

GALIZA

AGAL

Aptdo. 453

32080-OURENSE

GALIZA

Publicaçons da Associaçom Galega da Língua

- *Colecçom «Universália»*

Lôpez-Suevos Fernández, Ramom: *Dialéctica do Desenvolvimento. Naçom, Língua, Classes Sociais,* 1983. (Esgotado).

Comissom Lingüística da AGAL: *Estudo Crítico das Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego,* 1983. 169 págs. (Esgotado).
2.ª Ed. corrigida e acrescentada, 1989, 302 págs.

Carvalho Calero, Ricardo: *Letras Galegas,* 1984. 349 págs.

Comissom Lingüística da AGAL: *Prontuário ortográfico galego,* 1985. 318 págs.

Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1986. 820 págs.

Lôpez-Suevos, Ramom: *Portugal no quadro peninsular. Subsídios para a análise histórica-estrutural,* 1987, 224 págs.

Souto, Elvira: *Contribuiçom ao estudo do romance iniciático galego,* 1987, 95 págs.

Haller, Michel, *Tratado de contraponto e de composiçom contrapontística.* Traduçom e adaptaçom de Joám Trilho, 1987, 212 págs.

Comissom Lingüística da AGAL: *Guia prático de verbos galegos conjugados.* 1988. 128 págs.

Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1989. 928 págs.

Monterroso Devesa, J. M.: *Apelidos galegos.* 1989. 32 págs.

Morám Fraga, César-Carlos: *O mundo narrativo de Álvaro Cunqueiro,* 1990. 176 págs.

Associaçom Galega da Língua: *Poder, Ideologia e Língua* (Yvo JD Peeters, editor), 1991. 120 págs.

- *Colecçom «Clássicos»*

Cotarelo Valhedor, Armando: *Trebón,* Ediçom, estudo e adaptaçom ao Galego Actual de Ramom Reimunde, 1984. 221 págs.

Rosalia de Castro: *Folhas Novas,* Ediçom e notas de E. Souto Presedo; prólogo de F. Salinas Portugal, 1985. 266 págs.

- *Colecçom «Criaçom»*

Manuel Maria: *A luz Ressuscitada,* Carta-prefácio de António Gil Hernández, 1984. 138 págs. (Esgotado).

Carvalho Calero, Ricardo: *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985),* 1986. 192 págs.

Marinhas del Valle, Jenaro: *A vida escura,* 1987, 170 págs.

Béjar, Julio et alii: *Fogo cruzado* (relatos), 1989, 96 págs.

Guisan Seixas, João: *Origem certa do farol de Alexandria* (re-ediçom), 1989, 88 págs.

Gómez, Joel R.: *Quando o sol arde na noite,* 1990. 115 págs.

Guerra da Cal, Ernesto: *Lua de Além-Mar* e *Rio de Sonho e Tempo,* 1991, 292 págs.

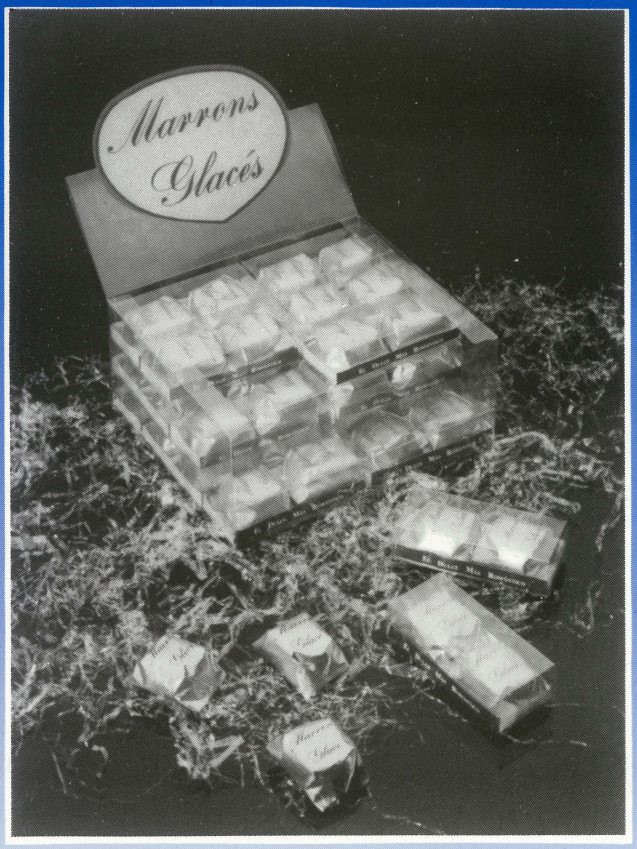
- Revista *AGÁLIA.* Publicaçom trimestral desde o ano 1985. 128 págs.

Revista *AGÁLIA.* Monográfico n.º 1, *Problemática do sector lácteo,* dirigido e coordenado por Cláudio López Garrido, 1987, 160 págs.

Monográfico n.º 2, *Estudos sobre a História da Economia de Galiza,* dirigido e coordenado por Joám Carmona, 1989, 96 págs.

PARA OS QUE GOSTAM DO GALEGO

Marrons Glacés José Posada



«Recomendamos tomar tantos Marrons Glacés como ilusons se tenham na vida, esperança no futuro e alegria de pisar a Terra

José Posada

ELABORADO POR MARRON GLACÉ, S. L.

Polígono Industrial Sam Cibrao das Vinhas

Rua Seis • Tel. (988) 23 05 45 • Telefax (988) 23 07 54

32901 OURENSE - GALIZA